

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MINÉIA CARVALHO RODRIGUES**

**A CONFIGURAÇÃO DO LAZER NO ESPAÇO DAS  
UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE**

Campinas

2007

MINÉIA CARVALHO RODRIGUES

**A CONFIGURAÇÃO DO LAZER NO ESPAÇO DAS  
UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE**

Tese apresentada como requisito à obtenção do título de  
Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-  
Graduação em Educação Física da Universidade  
Estadual de Campinas.

Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis  
(Orientadora)

Campinas  
2007

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF-UNICAMP

R618c Rodrigues, Minéia Carvalho.  
A configuração do lazer no espaço das Universidades da Terceira Idade / Minéia Carvalho Rodrigues, SP: [s.n], 2007.

Orientador: Heloisa Helena Baldy dos Reis.  
Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Lazer. 2. Envelhecimento. 3. Universidade da Terceira Idade. 4. Educação. 5. Sociabilidade. 6. Idosos. I. Reis, Heloisa Helena Gomes dos. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(dilsa/fef)

**Título em inglês:** The configuration of leisure space in the Universities of the Third Age.

**Palavras-chave em inglês (Keywords):** Leisure, Aging, Universities of the Third Age, Education, Sociability, Aged.

**Área de Concentração:** Estudos do Lazer.

**Titulação:** Doutorado em Educação Física.

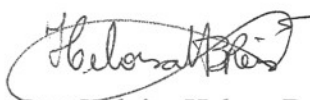
**Banca Examinadora:** Edmundo de Drummond Alves Júnior. Gisele Maria Schwartz. Nelson Carvalho Marcellino. Vera Aparecida Madruga Forti.

**Data da defesa:** 26/11/2007

MINÉIA CARVALHO RODRIGUES

**A CONFIGURAÇÃO DO LAZER NO ESPAÇO DAS  
UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE**

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de  
Doutorado defendida por Minéia Carvalho Rodrigues e  
aprovada pela Comissão Julgadora em 26/11/07.



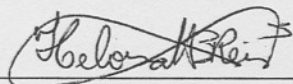
Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis  
(Orientadora)

Campinas  
2007

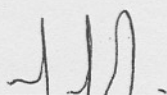
MINÉIA CARVALHO RODRIGUES

A CONFIGURAÇÃO DO LAZER NO ESPAÇO DAS UNIVERSIDADES DA  
TERCEIRA IDADE

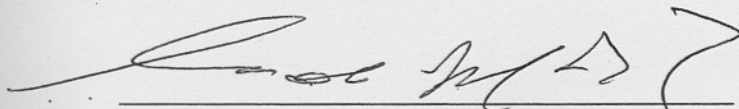
Tese defendida e aprovada em 26 de novembro de 2007, pela banca  
examinadora constituída pelos professores.



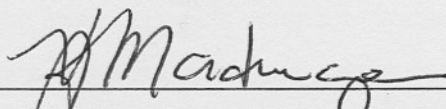
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis  
(Orientadora)



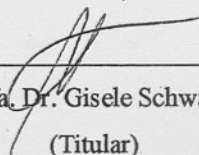
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino  
(Titular)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Edmundo de Drummond Alves Junior  
(Titular)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Vera Aparecida Madruga Forti  
(Titular)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Gisele Schwartz  
(Titular)

*Dedico este trabalho à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado  
nos momentos mais difíceis da minha vida, conduzindo-me  
passos com amor e segurança.*

*Dedico este trabalho à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida, conduzindo meus passos com amor e segurança.*

## AGRADECIMENTOS

À professora Heloisa, pelos momentos de convivência, compreensão, afeto e aprendizagem.

Ao professor Marcellino, que abriu mão de seu tempo, de sua casa e de sua amizade, para me ajudar e colocar em ordem minhas idéias.

Ao professor Edmundo que me recebeu com carinho em Niterói e que ajudou a delinear esta pesquisa.

Às professoras Vera e Gisele, membros da banca que trouxeram grandes contribuições para o meu trabalho.

À minha mãe Divina, ao meu pai Silvio, à minha irmã Paula e à minha avó Maria, que sempre torceram e vibraram com cada passo que dava.

Ao meu marido Wesley, que compartilhou de todas minhas ansiedades, preocupações, por compreender minha longa ausência e pelo companheirismo.

À Sônia amiga, e posso dizer minha segunda mãe, que me acolheu com muito carinho em sua casa em Campinas, obrigada pelo apoio. As nossas conversas foram fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho.

A todos meus colegas da Universidade Federal de Goiás – *campus* Jataí, que lutaram pela minha qualificação.

À minha amiga e colega de doutorado Nilva, por me ouvir, pelo apoio, pelo companheirismo em Campinas, sem sua companhia as dificuldades seriam bem maiores.

À minha amiga Cátia, que sempre esteve disponível nos momentos mais difíceis de minha vida, mostrando que amiga não é só para os momentos de alegria, mas também de dificuldades, tristezas, angústias.

Ao professor Walter que sempre incentivou meus estudos.

Ao professor Edson, que foi coordenador do Programa da Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e à atual coordenadora Consolação, ambos sempre disponíveis quando precisei de algum auxílio.

Aos coordenadores, professores e alunos das instituições investigadas, que me receberam gentilmente e me concederam algumas horas de atenção.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro para cursar este programa e realizar este estudo.

Ao Edson, à Cyntia e à Sônia pela revisão realizada no meu trabalho.

À Márcia e à Mariângela pelo apoio e dedicação, sempre recebendo os alunos da pós-graduação com um sorriso.

A todos os professores que passaram por minha vida. Vocês são responsáveis por aquilo que cativaram. E são responsáveis por eu estar aqui hoje terminando mais esta etapa da minha vida.

#### DESEJOS

Desejo a vocês...  
 Fruto do mato  
 Cheiro de jardim  
 Namoro no portão  
 Domingo sem chuva  
 Segunda sem mau humor  
 Sábado com seu amor  
 Filme do Carlitos  
 Chope com amigos  
 Crônica de Rubem Braga  
 Viver sem inimigos  
 Filme antigo na TV  
 Ter uma pessoa especial  
 E que ela goste de você  
 Música de Tom com letra de Chico  
 Frango caipira em pensão do interior  
 Ouvir uma palavra amável  
 Ter uma surpresa agradável  
 Ver a Banda passar  
 Noite de lua cheia  
 Rever uma velha amizade  
 Ter fé em Deus  
 Não ter que ouvir a palavra não  
 Nem nunca, nem jamais e adeus.  
 Rir como criança  
 Ouvir canto de passarinho.

Sarar de resfriado  
 Escrever um poema de Amor  
 Que nunca será rasgado  
 Formar um par ideal  
 Tomar banho de cachoeira  
 Pegar um bronzeado legal  
 Aprender uma nova canção  
 Esperar alguém na estação  
 Queijo com goiabada  
 Pôr-do-Sol na roça  
 Uma festa  
 Um violão  
 Uma seresta  
 Recordar um amor antigo  
 Ter um ombro sempre amigo  
 Bater palmas de alegria  
 Uma tarde amena  
 Calçar um velho chinelo  
 Sentar numa velha poltrona  
 Tocar violão para alguém  
 Ouvir a chuva no telhado  
 Vinho branco  
 Bolero de Ravel  
 E muito carinho meu.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



## Reverência ao destino

*Falar é completamente fácil, quando se tem palavras em mente que expressem sua opinião.  
Difícil é expressar por gestos e atitudes o que realmente queremos dizer, o quanto queremos dizer, antes que a  
pessoa se vá.*

*Fácil é julgar pessoas que estão sendo expostas pelas circunstâncias.  
Difícil é encontrar e refletir sobre os seus erros, ou tentar fazer diferente algo que já fez muito errado.*

*Fácil é ser colega, fazer companhia a alguém, dizer o que ele deseja ouvir.  
Difícil é ser amigo para todas as horas e dizer sempre a verdade quando for preciso.  
E com confiança no que diz.*

*Fácil é analisar a situação alheia e poder aconselhar sobre esta situação.  
Difícil é vivenciar esta situação e saber o que fazer ou ter coragem pra fazer.*

*Fácil é demonstrar raiva e impaciência quando algo o deixa irritado.  
Difícil é expressar o seu amor a alguém que realmente te conhece, te respeita e te entende.  
E é assim que perdemos pessoas especiais.*

*Fácil é mentir aos quatro ventos o que tentamos camuflar.  
Difícil é mentir para o nosso coração.*

*Fácil é ver o que queremos enxergar.  
Difícil é saber que nos iludimos com o que achávamos ter visto.  
Admitir que nos deixamos levar, mais uma vez, isso é difícil.*

*Fácil é dizer "oi" ou "como vai?"  
Difícil é dizer "adeus", principalmente quando somos culpados pela partida de alguém de nossas vidas...*

*Fácil é abraçar, apertar as mãos, beijar de olhos fechados.  
Difícil é sentir a energia que é transmitida.  
Aquele que toma conta do corpo como uma corrente elétrica quando tocamos a pessoa certa.*

*Fácil é querer ser amado.  
Difícil é amar completamente só.  
Amar de verdade, sem ter medo de viver, sem ter medo do depois. Amar e se entregar, e aprender a dar valor  
somente a quem te ama.*

*Fácil é ouvir a música que toca.  
Difícil é ouvir a sua consciência, acenando o tempo todo, mostrando nossas escolhas erradas.*

*Fácil é ditar regras.  
Difícil é segui-las.  
Ter a noção exata de nossas próprias vidas, ao invés de ter noção das vidas dos outros.*

*Fácil é perguntar o que deseja saber.  
Difícil é estar preparado para escutar esta resposta ou querer entender a resposta.*

*Fácil é chorar ou sorrir quando der vontade.  
Difícil é sorrir com vontade de chorar ou chorar de rir, de alegria.*

*Fácil é dar um beijo.  
Difícil é entregar a alma, sinceramente, por inteiro.*

*Fácil é sair com várias pessoas ao longo da vida.*

*Difícil é entender que pouquíssimas delas vão te aceitar como você é e te fazer feliz por inteiro.*

*Fácil é ocupar um lugar na caderneta telefônica.  
Difícil é ocupar o coração de alguém, saber que se é realmente amado.*

*Fácil é sonhar todas as noites.  
Difícil é lutar por um sonho.*

*Eterno, é tudo aquilo que dura uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade, que se petrifica, e nenhuma força jamais o resgata.*

**AUTOR DESCONHECIDO**

RODRIGUES, Minéia Carvalho. *A configuração do lazer no espaço das Universidades da Terceira Idade*. 2007. 168f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

## RESUMO

O grande desafio a que este trabalho se propôs foi o de desvendar o lazer no espaço institucional das Universidades da Terceira Idade. Para tal, buscamos verificar qual o conceito de lazer que sustenta suas propostas, os conteúdos culturais de lazer predominantes, os objetivos de suas propostas em relação ao lazer, as atividades de lazer desenvolvidas e o que estão denominando lazer em suas propostas. Enquanto metodologia, o estudo foi realizado mediante a combinação de pesquisa bibliográfica com as pesquisas documental e de campo. A técnica de amostragem utilizada para a seleção das duas Universidades da Terceira Idade, localizadas em Campinas-SP, obedeceu a critérios não-probabilísticos, intencionais, por acessibilidade e concordância. Na pesquisa documental, fizemos uso da análise de conteúdo dos programas das duas instituições que participaram da investigação. Para coleta de dados, utilizei como instrumento a observação assistemática, entrevista semi-estruturada e ficha de informações sociodemográfica. Na busca de compreender como se configura o lazer no espaço institucional das Universidades da Terceira Idade, procurou-se justapor os dados da pesquisa bibliográfica com os da pesquisa documental, da observação e da entrevista. Com a realização deste estudo, foi possível afirmar que o lazer é a essência das Universidades da Terceira Idade investigadas e configura-se, neste espaço institucional, por meio dos seus conteúdos sociais, físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos e turísticos. Contudo, a negação em relação ao lazer, encontrada em ambas as instituições, mostra a necessidade de um maior aprofundamento em relação ao conhecimento sobre o lazer por todos os envolvidos nas Universidades da Terceira Idade, já que o lazer se constitui em um instrumento pedagógico para o desenvolvimento dos indivíduos, não somente pelo seu comprovado valor educacional, mas também, pela identificação de seus conteúdos às expectativas dos idosos. O estudo também revelou que as Universidades da Terceira Idade representam novos modos de vivenciar o lazer na velhice.

Palavras-chave: lazer; envelhecimento; Universidades da Terceira Idade.

RODRIGUES, Minéia Carvalho. *The configuration of leisure space in the Universities of the Third Age*. 2007. 168f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

### ABSTRACT

The great challenge the one that this work proposed left the one of unmask the leisure in the institutional space of Universities of the Third Age. For such, we search for to verify which the leisure concept that sustains your proposals, the cultural contents of leisure predominant, the objectives of your proposals in relation to the leisure, the leisure activities developed and what is denominating leisure in your proposals. While methodology, the study was accomplished by the combination of bibliographical research with the documental researches and of field. The sampling technique used for the selection of two Universities of the Third Age, located in Campinas-SP, it obeyed criteria no-probability, intentional, for accessibility and agreement. In the documental research, we made use of the analysis of content of the programs of the two institutions that participated in the investigation. For collect of data, I used as instrument the observation not systematic, semi-structured interview and record of information partner-demographic. In the search of understanding as the leisure is configured in the institutional space of Universities of the Third Age, it tried to juxtapose the data of the bibliographical research with the one of the documental research, of the observation and of the interview. With the accomplishment of this study, it was possible to affirm that the leisure is the essence of investigated Universities of the Third Age and it is configured in this institutional space through your contents social, physical-sporting, manuals, intellectuals, artistic and tourist. However the denial in relation to the leisure, found in both institutions, it shows the need of a larger deeply in relation to the knowledge on the leisure for all involved them in Universities of the Third Age, since the leisure is constituted a pedagogic instrument for the individuals' development, not only for your proven educational value, but also for the identification of your contents to the seniors' expectations. The study also revealed that Universities of the Third Age represents new manners of living the leisure in the age.

Keywords: leisure; aging; Universities of the Third Age.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição do total de alunos da UNATI-1 segundo a idade em anos.....	92
Tabela 2: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-1 segundo a idade em anos.....	92
Tabela 3: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-1 segundo o estado civil .....	93
Tabela 4: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-1 segundo o grau de instrução .....	93
Tabela 5: Distribuição do total de alunos da UNATI-2 segundo a idade em anos.....	100
Tabela 6: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-2 segundo a idade em anos.....	100
Tabela 7: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-2 segundo o estado civil .....	101
Tabela 8: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-2 segundo o grau de instrução .....	101

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIUTA.....	Association Internationale dos Universitès du Troisième Age
ANG .....	Associação Nacional de Gerontologia
CEI.....	Conselho Estadual do Idoso
CRUB .....	Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras
GAFTI .....	Grupo de Atividades Físicas para a Terceira Idade
LBA .....	Legião Brasileira de Assistência
MEC .....	Ministério da Educação
NAI.....	Núcleo de Assistência ao Idoso
NETI.....	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
NIEATI.....	Núcleo Integrado de Estudos e apoio à Terceira Idade
NUPOSS.....	Núcleo de Políticas Sociais e Serviço Social
OMS .....	Organização Mundial da Saúde
PNAD .....	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PUCCAMP.....	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUC-SP.....	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SBGG .....	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SESC.....	Serviço Social do Comércio
UECE.....	Universidade Estadual do Ceará
UERJ.....	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFSC .....	Universidade Federal de Santa Catarina

UNATI..... Universidade da Terceira Idade  
UNATIs ..... Universidades da Terceira Idade  
UNESP ..... Universidade Estadual Paulista  
UNICAMP..... Universidade Estadual de Campinas  
UNISANTOS .... Universidade Católica de Santos  
USP..... Universidade de São Paulo

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Distribuição dos programas para terceira idade por região.....	85
---	----



## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Relação das Universidades da Terceira Idade localizadas pelo estudo exploratório .....	165
Apêndice 2 – Roteiro da entrevista realizada com os alunos .....	169
Apêndice 3 – Roteiro da entrevista realizada com os coordenadores dos programas .....	170
Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	171
Apêndice 5 – Ficha de Informações Sociodemográficas.....	172

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 1 LAZER E ENVELHECIMENTO .....</b>	<b>25</b>
1.1. A velhice como problema social .....	27
1.2. As categorias de idade .....	29
1.3. Lazer e envelhecimento .....	34
<b>CAPÍTULO 2 LAZER .....</b>	<b>39</b>
2.1. Tempo .....	40
2.2. Tempo livre .....	47
2.3. Lazer: considerações teóricas e conceituais .....	55
2.4. Educação para o lazer .....	68
<b>CAPÍTULO 3 AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE.....</b>	<b>77</b>
3.1. Universidade da Terceira Idade: suas origens .....	78
3.2. A Universidade da Terceira Idade no Brasil: um estudo exploratório .....	82
3.3. As instituições investigadas.....	89
3.3.1. UNATI-1.....	91
3.3.2. UNATI-2.....	99
<b>CAPÍTULO 4 ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>111</b>
4.1. Aposentadoria: tempo livre ou tempo útil? .....	115
4.2. O significado do lazer.....	123
4.3. Entre o conhecer e o lazer – UNATI – espaço de apropriação ou negação do lazer?.	126
4.4. Os conteúdos culturais do lazer .....	131
4.5. O pedaço: sociabilidade e lazer .....	139
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>153</b>
<b>APÊNDICES ....</b>	<b>165</b>

## INTRODUÇÃO

Tudo são maneiras de ver  
*Onde você vê um obstáculo,  
 alguém vê o término da viagem  
 e o outro vê uma chance de crescer.  
 Onde você vê um motivo pra se irritar,  
 Alguém vê a tragédia total  
 E o outro vê uma prova para sua paciência.  
 Onde você vê a morte,  
 Alguém vê o fim  
 E o outro vê o começo de uma nova etapa...  
 Onde você vê a fortuna,  
 Alguém vê a riqueza material  
 E o outro pode encontrar por trás de tudo, a dor e a miséria  
 total.  
 Onde você vê a teimosia,  
 Alguém vê a ignorância,  
 Um outro compreende as limitações do companheiro,  
 percebendo que cada qual caminha em seu próprio passo.  
 E que é inútil querer apressar o passo do outro,  
 a não ser que ele deseje isso.  
 Cada qual vê o que quer, pode ou consegue enxergar.*

(AUTOR DESCONHECIDO)

*Porque eu sou do tamanho do que vejo.  
 E não do tamanho da minha altura.'*

FERNANDO PESSOA

Fragmentos do poema “Da minha aldeia” (Alberto Caiero, heterônimo de Fernando Pessoa em *O guardador de rebanhos*)

Meu interesse por esta investigação guarda estreita relação com minha experiência acadêmica e profissional. No ano de 1994, ingressei no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Goiás – *Campus* Avançado de Jataí. Durante a graduação, tive a oportunidade de atuar em projetos de extensão que envolviam realização de atividades físicas com grupos de idosos. Ainda cursando a licenciatura, no período de 1995 a 1997, trabalhei como professora de natação em uma academia, ministrando aulas para turmas de crianças, adolescentes, adultos e idosos. Contudo, a turma com que mantive maior proximidade foi a de idosos, pois, em quase todas as aulas, recebia agrados dos alunos e, além disso, eles disputavam minha atenção

com muito carinho, de forma que me lembro com saudades de cada aluno e dos três anos de dedicação a este trabalho.

Finalizando a graduação, adentrei no curso de especialização em Educação Física Escolar, na Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá. Na disciplina de natação, um dos conteúdos ministrados era destinado ao exercício aquático para pessoas idosas. Novamente estava envolvida com as questões ligadas ao envelhecimento. Em agosto de 1998, retornei à casa, desta vez, não como aluna: engajei-me como docente no ensino superior na mesma instituição em que me formei. Entre as disciplinas ministradas, fiquei responsável pela Ginástica II<sup>1</sup>, na qual parte do conteúdo era direcionada à atividade física para pessoas idosas. O envolvimento com a disciplina levou-me a implantar o Projeto de Atendimento ao Idoso (PAI), que atende a um grupo de idosos através de atividades físicas. Apaixonei-me tanto por esse trabalho, que o projeto completou agora 9 anos de existência e tem gerado pesquisas dentro do curso de Educação Física. Foi ele também o que suscitou minha dissertação de mestrado, uma pesquisa-ação intitulada: *O lazer e o idoso – uma possibilidade de intervenção*.

No ano de 2002, finalizei o mestrado, mas a intenção não era cessar meus estudos, e, no segundo semestre desse mesmo ano, participei de duas disciplinas na pós-graduação em educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como aluna-ouvinte, sendo que uma delas era ministrada pela professora Anita Liberalesso Néri, intitulada Teoria Geral do Envelhecimento. Os estudos e leituras realizados nessa disciplina, concomitante com minha experiência, levaram-me a perceber o quanto programas educacionais para idosos estavam crescendo dentro das instituições de ensino superior, fato que provocava minha curiosidade em relação ao assunto. Os seminários realizados no âmbito dessa disciplina instigaram ainda mais o meu interesse pelo assunto, principalmente quando entrei em contato com teses e dissertações cujas pesquisas foram realizadas em Universidades da Terceira Idade (UNATIs). Algumas dessas pesquisas indicavam que os programas das UNATIs eram diferenciados dos centros de convivência, clubes, Serviço Social do Comércio (SESC) e outras instituições, que centravam suas ações em atividades de lazer. Como docente do curso de Educação Física, percebia um certo

---

<sup>1</sup> Estudo dos diversos conceitos de saúde física e atividades compensatórias pelo exercício corporal. Aplicação de um modelo teórico-prático da ginástica para o atendimento às gestantes e/ou aos idosos. Análise e aplicação dos testes mais utilizados para o controle e a manutenção da saúde física (ementa da disciplina do curso de Educação Física do *Campus* Avançado de Jataí, Universidade Federal de Goiás).

preconceito em relação aos programas que privilegiavam o lazer em suas propostas. Passei, então, a questionar qual era o tratamento dado ao lazer nas UNATIs.

Essas reflexões realizadas incentivaram meu projeto de doutorado e, no ano de 2004, ingressei no programa de Pós-Graduação em Educação Física na UNICAMP. O ir e vir entre disciplinas na área de educação, gerontologia e lazer fomentou a abertura de novos conhecimentos e pesquisas, originando o estudo aqui apresentado.

Algumas idéias básicas constituíram ponto de partida para a investigação: Qual é a valorização dada ao lazer de acordo com as propostas das UNATIs? Como se configura o lazer no espaço institucional das UNATIs?

Essas duas idéias básicas delinearão outras interrogações. Assim, as problemáticas deste estudo centralizam-se em torno de averiguar nas UNATIs:

- qual o conceito de lazer que sustenta suas propostas?
- quais são os conteúdos culturais do lazer predominantes nas suas atividades de lazer?
- quais são os objetivos das suas propostas em relação ao lazer?
- quais atividades de lazer nelas são oferecidas e quais são as mais procuradas pelos idosos?
- o que estão denominando como lazer em suas propostas?

As respostas encontradas para esses questionamentos podem contribuir para área de educação física e estudos do lazer, pois procura conhecer e compreender as UNATIs como uma possibilidade de desenvolvimento cultural, pessoal e social para os idosos, por meio dos conteúdos culturais do lazer, que, por sua vez, guardam estreita relação com os conteúdos da educação física, especialmente com os conteúdos físico-esportivos. O estudo também pretende contribuir, de forma efetiva, com os cursos de formação de professores de educação física, na medida em que o conhecimento aqui tratado traz reflexões sobre um segmento da população que, muitas vezes, é ignorado nos currículos dos cursos de Educação Física. Quando se encontra alguma discussão acerca do envelhecimento no currículo, geralmente esta é apresentada numa perspectiva apenas biológica. Sendo assim, acredito que o estudo aqui empreendido se constitui num importante instrumento para a capacitação dos profissionais que pretendem atuar junto a grupos de idosos em espaços formais e informais de lazer.

Este trabalho compreende uma combinação de pesquisa bibliográfica com as pesquisas documental e empírica (SEVERINO, 2000). Para a revisão bibliográfica, foram utilizados:

- levantamento das obras relativas aos assuntos norteadores do trabalho: lazer, envelhecimento, UNATI, efetuado por meio dos Sistemas de Bibliotecas da UNICAMP, Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP);
- seleção desse material pela análise textual;
- aprofundamento das obras selecionadas por uma análise temática, por análise interpretativa e problematização.

A técnica de amostragem utilizada para a seleção das UNATIs obedeceu a critérios não-probabilísticos, intencionais, por acessibilidade e concordância. Na pesquisa documental, fiz uso da análise de conteúdo dos programas das duas instituições que participaram da investigação. Para pesquisa empírica utilizei como instrumento de coleta de dados a observação assistemática, entrevista semi-estruturada e ficha de informações sociodemográfica.

Na busca de compreender como se configura o lazer no espaço institucional das UNATIs, procurou-se justapor os dados da pesquisa bibliográfica com os da pesquisa documental, da observação e da entrevista.

A tese engloba quatro capítulos inter-relacionados. No primeiro, busquei trazer um panorama sobre questões relacionadas ao envelhecimento e ao lazer. Procurei esclarecer de que forma a velhice surge como problema social e quais questões ligadas ao envelhecimento possibilitaram que o idoso se afastasse de uma situação de invisível para identificado. Essa alteração na forma de compreender o envelhecimento fez emergir novas imagens e maneiras de tratar a velhice, que contribuíram para o processo de construção da noção de terceira idade. Em paralelo ao surgimento desse termo, aparecem outras formas de comportamento e estilos de vida proporcionados por atividades de lazer. Nesse contexto, o lazer aparece como um dos elementos fundamentais no processo de desconstrução da velhice e construção da terceira idade.

O segundo capítulo é demarcado por diálogos entre estudiosos que se vêm dedicando aos estudos do tempo, tempo livre e lazer. Nesse momento, ofereci maior atenção às apropriações conceituais que o tempo livre e lazer têm recebido, buscando refletir sobre suas apropriações, definições e interpretações.

No terceiro capítulo, abordo sobre as UNATIs, mostrando, em um primeiro momento, seu surgimento e desenvolvimento. Apresento, em um segundo momento, um estudo exploratório, no qual busquei conhecer a realidade brasileira, identificando os programas educacionais para idosos existentes nas instituições de ensino superior (IES). Finalizando o capítulo, ainda apresento o universo pesquisado por meio de análise dos programas das instituições, das entrevistas com coordenadores e das fichas de informações sociodemográficas.

No quarto capítulo, minha intenção foi descobrir e construir um esquema de leitura da realidade do lazer nas UNATIs. Sendo assim, a investigação empírica e análise dos dados são objetos desse capítulo. Para além da apresentação das diferentes opções metodológicas que fundamentaram a pesquisa empírica, expus a análise dos dados coletados por meio de observação assistemática e entrevista na UNATI-1 e UNATI-2. Inicialmente, abordo como o idoso busca dar utilidade ao seu “tempo livre”. Dando prosseguimento, aponto que a falta de consenso sobre o significado do lazer no campo teórico se reflete na fala dos sujeitos investigados. Na sequência, descrevo e analiso de que forma os conteúdos culturais de lazer se apresentam e são vivenciados no espaço de ambas as instituições. Na continuidade da análise, mostro que o entendimento do lazer como algo vazio, destituído de valores, seriedade, comprometimento e conhecimento faz com que os idosos neguem sua existência no espaço da UNATI. Finalizando o estudo, revelo o que move os idosos e o que os leva até a UNATI: o conteúdo social de lazer, a sociabilidade.

Nas considerações finais, procurei trazer as reflexões realizadas no decorrer do trabalho, de modo que amplie a discussão acerca da UNATI como um espaço de manifestação de lazer e participação cultural.

Minha pretensão, com este estudo, não é de apresentar respostas prontas, acabadas, conclusivas, mas, sim, trazer um conhecimento mais aprofundado sobre a UNATI como espaço de lazer. Gostaria de deixar claro que este trabalho é resultado de um processo, sem, contudo, ser seu ponto final.

## CAPÍTULO 1

### LAZER E ENVELHECIMENTO

*Não me pergunte sobre minha idade,  
porque eu tenho todas as idades,  
eu tenho a idade da infância, da adolescência  
da maturidade e da velhice.*

CORA CORALINA<sup>1</sup>

O tema envelhecimento tem ganhado atenção significativa, sendo alvo de crescentes discussões no meio acadêmico e na sociedade. Verifica-se, nas últimas décadas, um aumento considerável de pesquisas que se voltam para a compreensão do fenômeno do envelhecimento na sociedade brasileira. Contudo, quando se fala de envelhecimento no Brasil, é recorrente o uso de dados demográficos. Pesquisas científicas, artigos, teses, livros, jornais e programas de televisão dedicados a algum aspecto do tema envelhecimento abordam, com frequência, o aumento da população idosa no país, apresentando dados estatísticos sobre o assunto e as previsões para o futuro.

Os principais argumentos dos pesquisadores, para explicar o envelhecimento da população em qualquer país, estão embasados na *Transição Demográfica*<sup>2</sup> e *Epidemiológica* que, juntas, explicam o envelhecimento. A primeira refere-se a um processo de alteração do perfil etário de uma população, passando de um predomínio de jovens para uma maior participação de

---

<sup>1</sup> Cora Coralina foi uma grande escritora do Estado de Goiás, nasceu na cidade de Goiás em 20 de agosto de 1889 e faleceu em 10 de abril de 1985. Escreveu oito livros de contos e de poesias, suas obras tiveram boa recepção por Carlos Drummond Andrade e pela imprensa e, na velhice, recebeu grande aclamação em Goiás. Cora Coralina não recebeu educação universitária, mas obteve o título de doutora *honoris causa* da Universidade Federal de Goiás, quando publicou *O cântico da volta* (1956), um conjunto de crônicas em estilo atual e poético. Em suas poesias rememora o passado histórico de Goiás Velho, capital do estado até 1937. Tanto na espontaneidade da poesia quanto na simplicidade temática de seus contos, guarda as origens interioranas de Goiás.

<sup>2</sup> A transição demográfica foi proposta pelo americano Warren Thompson em 1929, com o termo original “*Demographic Transition Model*”, que pode ser traduzido livremente como a forma de *estudar as modificações que acontecem nas populações humanas desde o período das “altas taxas de nascimento (natalidade) e altas taxas de mortalidade” para o período das “baixas taxas de nascimento (natalidade) e baixas taxas de mortalidade”*. Thompson já parte do princípio de que as taxas de nascimento e de mortalidade nunca foram constantes no tempo e que há leis ou regras gerais que se aplicam a todas as populações, que seriam as fases da transição demográfica: a pré-moderna, a moderna, a industrial madura e a pós-industrial (LOTUFO, 2007).



adultos e idosos, conseqüência da passagem de altas taxas de mortalidade e fecundidade para taxas mais baixas. Isso produziu significativas alterações em todos os países em que ocorreu (LIMA, 1999). Outro aspecto que interfere no envelhecimento populacional é a *Transição Epidemiológica*, que são as alterações ocorridas no tempo nos padrões de morte, morbidade e invalidez, que caracterizam uma população específica e que, em geral, ocorrem em conjunto com outras transformações demográficas, sociais e econômicas (OMRAM, 2001).

Tais transições são construções que, no contexto em que aparecem, são desenvolvidas por meio de intenso debate. Representam tentativas de caracterizar processos ocorridos em vários países, indicando a possibilidade de formular teorias gerais de amplo alcance. A validade da utilização desses conceitos para dar conta de expressar processos gerados em realidades muito distintas não é consensual, pois algumas pesquisas (MÉDICI, BELTRÃO, 1995) mostram a dificuldade de se obter análises padronizadas sobre os processos de transição demográfica, notadamente em função das distintas abordagens relacionadas ao peso exercido pelas variáveis sociais (especialmente no que diz respeito aos arranjos familiares, forma, composição e natureza das relações familiares) e econômicas (natureza e evolução do processo de trabalho e dos mercados internos e externos), na dinâmica desse processo e em diferentes contextos históricos e regionais.

Ignorando esses debates, os gerontólogos apropriam-se dessas ferramentas como dados prontos, realidades concretas, utilizando-se deles para comporem seus argumentos. Essa apropriação, em seu discurso, visa demonstrar: (1) que o processo de envelhecimento populacional é real, a exemplo do que aconteceu em outros países, e (2) que, no caso do Brasil, é particularmente acelerado, e sua diferença em relação ao que ocorre em outras partes do mundo reside apenas neste fato (LIMA, 1999).

Construções teóricas, a partir de dados estatísticos, constituem uma ferramenta explicativa importante na área da demografia, contudo não devem ser usadas como único item para explicar fenômenos tão complexos como o envelhecimento. A construção da velhice como uma questão social não é uma conseqüência natural do aumento dos idosos no conjunto da população, tampouco é conseqüência de descobertas da ciência, desvendando dimensões da velhice e do envelhecimento. Tal construção está marcada por diferentes aspectos culturais, sociais e econômicos, relacionada a uma série de fatores que serão abordados neste capítulo.

## 1.1. A VELHICE COMO PROBLEMA SOCIAL

A velhice nem sempre foi considerada um problema social, nem objeto de medidas de política social específicas. Desde a Revolução Industrial, no século XIX, até meados do século XX, a velhice era fortemente associada à dependência, inutilidade, pobreza, desligamento do processo de produção e da vida social, sendo, portanto, incluída na categoria dos indigentes, cujo apoio se resumia às instituições de beneficência. Os idosos de classes sociais mais favorecidas eram apoiados na esfera familiar. Assim, não existia a velhice como categoria independente e como problema social. Até meados do séc. XX, ela é designada por Guillemard (1980, p. 26) como *velhice invisível*.

No transcorrer desse século é que a velhice surge como problema social, sendo resultado de um conjunto de fatores que emergiram no processo de mudanças da sociedade, que incluem, desde as conquistas da liberdade e das tecnologias, até as novas relações de poder, bem como, o desenvolvimento das forças produtivas, o aumento da expectativa de vida, a distribuição da riqueza, os novos padrões culturais, os sistemas de controles sobre a vida humana, as conquistas na medicina, a elevação dos padrões educacionais, a difusão dos sistemas de comunicação e muitos outros (LENOIR, 1979; GUILLEMARD, 1989; FEATHERSTONE, 1994).

Lenoir (1979) ajuda-me a compreender como o processo de constituição do envelhecimento tornou-se *um problema social* merecedor de análise sociológica. Para esse autor, no processo de construção da velhice estão envolvidas quatro dimensões. A primeira delas, que o autor chama de *reconhecimento*, implica a conquista da atenção pública, responde à necessidade de tornar visível uma situação sobre a qual se deseja chamar atenção e intervir. Exige a ação de grupos ou agentes interessados em forjar uma nova categoria de percepção do mundo social, a fim de nele intervir.

A *legitimação*, segunda dimensão abordada pelo autor, não decorre automaticamente da visibilidade pública do problema, mas requer um esforço, no sentido da promoção e mobilização para inseri-lo entre as preocupações sociais do momento. Os envolvidos nesse processo, além de tornar a situação legítima, fazem-se agentes legítimos, a fim de desenvolver formas de *pressão* (terceira dimensão envolvida). Esses agentes podem, então, se apresentar, dada sua posição privilegiada, como porta-vozes daqueles que não podem falar por si mesmos. Por fim, a quarta dimensão, a *expressão*, é a tradução de novas definições dos problemas e dos agentes acionadas

nesta *pressão*. Essas quatro dimensões podem ser utilizadas para desenvolver uma compreensão da transformação da velhice em um problema social, como o fazem o próprio Lenoir (1996), Debert (1994) e Debert e Simões (1994).

Debert (1998) destaca que, no caso brasileiro, os porta-vozes responsáveis pela transformação do envelhecimento em problema social foram populares anônimos. Isso aconteceu num momento recente da nossa história, em que a atenção da mídia e a opinião pública voltaram-se, pela primeira vez, para os idosos. E os responsáveis por esse evento foram os próprios aposentados e pensionistas que, no início dos anos 1990, ocuparam as ruas e a mídia, sob destemido protesto. Já nos anos de 1980, o movimento articulava intervenções públicas significativas, como as operações em torno da eleição do Congresso Constituinte e na elaboração do capítulo constitucional relativo à seguridade social. Mas, ganhou notoriedade mesmo entre novembro de 1991 e abril de 1992, a partir da mobilização dos aposentados pela extensão do reajuste do salário mínimo em 147% aos benefícios da previdência, que foram reajustados em apenas 54,6%, e, posteriormente, pela insurgência contra o projeto da reforma da Previdência Social, durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Esse movimento abriu caminho para a politização da Previdência Social, mas também, para um debate mais amplo sobre a velhice na sociedade brasileira, culminando em 1994 com a Política Nacional do Idoso, estabelecida em lei em 1994 (lei n. 8.842 – BRASIL, 1996)<sup>3</sup>.

As reivindicações dos aposentados, categoria majoritariamente composta por pessoas idosas, trouxeram à tona o envelhecimento na sociedade brasileira, transformando os idosos em proeminentes atores políticos e as formas de *pressão* exercidas por eles converteram-se em formas de *expressão*.

A transformação da velhice em um problema social faz com que eu compreenda como a mesma passou de uma situação de *invisível* para uma *identificada*. Essas alterações fizeram emergir bens, serviços e instituições voltadas ao idoso. Temos o surgimento de uma nova imagem e inovadoras formas de tratar a velhice, que contribuíram para o processo de construção da noção de terceira idade.

---

<sup>3</sup> A Política Nacional do Idoso criou normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania. Entretanto, essa legislação não tem sido eficientemente aplicada. A falta de especificação da lei contribui para criminalizar a discriminação, o desprezo e o preconceito em relação ao idoso. Verifica-se também uma dificuldade em tipificar o abandono do idoso em hospitais, clínicas, asilos e outras entidades assistenciais para a punição de parentes e vítimas.

## 1.2. AS CATEGORIAS DE IDADE

Lenoir (1979) foi um dos estudiosos precursores do debate sobre o vocábulo “terceira idade”<sup>4</sup>. Através de seu estudo *A invenção da Terceira Idade e a Constituição do Campo dos Agentes de Gestão da Velhice*, o autor revela como tal *invenção* está relacionada a outras questões que, nem sempre, dizem respeito diretamente ao envelhecimento. Para ele, ela está articulada a fatores como: generalização dos sistemas das aposentadorias, organização das relações de trabalho industrial e modos de gestão da força de trabalho que se aposenta. Essas concepções estavam presentes desde o momento em que as primeiras gerações de trabalhadores envelheceram e relacionaram a velhice com invalidez, entendida como incapacidade de produzir (LENOIR, 1979, p. 57).

De acordo com Peixoto (2000), na França do século XIX, existiam locuções diferenciadas para tratar a população de mais de 60 anos. Designava-se mais correntemente velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto os que o possuíam eram, em geral, designados como idosos (*personne âgée*). De acordo com essa autora, só a partir dos anos 60 do século XX se percebe uma transformação nos termos utilizados para designar as pessoas envelhecidas. Entendidos como pejorativos, “velho” e “velhote” são substituídos por “idoso”, que foi criticado por alguns especialistas da área. Para Lenoir (1984), este último introduz uma visão menos estereotipada, contudo, não é tão preciso quanto velho, mesmo que seja mais respeitoso.

Conforme assinala Peixoto (2000), na França, o termo “terceira idade” surge com a política de integração da velhice. Introduzida a partir de 1962, visava modificações político-administrativas, assim como, a transformação da imagem das pessoas envelhecidas. Os novos aposentados começaram a reproduzir práticas sociais das camadas médias assalariadas, já que a imagem de degradação estava muito associada às classes populares. Foi, então, necessário criar um novo vocábulo para designar mais respeitosa a representação dos jovens aposentados – surge a “terceira idade”.

Reportando-se ao caso do Brasil, Peixoto (2000) revela que, apesar de a velhice ter entrado em cena brasileira há bem pouco tempo, a conotação negativa do vocábulo velho seguiu

---

<sup>4</sup> Além de Lenoir, outros autores, como Debert (1999a) e Guillemard (1989), também vêm realizando observações críticas sobre os diversos significados do envelhecer no século XX e das novas invenções que foram surgindo.

um processo semelhante ao da França. Empregado de maneira geral, esse termo não possuía um caráter especificamente pejorativo, como o *vieux* ou o *vieillard* francês, embora apresentasse uma enorme ambigüidade, por ser um modo de expressão afetivo ou pejorativo, cujo emprego se distinguia pela entonação ou pelo contexto no qual era utilizado.

Peixoto (2000) ressalta ainda que as transformações ocorridas na Europa em relação à imagem da velhice chegam ao Brasil no final da década de 1960, e, com essa imagem, o termo idoso, que fazia parte do vocabulário português, ganha maior ênfase, no sentido de trazer um tratamento mais respeitoso a essas pessoas. A nomenclatura multiplica-se como uma nova marca, adentrando-se no mercado. O termo velho é banido, passando a sinônimo de decadência, e, desse momento em diante, uma série de denominações vem à tona, entre elas a terceira idade, originária da França, que chega ao Brasil através de gerontólogos brasileiros formados naquele país.

A expressão “terceira idade” passa, então, a ser utilizada para designar a idade na qual geralmente a pessoa se aposenta. Essa expressão vem sendo muitas vezes apresentada como uma categoria natural, aparecendo definida em função da idade e do envelhecimento biológico, contribuindo, por sua vez, para a naturalização da terceira idade. Embora com toda a aparência de “naturais”, as idades são manipuláveis de acordo com as relações de poder que se estabelecem entre as classes, nas relações familiares e trabalhistas, enfim, na luta entre as gerações. Assim, a classificação por idade, que institui direitos, deveres e normas de comportamentos, modifica-se em diferentes momentos históricos, redefinindo poderes no interior da organização social. Sendo dessa forma, fez-se necessário romper com essa perspectiva do senso comum e entender as manipulações sociais que ocorrem em relação ao dado biológico que é a idade.

Lenoir (1996, p. 57) chama a atenção para essa “naturalização” da terceira idade, dizendo que um dos critérios utilizados para se classificar os “indivíduos no espaço social” é a idade. Assim como Lenoir, Bourdieu (1980) também alerta para o problema de se considerar a idade apenas uma categoria natural, biológica. Para o autor, a idade é uma variável biológica, socialmente manipulada e manipulável. Dessa forma, ela é plena de ambigüidades, e não devemos tomá-la em consideração isoladamente, como único parâmetro para dizer que alguém é velho. A sociedade é que fornece o significado de cada período da vida, definindo papéis e normas de comportamento de acordo com cada idade.

Compartilhando com as idéias desses autores, não acredito que a idade esteja fundamentada em critérios biológicos<sup>5</sup>, pois o conceito de velhice é uma construção social realizada em um contexto cultural e histórico específico. A velhice, assim como a infância e a adolescência, é uma construção social dependente de parâmetros socioculturais específicos em diferentes sociedades<sup>6</sup> (ZALUAR, 1985; FEATHERSTONE, 1994; HAREVEN, 1999).

Os estudos de Ariès (1981, p. 48) demonstram como o curso de vida foi gradativamente compartimentalizado: “[...] a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular das vidas humanas: a juventude é a idade privilegiada do século XVII, a “infância”, do século XIX, e a adolescência do século XX”.

Ariès (1981), em seu estudo *História social da família e da criança*, exemplifica claramente o processo de construção social das categorias de idade, ressaltando que, na Idade Média, a criança, enquanto categoria de idade, não existia. Na França medieval, as crianças não eram separadas do mundo adulto, participavam então integralmente do mundo do trabalho e da vida social adulta. A duração da infância reduzia-se ao período mais frágil; quando a criança conseguia algum desenvolvimento motor, era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criança transformava-se em jovem adulto, sem passar pela etapa da juventude, que se tornou uma categoria de idade nas sociedades contemporâneas. A infância foi uma categoria criada a partir do século XIII, desenvolvendo-se gradativamente ao longo dos séculos. As crianças deixaram de ser tratadas da mesma forma que os adultos, parando de trabalhar, mudando suas vestimentas e deixando de sofrer punições como os adultos.

Na análise de Ariès (1981), o conceito de adolescência não aparece antes do final do século XVIII e não se difunde antes do século XX. Por muito tempo, as crianças eram introduzidas no mundo do trabalho a partir dos sete anos; poucas estudavam ou permaneciam muito tempo no sistema educativo, no qual também não estavam separadas por níveis diferenciados de idade. Como a adolescência não era considerada um período particular de desenvolvimento, não existia, ainda, uma cultura adolescente. Em conseqüência da complexidade das sociedades modernas industrializadas, foi-se criando um espaço intermediário entre a infância

---

<sup>5</sup> Isso não significa que se negue o envelhecimento biológico, com todas as transformações que acarreta, ou que os fatores biológicos não sejam relevantes.

<sup>6</sup> Nas sociedades modernas, encontra-se uma outra forma de periodizar a vida através da definição de faixas etárias. Essa cronologia surge em uma sociedade caracterizada pelo processo de industrialização e urbanização e pela formação de grupos de idade distintas uma das outras (infância, adolescência, adulto, velhice), representando estágios de vida demarcados pela idade. Justamente nesse período, iniciam-se os registros a respeito das taxas de natalidade e mortalidade e os de doenças que acometem as diversas faixas etárias.

e a idade adulta, entre a maturidade biofisiológica e a psicossocial, sendo resultado dos padrões de mudança da nossa sociedade.

Essa discussão também é apresentada por Elias (1990), em seu estudo intitulado *O processo civilizador: uma história dos costumes*, em que delineou as condições estabelecidas pela modernidade, as quais contribuíram para a construção da imagem do adulto como um ser independente e de emoções controladas nesse período<sup>7</sup>.

A “cronologização” do curso da vida, segundo Debert (1999a), pode ser pensada tanto como resposta às mudanças na estrutura econômica – de uma economia baseada na unidade doméstica para outra, baseada no mercado de trabalho – quanto às transformações das questões que diziam respeito à ordem privada em problemas de ordem pública, operadas pelo Estado Moderno – regulação da vida, do nascimento à morte, passando pelo sistema de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria.

Da mesma forma que houve a construção da infância e da adolescência como categorias de idade, hoje tem o surgimento da “terceira idade”. O termo é uma construção das sociedades contemporâneas e vem sendo empregado por acreditar que ele é isento de conotações depreciativas. E, como destacou Debert (1999a), a maioria das expressões utilizadas para designar o envelhecimento, como terceira idade, melhor idade, maior idade, idade legal, é apenas mais um rótulo; dependendo do contexto, podem ser utilizado para mascarar preconceitos<sup>8</sup>, tanto por parte dos idosos como por parte das demais pessoas da sociedade.

Se não houvesse preconceito, não seria necessário disfarçar nada por meio de palavras. Se as palavras parecem assumir conotação negativa ou pejorativa, o problema não está nelas, mas nas razões pelas quais elas tiveram seu significado modificado. Se as várias realidades da velhice e do processo do envelhecimento fossem bem conhecidas, não seria necessário temê-las, evitá-las ou negá-la. (NERI; FREIRE, 2000, p. 14).

---

<sup>7</sup> A esse propósito, Debert (1999a) aponta diferentes razões que conduziram à *cronologização* da vida: “A padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice pode ser pensada como resposta às mudanças econômicas, decorrentes sobretudo à transição de uma economia que tinha por base a unidade doméstica para outra, baseada no mercado de trabalho. Inversamente, ênfase pode ser dada ao Estado moderno que – na transformação de questões que diziam respeito à esfera privada e familiar em problemas de ordem pública – seria, por excelência, a instituição orientadora do curso da vida, regulamentando todas as suas etapas, desde o momento do seu nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo de fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria” (DEBERT, 1999, p. 73-74).

<sup>8</sup> Esses termos que visam mascarar preconceitos não estão apenas relacionados ao envelhecimento; atualmente, chamar um indivíduo de velho, um sujeito de cego ou uma pessoa de aleijada é depreciativo e, muitas vezes, traz constrangimento entre o falante e o ouvinte. Acreditando que não é a adoção de novos termos que irão mudar os preconceitos em relação ao envelhecimento, não se fará distinção entre os mesmos. Serão utilizados velho, idoso, terceira idade indistintamente, para designar as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Conforme frisa Lenoir (1996, p. 80), a expressão “terceira idade” surgiu com o objetivo de oferecer uma nova identidade a certos idosos. Representa a forma como os idosos da classe média vivem ou, como relata Lenoir, habitam “[...] ‘residências-luz’, que ‘se distraem’ nos ‘clubes da terceira idade’ ou que se instruem nas ‘universidades da terceira idade’”.

A terceira idade oculta aquela pessoa em estado de dependência, os grupos que têm maior permanência nos hospitais, que requerem acompanhamento por parte do Estado e da família<sup>9</sup>. A “terceira idade” refere-se àqueles capazes de gerir sua própria vida; já os velhos são os decadentes e incapazes. O conceito de terceira idade pretende, assim, romper com uma imagem de velhice associada à decrepitude, à angústia, à indignação, à dependência e doença, passando a significar uma velhice autônoma, capaz e ativa. Os signos do envelhecimento são invertidos, esse período da vida deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar um período também ativo, de busca pela saúde e pelo bem-estar, por um envelhecimento bem-sucedido<sup>10</sup>.

Nesse contexto, os idosos são convencidos a assumir responsabilidade pelo seu envelhecimento, pela sua própria aparência e pelo seu bem-estar e, conseqüentemente, pela sua saúde<sup>11</sup>. Desse modo, são monitorados para exercer uma vigilância constante do corpo e responsabilizados pela sua própria saúde, através da idéia de doenças auto-infligidas, resultantes de abusos corporais: a bebida, o fumo e a falta de exercícios (FEATHERSTONE, 1994). Percebe-se que a responsabilidade pelo “bom” e pelo “mau” envelhecimento passa a ser individual. Cria-se a ilusão de que “envelhecer bem” é uma escolha, como se todos os idosos tivessem absoluto controle sobre os recursos necessários para um envelhecimento saudável e para o desenvolvimento de novos papéis sociais. O que esse discurso omite é que são as condições sociais e as diferenças de classe que impedem o acesso às tão almejadas regras do “bem

---

<sup>9</sup> A visão que se apresenta é de que a “terceira idade” representa “receita” e a “velhice” representa “despesa”, sendo um fardo para o Estado e para a família.

<sup>10</sup> O termo “velhice bem-sucedida” apareceu na Gerontologia nos anos de 1960, associado a uma importante mudança ideológica ocorrida no campo, que consistiu em considerar que a velhice e o envelhecimento não são sinônimos de doença, inatividade e contração geral no desenvolvimento (NERI, 2001).

<sup>11</sup> “o que interessa pôr em evidência é que a saúde é muito mais determinada pelas condições de vida, de trabalho, de dispêndio de energias físicas e mentais, de renda, de uma população e especificamente diferenciadas segundo as classes e grupos sociais e seu acesso e participação na riqueza nacional; secundariamente, intervém a medicina, em primeiro lugar a preventiva e, em segunda e remota importância, a curativa. E o déficit acumulado durante toda uma vida, a partir de deficiências nutricionais, de uma trabalho desgastante, que cedo começam a se refletir nas doenças de massa, na velhice precoce, não pode ser jamais reparado, mesmo com todas as grandes conquistas médicas e farmacológicas dos últimos cinquenta anos. Essas grandes conquistas, patrimônio que deveria ser universal em seu sentido mais amplo, mostra da tenaz construção do homem a partir do próprio homem, não podem senão evitar a morte; serão incapazes, entretanto, de dar ou restituir a saúde, se as condições estruturais de geração da saúde não forem radicalmente transformadas” (OLIVEIRA, 1976, p. 42).



envelhecer”. Não basta querê-lo, existe uma realidade concreta, na qual os bens e serviços oferecidos à sociedade não são acessíveis a toda população, impossibilitando a escolha entre o “bom” e o “mau” envelhecimento. Temos que ter claro que envelhecer com dignidade não é responsabilidade individual, mas sim coletiva. Implica não só na criação de políticas públicas, como também, na garantia de acesso dos idosos a essas políticas.

A esse processo, no qual a velhice tende a ser vivida e apresentada como responsabilidade individual, Debert (1999a) chama de reprivatização do envelhecimento. Os indivíduos são convencidos a assumirem a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente, pela sua saúde, pela sua aparência, pelo seu isolamento. Em forma de crítica a isso, a autora apresenta a seguinte reflexão:

[...] se alguém não é ativo, não está envolvido em programas de rejuvenescimento, se vive a velhice no isolamento e na doença é porque não teve o comportamento adequado ao longo da vida, recusou a adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados e, portanto, não merece nenhum tipo de solidariedade. (DEBERT, 1999a, p. 35).

A reflexão apresentada pela autora evidencia a crueldade do sistema, que imprime nas pessoas um sentimento de responsabilidade e culpa por não ter um comportamento “ativo”, “adequado” ao longo de sua existência.

### 1.3. LAZER E ENVELHECIMENTO

O lazer direcionado a pessoas idosas emerge nesse contexto, em que um conjunto de discursos amplamente divulgados pela mídia brasileira insiste na desestabilização de expectativas e imagens que se assemelham ao avanço da idade. Evidencia que a dimensão etária não é um marcador pertinente de comportamentos e estilos de vida e propaga uma série de receitas: técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, ginásticas, medicamentos, bailes e outras formas de lazer que procuram mostrar como os que não se sentem velhos devem se comportar, apesar da idade.

Essas novas formas de comportamento são veiculadas pela mídia e criam um novo estereótipo, os *"heróis do envelhecimento"*. Featherstone (1995) denomina *heroes of aging* as várias imagens veiculadas pelos meios de comunicação, mostrando pessoas que, em face do

processo de envelhecimento, parecem permanecer eternamente jovens nos seus hábitos de trabalho, postura corporal, expressões faciais e comportamento geral. Na perspectiva de Debert (1999b), essa idéia rejeita a própria velhice, ao considerar que a idade não é um marcador pertinente da definição das experiências. Se anteriormente os idosos eram homogeneizados por uma visão de invalidez, perdas, hoje o são com base na imagem de um idoso ativo, saudável, em busca de atividades de lazer<sup>12</sup>.

Esse lazer que traz um novo estilo de vida ativo se torna um dos elementos fundamentais no processo de desconstrução da velhice e de construção da terceira idade. No primeiro processo, nega ou exclui os idosos dependentes, que não se interagem socialmente, que não desenvolvem novos papéis sociais, que não buscam atividades de lazer; e, na construção da “terceira idade”, coloca em evidência os idosos ativos, participativos, com um estilo de vida dinâmico, que buscam interagir socialmente, que se integram em novos papéis sociais e participam de atividades de lazer. Esse processo traz em si uma nova moral de envelhecer<sup>13</sup>, que é a do idoso envolvido em atividades voluntárias, atividades físicas, de lazer e turismo.

Essa noção de que o idoso deve se manter ativo está ligada à teoria ativista, que visa a atender à inadaptação ao envelhecimento e foi bastante influenciada pela teoria do desengajamento (CUMMING; HENRY, 1961). A teoria da atividade enfoca que o declínio em atividades físicas e mentais, geralmente associado à velhice, é fator determinante das doenças psicológicas e do retraimento social do idoso. O interesse em manter os mesmo níveis de atividade dos estágios anteriores da vida adulta é essencial para o envelhecimento bem-sucedido. Buscando a manutenção de um autoconceito positivo, o idoso deve substituir os papéis sociais, perdidos com o processo de envelhecimento, por novos papéis, de modo que o bem-estar na velhice seria o resultado do incremento de atividades relacionadas a esses novos papéis sociais (HAVIGHURST, 1968).

De acordo com essa teoria, a pessoa que envelhece em boas condições é aquela que permanece ativa e consegue resistir ao desengajamento social. Para essa teoria, quanto maior o envolvimento dos idosos em atividades, maior a satisfação e, conseqüentemente, melhores são a saúde física e mental, o autoconceito e a aceitação social. A teoria da atividade influenciou e

---

<sup>12</sup> Acredito que ambas as imagens afastam os idosos do lazer: a primeira, por desconsiderar as potencialidades da pessoa idosa; e a segunda por negar a velhice, definindo condutas a serem assumidas e impondo novas formas de agir com as quais os idosos nem sempre se identificam.

<sup>13</sup> Alves Junior (2004a) trata com muita propriedade da discussão acerca dessa nova “moral do envelhecer”.

influencia até hoje os movimentos sociais de idosos e orienta proposições nas áreas do lazer e da educação não-formal, afirmando que são veículos privilegiados para a promoção do bem-estar na velhice.

São várias as críticas à teoria da atividade<sup>14</sup>, mas uma das principais é em relação à sua proposição básica – de que o “bom envelhecimento” é estar ativo, resistir ao desengajamento social, encontrar papéis sociais substitutivos, manter *status* e atividades –, que pode hoje ser considerada uma perspectiva “antienvelhecimento” (SIQUEIRA, 2002). Essa teoria desconsidera a heterogeneidade e a diversidade das experiências de envelhecimento, nega as suas características específicas, não aceitando nenhum outro modelo diferente do que o do idoso ativo.

Essa compreensão de que o idoso deve se manter ocupado com atividades de lazer carrega uma visão instrumental e funcionalista do uso do lazer, descaracterizando-o como direito social que todos os cidadãos – inclusive os idosos – têm em relação ao atendimento de suas necessidades. Assim, o idoso passa a ser visto como o foco de programas educacionais, de lazer e turismo, apenas na perspectiva de que é um grupo social a ser controlado e monitorado, principalmente no seu “tempo livre”. A criação desses programas direcionados a idosos – Universidades da Terceira Idade (UNATI), Escolas Abertas à Terceira Idade, clubes e associações de idosos –, muitas vezes, estão mais voltados a demandas de contenção e enquadramento social do idoso do que à garantia de seu direito a espaços de sociabilidade, educação e lazer. O lazer, nessa perspectiva, passa a ser visto como possibilidade de manutenção do equilíbrio social, de difusão de novas formas de comportamentos sociais (inovadoras maneiras de viver e portar-se em sociedade, formas de vestir, alimentar, divertir, conviver, socializar, consumir, participar etc.), com objetivos claramente definidos de equilíbrio social, legitimando práticas e comportamentos a serem seguidos na construção de uma nova velhice.

---

<sup>14</sup> Siqueira (2002) levanta as principais limitações em relação à teoria da atividade. Segundo a autora, a teoria falha em não caracterizar as atividades como formais, informais, solitárias ou grupais e em não descrever o significado de cada uma para a manutenção da auto-estima e do engajamento social do idoso. A autora contesta a proposição de que o idoso controla as atividades e o cenário necessário ao desempenho de novos papéis sociais que se propõe exercer. Segundo ela, a pobreza, a exclusão social e o declínio físico e mental, muitas vezes, impossibilitam a escolha e o exercício de novos papéis sociais. Para essa autora, ao considerar os valores da classe média americana, a teoria pressupõe que é sempre melhor ser ativo que inativo, e que é melhor lutar contra a adversidade do que se acomodar a ela. Ou seja, a teoria falha também ao focar a relação entre atividade e satisfação, realçando principalmente as relações entre condições socioeconômicas, estilo de vida, saúde e bem-estar. Outra limitação levantada pela autora é que a teoria reforça o poder do pensamento ou da ação positiva, que, por sua vez, enfatiza a noção do senso comum sobre o envelhecimento bem-sucedido.

Parece que se ouvem os ecos do início do século XX: coma e durma bem, não fume, beba moderadamente, exercite-se. Assim como nesse período, a adoção de um estilo de vida ativo hoje tem um caráter higiênico (preventivo) e busca respaldo e legitimidade nas pesquisas científicas. A temática que relaciona atividade física e envelhecimento entra no meio acadêmico por intermédio da geriatria<sup>15</sup> e da gerontologia<sup>16</sup>. O domínio da medicina – objetiva, positiva, exata, verdadeira, indubitável, incontestável – mais uma vez se faz presente através da geriatria e estende seu poder à população idosa.

A realidade reificada da cultura dominante estendida é consubstanciada na ‘ciência’ produtora do saber sobre a velhice que, seduzida pelo culto ao cientificismo, produz um discurso fetichista sobre a velhice: suas representações misteriosas encobrem a origem da produção social da velhice trágica; encobrem a realidade vivida pelo homem durante toda a trajetória de sua vida. A problemática social da velhice, assim como é formulada pelos seus teóricos, de forma autônoma, independente da realidade concreta que a produz, é uma falsa questão: expressão da ideologia dominante. (HADDAD, 1986, p. 54).

Através do conhecimento científico, a geriatria intervém no “corpo biológico” e a gerontologia, no “corpo social”. Assim como no século XX, tem-se um investimento sobre o corpo, sobre a saúde, sobre as formas de se alimentar, “regras de bem viver” que, uma vez praticadas, permitirão o alcance do “bom envelhecimento”. Esse discurso higienista, de forte caráter moralizador, normativo e adaptativo-educativo, contou com a colaboração do lazer, constituindo-se num instrumento de intervenção junto à população idosa hoje, impondo um modo de vida normativo, homogêneo e estereotipado, ou seja, construindo uma nova velhice – a “terceira idade”. É justamente esse lazer que será tratado no capítulo a seguir.

---

<sup>15</sup> Em 1909, o médico Nascher introduziu na literatura o neologismo geriatria para denotar o estudo clínico da velhice, por analogia com pediatria, que é o estudo clínico da infância. Hoje o campo geriátrico compreende a prevenção e o manejo das doenças do envelhecimento. É uma especialidade em medicina e também em odontologia, enfermagem e fisioterapia, que se desenvolvem à medida que aumenta a população de adultos mais velhos e idosos portadores de doenças crônicas e típicas da velhice, em virtude do aumento da longevidade desses segmentos populacionais (NERI, 2001).

<sup>16</sup> O termo “gerontologia” foi usado pela primeira vez em 1903 por Metchnicoff, que a compôs a partir do grego, em que *gero* significa *velho*, e *logia*, *estudo*. Na ocasião, esse autor previu que ela teria crescente importância no decorrer do século XX, em virtude dos ganhos em longevidade para os indivíduos e as populações, provocados pelos avanços das ciências naturais e da medicina. Gerontologia é o campo multi e interdisciplinar, que visa a descrição e explicação das mudanças típicas do processo do envelhecimento e de seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais. Interessa-se também pelo estudo das características dos idosos, bem como das várias experiências de velhice e envelhecimento ocorrendo em diferentes contextos socioculturais e históricos (NERI, 2001).

## CAPÍTULO 2

### LAZER

O tempo é um fio  
*O tempo é um fio*  
*Bastante frágil.*  
*Um fio fino*  
*Que à-toa escapa.*  
*O tempo é um fio.*  
*Tecei! Tecei!*  
*Rendas de bilro*  
*Com gentileza.*  
*Com mais empenho*  
*Franças espessas.*  
*Malhas e redes Com mais astúcia.*  
*O tempo é um fio*  
*Que vale muito.*  
*Franças espessas*  
*Carregam frutos.*  
*Malhas e redes*  
*Apanham peixes.*  
*O tempo é um fio*  
*Por entre os dedos.*  
*Escapa o fio,*  
*Perdeu-se o tempo.*  
*Lá vai o tempo*  
*Como um farrapo*  
*Jogado à toa!*

HENRIQUETA LISBOA

Para entender o lazer, é preciso que se compreenda a categoria fundamental que o envolve – o tempo. Como relata Marcellino (1983, p. 25), “[...] o certo é que não se pode deixar de considerar o tempo quando se fala em lazer, pela própria dinâmica histórica que o gerou”.

Apesar das divergências entre os teóricos no que se refere ao conceito de lazer, existe um consenso entre as variáveis tempo e atitude que estão presentes no lazer. Sendo assim, não tive como fugir de abordar o tema tempo neste trabalho. Para tal, reporto-me aos estudos sociológicos sobre o assunto, uma vez que acredito que o tempo é uma construção social.

Em um segundo momento deste item, trago algumas discussões sobre o trabalho. Procuro mostrar que o “tempo livre” surgiu em meio às contradições do desenvolvimento capitalista, caracterizado pela exploração de trabalhadores. Enfatizo a luta empreendida por Lafargue na intenção de ressaltar a opressão e a exploração a que os trabalhadores estavam sendo submetidos no processo de industrialização e sua luta pelo “direito à preguiça”. Nesse mesmo tópico, ainda desenvolvo uma discussão conceitual acerca do “tempo livre”, identificando que os diversos estudiosos trazem a definição de “tempo livre” como atividades desempenhadas fora do trabalho.

Em busca de um embasamento teórico-metodológico acerca dos temas que envolvem objeto no capítulo seguinte minha intenção foi de conceber elementos teóricos para discutir a configuração do lazer nas Universidades da Terceira idade (UNATIs). Para tal, dei maior atenção às apropriações conceituais que o lazer tem recebido. Verifiquei que existem diferentes reflexões sobre as discussões conceituais de lazer. Essa inexistência de um consenso sobre o lazer entre os estudiosos traz contradições na produção de conhecimento sobre lazer e dificulta sua compreensão.

Finalizando este capítulo, abordei sobre a relação entre lazer e educação, trazendo a concepção de educação como um processo contínuo, o qual não se limita aos muros da escola, e o lazer como parte deste processo educacional, sendo um elemento essencial para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Discuto também acerca da relação entre lazer e educação presente no pensamento de vários estudiosos do lazer.

## 2.1. TEMPO

*Todos estamos matriculados na escola da vida,  
onde o mestre é o tempo.*

CORA CORALINA

O tempo é algo intrínseco à vida, como a maneira de pensar e de agir. Agora mesmo, em frente a este computador, tenho a impressão de que o tempo criou vida própria e parece fugir-me, escapar das minhas mãos. Quando chega o fim do dia, eu penso: “não é possível que o dia já tenha terminado; o tempo passou tão rápido, tenho a impressão de que corro contra o tempo para

terminar este trabalho”. Os distintos momentos de redação deste trabalho foram condicionados pelo contexto temporal dado pelas minhas obrigações sociais, familiares e acadêmicas, com seus horários, datas e limites. “Há um tempo para tudo – tudo tem seu tempo.”

A abordagem sobre o tempo aqui realizada vem no sentido de trazer uma melhor compreensão sobre o “tempo livre”, uma vez que, o lazer – foco de nossa investigação – ocorre em um determinado tempo – o “tempo livre”.

Considerando que o tempo é um tema extremamente amplo, complexo e multidisciplinar, sendo quase impossível tratá-lo em toda sua amplitude, fiz um recorte. Meu propósito não é o de recuperar com profundidade a evolução histórico-filosófica do conceito de tempo, pois, certamente, seria tarefa extensa e fugiria aos meus propósitos. Tampouco é meu objetivo discutir o surgimento das concepções sobre o tempo em seus contextos histórico, filosófico e social. Não pretendo aqui, portanto, trazer uma sistematização teórica fechada sobre tempo, nem esgotar a riqueza dessa temática. O conteúdo desse tópico reflete, desde o início, um recorte particular, que privilegia os estudos sociológicos sobre o tempo<sup>1</sup>. Procuro contemplar, por meio desse recorte, as visões que considero mais representativas e pertinentes para a compreensão do tempo enquanto símbolo social.

Em nosso cotidiano, podemos perceber que os conceitos sobre as coisas, sobre o mundo, vão sendo internalizados à medida que convivemos na sociedade. O tempo é um dos vários conceitos apreendidos, pois o homem não nasce sabendo sobre ele, mas constrói sua representação na sociedade. A criança não tem noção do tempo, nem possui capacidade de criá-lo por si só. Quantos de nós não ouvimos uma criança perguntar: Hoje é amanhã? Amanhã vai demorar? Quando são 8 horas? Oito horas vai demorar a chegar?

O saber sobre o tempo é compartilhado pela sociedade e apreendido pelos seus membros. A aprendizagem individual do tempo envolve, na verdade, a aprendizagem de símbolos sociais variáveis no tempo e transmitidos através de uma longa cadeia de gerações. Tomando por base o pensamento de Elias (1998), toda criança, ao crescer, vai-se familiarizando com o “tempo” como símbolo de uma instituição social, cujo caráter coercitivo ela experimenta desde cedo. A transformação da coerção exercida de fora para dentro pela instituição social do tempo, num sistema de autodisciplina que abarque toda a existência do indivíduo, ilustra, explicitamente, a

---

<sup>1</sup> Centrou-se a abordagem sobre o tempo nos estudos de Elias (1998).

maneira como o processo civilizador contribui para formar os *habitus* sociais, que são parte integrante de qualquer estrutura de personalidade.

Os pressupostos teóricos de Elias (1998) mostram que o tempo faz parte dos símbolos que os homens são capazes de aprender e com os quais, em certa etapa da evolução da sociedade, são obrigados a familiarizar-se, como meios de orientação. Ele compreende que uma análise detalhada pressupõe uma articulação entre o tempo físico e o tempo social, ou seja, deve-se entender a natureza do tempo e, ao mesmo tempo, seu contexto da sociedade, sem o que, para ele, a problemática do tempo não pode ser resolvida. Mais que fazer um recorte ou atribuir um qualificativo para o tempo, o que propõe Elias é utilizar a sua concepção para ressaltar a ação de desenvolver símbolos de orientação humana, que sejam construídos em um processo de síntese complexa.

De acordo com esse autor, é justamente o fato de os homens, em sua vida individual e coletiva, dependerem totalmente da aprendizagem de símbolos sociais que os diferencia de todos os outros seres vivos. Elias (1998) concebe o tempo como uma construção social (e simbólica), que varia ao longo do processo de civilização, sendo que a percepção e a existência do tempo é resultado de sínteses históricas entre natureza e cultura, entre a margem de constrangimento e de determinação da sociedade, entre a margem de autonomia e de criatividade do indivíduo.

De acordo com Elias (1998, p. 60):

[...] o que chamamos ‘tempo’ significa, antes de mais nada, um quadro de referência do qual um grupo humano – mais tarde, a humanidade inteira – se serve para erigir, em meio a uma seqüência contínua de mudanças, limites reconhecidos pelo grupo, ou então para comparar uma certa fase, num dado fluxo de acontecimentos, com fases pertencentes a outros fluxos, ou ainda para muitas outras coisas.

Assim, o tempo cumpre funções de orientação do homem diante do mundo e de regulação da convivência humana.

A palavra tempo significa, para Elias (1998), “símbolo de uma relação que um grupo humano (isto é, um grupo de seres vivos com a faculdade biológica de conciliar e sintetizar) estabelece entre dois ou mais processos, entre os quais toma um como quadro de referência ou medida para os demais”. O tempo, como símbolo de uma relação estabelecida entre seres humanos, materializa-se no relógio. Esse objeto que parece fazer parte do nosso corpo, da nossa vida, não surgiu por si só, mas, sim, como representação concreta de uma forma de organização



social que é o tempo. É, antes de tudo, a materialização de uma concepção de tempo de determinada cultura.

Numa mesma linha de raciocínio, Elias (1998) diz que os relógios são invenções humanas já incorporadas no mundo simbólico do homem, uma forma de orientação e integração de aspectos físicos, biológicos, sociais e subjetivos. Porém, quando se esquece de que são invenções humanas e históricas, de como ou por que os primeiros relógios foram construídos e das transformações que sofreram, é provável que tais construções sejam abordadas como se tivessem existência natural, alheia ao homem. O tempo, porém, não tem autonomia, é fruto do pensamento e da ação humana. Em seguida, o mesmo autor acrescenta: “[...] em um mundo sem homens e seres vivos, não haveria tempo e, portanto, tampouco relógios ou calendários” (ELIAS, 1998, p. 22). Partilhando do pensamento desse autor, acredito que o tempo é próprio do mundo construído historicamente pelos seres humanos; é uma construção simbólica que faz parte da cultura humana, pois o homem é um ser cultural. Podemos dizer mais: a cultura é própria da condição humana, e o homem e a cultura fundem-se em uma única unidade. Há uma relação intrínseca entre eles, sendo difícil pensar um sem o outro. Se o homem é um ser eminentemente cultural, os símbolos criados por ele, entre eles o tempo, são produtos da cultura. Tudo que é humano ou que advenha com o homem é cultura.

Geertz (1992) afirma que “[...] a cultura denota um esquema historicamente transmitido de significações representadas em símbolos, um sistema de concepções herdadas e expressadas de forma simbólica pelos meios com os quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e suas atitudes frente à vida”. E o tempo é um dos símbolos pelos quais os homens se comunicam. Todavia esse símbolo não tem um significado único, alterando-se de uma cultura para outra.

Existe uma heterogeneidade na concepção de tempo, uma vez que as diversas culturas têm concepções distintas, e o tempo é vivenciado de maneiras particulares em cada uma. Elias (1998), em seus estudos, mostra as comparações com as experiências do tempo, que caracterizam as sociedades “menos avançadas”, demonstrando em sua tese que a sua percepção é socialmente adquirida. Estudando sociedades como as dos índios norte-americanos, em que “o código social comporta poucos sinais de caráter temporal, e os raros sinais que existem estão ligados, sem exceção, a ocasiões precisas”, entre elas, a dos Sioux, vê-se que não possuem nenhuma palavra

para expressar tempo. Nesse código, não se sabe o que é chegar atrasado ou o significado de esperar (ELIAS, 1998).

Os Nuer, que vivem às margens do rio Nilo, são outro exemplo de heterogeneidade na compreensão do tempo. Seus pontos de referência são atividades sociais concretas, não parâmetros genéricos e autônomos a que tais atividades devam estar subordinadas. Esse povo não conhece unidades abstratas como horas ou minutos, codificando o tempo com base na sucessão das inúmeras atividades práticas e concretas relacionadas ao gado, a mais relevante das suas ocupações econômicas. O principal marcador de distância temporal entre os eventos é a posição que ocupam relativamente às diferentes categorias de pessoas que foram iniciadas mais ou menos conjuntamente quando crianças, ou seja, a posição com respeito aos diversos grupos de idade. Para os Nuer, nas palavras de Evans-Pritchard (1972), tempo “[...] é menos um meio de coordenar eventos do que de coordenar relações; por isso é, sobretudo, um olhar para trás, pois as relações devem ser explicadas em termos de passado” (p. 108).

Segundo Elias (1998, p. 110),

As diferenças na percepção do tempo, de uma sociedade para outra, assim como outros aspectos dos processos de civilização, permitem responder sem ambigüidade. Essas diferenças são, sem dúvida alguma, socialmente adquiridas. São características de diferenças no habitus social e, portanto, na estrutura de personalidade dos homens pertencentes a essas diversas sociedades. Essas diferenças de ordem social, na maneira de sentir e medir o tempo, trazem a confirmação de que a noção do tempo é uma categoria social.

O modo que cada cultura organiza o tempo revela aspectos fundamentais da organização dessa sociedade. Da mesma forma, “a onipresente consciência do tempo, dos membros de sociedades relativamente complexas e urbanizadas é parte integrante de seu modelo social e de sua personalidade” (idem, ibidem, p. 176). O tempo expressa a cultura de um povo e, aceitando-a como essência do homem, explicam-se as manifestações culturais que se arvoram em construções simbólicas. E o tempo é uma dessas construções, uma das formas na qual a cultura se clarifica, mostra-se, deixa-se ver.

Parafraseando Elias (1998), o tempo deve ser compreendido no contexto social em que é produzido e também em interação com outros elementos da vida social, pois não existe uma concepção única de tempo, e a compreensão que se tem dele não é estática. O tempo tem muitas faces e distintas concepções e representações temporais estão na base de inúmeras formas de organização social. Como aborda Elias (1998), a experiência do que agora denominamos tempo

mudou e continua mudando, não só de forma histórica e acidental, mas também de forma estruturada e dirigida. Para isso, toma por base as transformações na experiência e captação conceitual que adquiriu o tempo no próprio desenvolvimento das sociedades humanas. Para esse autor, compreendê-lo hoje implica reconhecer um acervo de saber social complexo, que articula a medida de seqüências temporais e regularidades construídas ao longo das experiências vividas nas distintas sociedades.

Outra pesquisa sobre o tempo, significativa para a discussão, é apresentada por Attali (1985), que fez um estudo sobre os instrumentos utilizados para sua medição. Ele apresenta as relações entre o tempo e as forças sociais, mostrando que a história do tempo é a do conflito entre os tempos sociais. Segundo ele, a cada representação do tempo corresponde um poder específico, que autoriza certos atos, em determinadas datas, e que organiza a comunicação entre os indivíduos mediante a sincronização de seus comportamentos.

Attali (1985) parte da concepção de que a genealogia de todos os objetos está inscrita na das próprias sociedades e culturas em que tomam forma. Segundo ele, para compreender o mundo e refletir sobre o futuro, será necessário dispor das histórias que correspondem aos múltiplos objetos comuns que nos servem e nos dominam. O calendário e o relógio são traços essenciais do que tem seguido cada civilização e do curso de vida correspondente a cada homem. Ao considerar esses instrumentos como traços essenciais da vida humana, ele propõe-se a pesquisar a história desses instrumentos, indo desde o primeiro *gnomon*<sup>2</sup> até os objetos mais estranhos de hoje. Em sua relevante pesquisa, revela também a história de seus teóricos, dos inventores e fabricantes desses objetos, dos poderes que lhe são atribuídos e dos usos “perversos e inocentes” do tempo. É curioso conceber que essa história é, assim como a dos objetos presentes no cotidiano, um documento fundamental para a compreensão da estrutura e organização das sociedades.

Buscar a genealogia e descobrir a necessidade e o uso revelam, de modo estranho e complexo, não somente o sentido do tempo para cada sociedade, mas também a maneira como o homem pensa e organiza esse conceito e como se situa nele. Attali (1985) fala sobre a vinculação entre ordem social e temporalidade, ao afirmar que o calendário e os instrumentos para medir o tempo, unidos, constituem, então, os elementos centrais de toda ordem social. Cada tempo

---

<sup>2</sup> *Gnomon* é uma haste ou bastão que se usa para projetar a sombra do sol em um plano horizontal, a fim de se ver as horas. Significa relógio solar.

corresponde a instrumentos específicos de medição, as imitações tecnológicas de poder, que anunciam a nova ordem social.

O uso e posterior abandono de um objeto revelam, em parte, a ordem social da qual é contemporâneo e da qual, ao mesmo tempo, participa. E, desses entrelaçamentos, nasce a multiplicidade das leituras possíveis de nosso tempo.

Cada sociedade tem seu próprio tempo e sua história; cada uma se situa em uma teoria da história e organiza-se ao redor de um domínio de calendário; toda cultura constrói-se em torno de um sentido do tempo; todo trabalho do homem é pensado em um tempo cristalizado, como uma aceleração do que seja natureza.

Attali (1985) considera que cada representação do tempo é uma visão do mundo, de sua origem e de seu destino, de suas regularidades e de seus tropeços. As teorias do tempo e das técnicas para medi-lo proporcionam indícios excepcionais de todos eles: assim o quadrante solar imita o cosmos e seu ritmo sagrado; o pêndulo limita, a intervalos aproximadamente iguais da força de um peso reflexo de uma ordem estável, ação de compensação e equilíbrio; a mola do pêndulo distende-se até que se deva dar corda; com a história industrial, move-se por forças econômicas que devem ser reconstituídas a intervalos regulares.

O tempo abstrato, subjetivo, corporifica-se, objetiva-se, por meio dos instrumentos construídos para medi-lo, e eles passam a ter uma função específica no interior da sociedade. Um objeto cultural, seja ele material, como, por exemplo, o relógio, seja ele não-material, como a linguagem, tem uma função social e uma representação socialmente estabelecida. Quando ocorre a objetivação de uma parte da cultura, como o tempo representado pelo relógio, estamos presenciando a produção e reprodução da cultura humana, portanto, da vida em sociedade.

No momento em que a ação humana resulta em produtos culturais, sejam eles materiais ou não, podemos perceber que o processo de objetivação da cultura humana é cumulativo. Portanto o que está por trás do relógio de quartzo abordado por Attali (1985) é uma acumulação da experiência histórica de várias gerações. Pode-se dizer, então, que os produtos são sempre sínteses da ação humana, sendo que assim, ao apropriar-se de um produto cultural, o indivíduo está apropriando-se de todo um saber acumulado pela sociedade.

É importante reconhecer um dado contido em Attali (1985), quando ele destaca que o domínio dos instrumentos de medidas constitui a representação mais evidente de como estava estruturado o poder em uma dada coletividade. Tal constatação permite afirmar que a

organização social gerada pelos ritmos e temporalidade é estabelecida ou controlada por aqueles que dominam o saber sobre o tempo. Com isso, seria verdadeiro afirmar que toda representação do tempo depende da ordem social que ela estrutura.

É essa importância atribuída ao tempo, como elemento fundamental na leitura da ordem social, que justifica a abordagem desse tema nesse trabalho, no sentido de compreender a organização de “novos tempos” sociais – tempo disponível, livre, de obrigações e de trabalho – assunto abordado a seguir.

## 2.2. TEMPO LIVRE

A relevância que a temática do tempo “livre” tem adquirido nas últimas décadas é indiscutível. Pode-se verificar um aumento no número de estudos<sup>3</sup> que se ocupam desse tema, dado que reforça a sua importância nos tempos atuais. Vivemos em uma época de transformações no mundo do trabalho (desemprego, trabalhos informais, precarizados ou terceirizados, inovações tecnológicas etc.), em que se implementa uma outra forma de organização social, trazendo alterações no tempo de trabalho e, conseqüentemente, no tempo “livre”.

Para podermos entender o fenômeno do tempo “livre”, faz-se necessário compreender o desenvolvimento do trabalho humano<sup>4</sup>. A noção de tempo “livre” surge por sua interligação com o tempo de trabalho, isto é, representa o tempo libertado do trabalho. Este assumiu e assume ainda hoje, nas sociedades modernas, um grande valor. Logo, ao tematizar o tempo “livre”, não se pode desconsiderar a forte relação que ele tem com a lógica do capital, a qual determina a organização social. Afinal de contas, na sociedade capitalista, o homem, considerado livre, oferecerá sua força de trabalho, ou seja, seu tempo de produção, que só tem valor se estiver articulado à produção.

Sobre isso, Cafiero (1987, p. 27) esclarece que o tempo vendido ao capitalista lhe pertence: “O tempo, durante o qual o operário trabalha, é o tempo durante o qual o capitalismo

---

<sup>3</sup> Elias (1998), Munné (1980), Padilha, (2000, 2003), Sue (1991), Waichman (1997), Dumazedier (1988).

<sup>4</sup> Não se tem a pretensão aqui de tratar dos conflitos sociais, das lutas e reivindicações sindicais que foram resultando paulatinamente ao longo de quase dois séculos, na conquista do tempo liberado à jornada de trabalho, por diminuição da carga horária diária, semanal, anual e mesmo no fim da vida ativa. Mas este trabalho irá introduzir esse assunto no sentido de compreender o surgimento do tempo livre.

consome a força de trabalho, que ele comprou do operário. Se o assalariado consome o tempo que tem disponível para si mesmo, ele está roubando o capitalista”. O tempo dos trabalhadores, na sociedade capitalista, só adquire valor, no mercado de trabalho, na venda que o empregado faz de sua força de mão-de-obra.

Mas o que faz o tempo adquirir esse valor no capitalismo? Marx esclarece como este se constitui na referência para o próprio valor de troca e de produção social da riqueza, com a extração da mais-valia; é o tempo de trabalho socialmente necessário que define o valor:

Como valores de troca de grandeza diferente, apresentam uns mais ou menos, maiores ou menores quantias daquele trabalho simples, uniforme, geral abstrato, que constitui a substância do valor de troca. Importa saber como medir essas quantias. Ou importa saber antes qual é o modo de ser quantitativo daquele trabalho, porque as diferenças de grandeza das mercadorias como valores de troca são apenas diferenças de grandeza do trabalho objetivado nelas. Já que o modo de ser quantitativo do movimento é o tempo, assim o modo de ser quantitativo do trabalho é o tempo de trabalho. Pressupondo sua qualidade como dada, a única diferenciação de que é suscetível é a diversidade da sua própria duração. Como tempo de trabalho, obtém seu padrão de medida nas unidades naturais do tempo: hora, dia, semana etc. Tempo de trabalho é o modo vivo de ser do trabalho, indiferente à sua forma, ao seu conteúdo, à sua individualidade; é o seu modo vivo de ser como quantidade, ao mesmo tempo em que é sua medida imanente. O tempo de trabalho objetivado nos valores de uso das mercadorias é tão exatamente a substância que os torna valores de troca, e daí mercadorias, como também mede sua grandeza determinada de valor. (MARX, 1999, p. 59).

A maior preocupação de Marx foi justamente denunciar ao mundo as condições de exploração contidas no interior do modo de produção capitalista. A Marx e a Lafargue, devemos as reflexões que levaram a sociedade a pensar, a exigir o direito ao tempo “livre”, ao ócio e ao lazer, como conquistas sociais universais dos trabalhadores. Eles apontam a redução da jornada de trabalho como uma necessidade de ampliação do tempo “livre” para a emancipação do homem. Lafargue, por exemplo, proclama, em 1883, a jornada diária de três horas para que o trabalho possa significar uma fonte de prazer para o trabalhador. Referindo-se à necessidade de o proletariado tomar consciência de sua força na conquista dessa jornada, ele diz:

[...] é preciso que o proletariado pisoteie os preconceitos da moral cristã, econômica e livre-pensadora; é preciso que volte a seus instintos naturais, que proclame os Direitos da Preguiça, mil vezes mais nobres e mais sagrados que os típicos Direitos do Homem, arquitetados pelos advogados metafísicos da revolução burguesa. É preciso que ele se obrigue a não trabalhar mais que três horas por dia, não fazendo mais nada, só festejando, pelo resto do dia e da noite. (LAFARGUE, 1999, p. 84).

O tempo “livre” possuía um carácter reivindicatório, para conter a exploração do trabalho nas organizações. Lafargue denuncia a “escravização” do homem por meio do trabalho de forma perspicaz, com a arte de uma ironia extremamente realista e de fácil compreensão entre os operários. Podemos perceber isso na seguinte passagem: “Trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a riqueza social e suas misérias individuais, trabalhem, trabalhem para que, ficando mais pobres, tenham mais razões para trabalhar e tornarem-se miseráveis. Essa é a lei inexorável da produção capitalista” (LAFARGUE, 1999, p. 79). Como se pode perceber, o tempo “livre” surgiu em meio às contradições do próprio desenvolvimento capitalista como conquista de classe. A luta pela diminuição da jornada de trabalho foi constante entre as reivindicações dos trabalhadores, sendo responsável pela constituição do “tempo livre”. A luta militante e teórica de Marx e Lafargue obrigou o mundo a ouvir os interesses da classe operária, pois as armas intelectuais a eles fornecidas por estes dois intelectuais alteraram os rumos da história da humanidade, trazendo à tona reflexões críticas, que ganharam tonalidades científicas com esses pensadores, os quais colocaram a racionalidade como elemento direto do pensar, trabalhando o ser em sua plenitude ontológica:

1. o ser é visto como um processo histórico, em que formas moventes e movidas da própria matéria se baseiam em formas de existir e determinações da existência. O homem modifica e é modificado pela sociedade;
2. a consciência reflete a realidade, o que lhe permite realizar ações para modificá-la e construir um mundo novo, em que a exploração seja coisa do passado. A força da mudança é dada pelo homem em sua atitude de correspondência com a base da realidade.

Nota-se que o trabalho é essência constitutiva do homem, categoria fundante do ser social, que produz e reproduz a humanidade em sua dimensão ontológica, em que o ser é o elemento mais importante, porque pode ser dono de si e pensar pela razão. A recuperação da razão como sinalizador da práxis dos homens torna-os independentes e movimenta a vida segundo os interesses nobres da luta política e ideológica em uma sociedade em que o trabalho liberta o homem e não o escraviza.

Como se pôde verificar, a divisão do tempo na vida social dos indivíduos é o reflexo da hierarquização dos valores de uma sociedade, em um determinado momento histórico. É inegável que o tempo de trabalho é o tempo social dominante, em torno do qual circundam as demais

atividades humanas. Contudo não é o único tempo, há necessidade, por um lado, de se estar ciente da existência de uma pluralidade de tempos sociais numa mesma sociedade e, por outro, a heterogeneidade entre si dos diversos tempos: de trabalho, profissional ou escolar, de obrigações sociais, de ocupações familiares e tempo “livre”.

Sue (1991) chama a atenção para o fato de que a sociedade está organizada em “tempos sociais”; isso significa que “existem categorias de tempo para coordenar e ritmar as principais atividades sociais que possuem uma importância na sociedade: tempo de trabalho, tempo ‘livre’, tempo familiar, tempo de educação etc.”. Se a sociedade está organizada em tempos sociais, eles não formam um todo harmônico. Existe um conflito entre esses tempos sociais, o qual determina a imposição de um tempo sobre outros, que regula as principais atividades sociais. Esse conflito aparece quando se fala de “tempo livre” e tempo de trabalho. Ao longo da história, o “tempo livre” tornou-se um tempo social significativo, criando modificações nas estruturas sociais, levando ao aparecimento de novas normas e regras, e ao estabelecimento de incipientes relações sociais nas quais se fundam outros valores.

Apesar dos apontamentos em torno do aumento do “tempo livre” na sociedade atual<sup>5</sup>, na concepção de Sue (1991), esse tipo de tempo se beneficia de uma visibilidade social muito fraca. De acordo com o autor, no fundo, ele teria uma atitude de negação, pois, quanto mais ele progride, menos é reconhecido. Não existe, portanto, coincidência entre os tempos sociais quantitativo e qualitativo:

Do ponto de vista dos valores, um tempo quantitativamente maior não é “ipso facto” o tempo qualitativamente mais importante [...] a evolução quantitativa dos tempos sociais é um sinal mais precoce da mudança social. Em todo caso, para ser realmente dominante e estruturante, ou seja, impor uma nova ordem social, um tempo social deve ser considerado tanto pelo ponto de vista qualitativo quanto quantitativo... (SUE, 1991, p. 177).

O aumento quantitativo do “tempo livre” na sociedade contemporânea fez com que estudiosos da sociologia e de outras áreas de conhecimento voltassem sua atenção para o seu estudo, no sentido de tentar compreendê-lo melhor. A partir de então, surgem termos diferentes para denominá-lo, a exemplo: tempo liberado, disponível, de não trabalho, lazer e ócio. Muitas

---

<sup>5</sup> Um apontamento consistente a esse respeito foi feito por Dumazedier (1988), tomando a França como exemplo. No período compreendido entre os anos de 1975 e 1985, o autor traz dados empíricos que mostram um considerável aumento do tempo livre, fato que foi considerado importante, pois, pela primeira vez, pode-se contabilizar, em relação ao tempo de trabalho profissional, a existência de mais tempo livre. Nesse período, o tempo de dedicação ao trabalho teria diminuído em média três horas.



vezes, esses termos aparecem como sinônimos. De acordo com Padilha (2000), alguns estudiosos, sobretudo da sociologia do lazer, procuram fazer distinções teóricas dos termos para facilitar uma utilização mais precisa, embora seja inegável que esses conceitos se mesclam de alguma forma. Neste trabalho, optei por usar a denominação “tempo livre” para designar as atividades realizadas fora do trabalho, das obrigações familiares, religiosas e sociais<sup>6</sup>.

Há alguns estudiosos que preferem substituir tempo “livre”, um exemplo é Marcellino (1987), que prefere falar em tempo “disponível”, caracterizando este como o tempo em que o lazer pode acontecer, no qual o homem está mais livre de todas as obrigações laborais, familiares, de estudo e fisiológicas. O autor traz tal denominação, pela dificuldade encontrada pelo homem de poder ficar completamente livre de todas as coações ou normas de conduta social<sup>7</sup>, mesmo quando usufrui esse tempo disponível.

Minha compreensão converge com a desse autor, pois, a partir do momento em que nascemos, já estamos sujeitos a normas e regras da vida em sociedade e nos comportamos no tempo “livre” de acordo com as mesmas. Quantos não optariam por dormir ou assistir TV no domingo, mas, na segunda-feira, ouviriam a freqüente pergunta: “o que você fez no final de semana?”. O comportamento previsto é de um final de semana “ativo”, no qual se esteja envolvido em atividades sociais de lazer, entre elas, passear, ir ao cinema ou ao clube, reunir-se com amigos ou com a família. A conduta social esperada não é a de dormir, muito menos ficar em casa. Existem cobranças sociais em torno desse comportamento, que coagem as pessoas a agirem da mesma forma no seu “tempo livre”, mesmo que isso não coincida com sua vontade. E podemos dizer que, mesmo que haja desejo de agir de acordo com estes preceitos, este foi socialmente internalizado pelas regras da sociedade.

Talvez, encontra-se aqui, uma contradição: o homem lutou tanto pelo “tempo livre” e agora se vê aprisionado a ele. O “tempo livre”, que deveria servir às necessidades culturais e materiais do homem, não lhe pertence, não se pode deliberar livremente sobre o que nele fazer, parecendo um prisioneiro do mesmo.

---

<sup>6</sup> Essa opção não significa que discordo da posição de Marcellino de que nenhum tempo é totalmente livre de coações. É apenas uma opção terminológica.

<sup>7</sup> Adorno (1995) e Padilha (2000), entre outros, compactuam com a idéia de que nenhum tempo pode ser livre de coações da lógica do capital ou de normas sociais.

O que se visualiza é um novo “estilo de vida ativo”, entranhado na forma de organização social e neste não existe espaço para o repouso, para a reflexão e para a contemplação, pois não são comportamentos valorizados socialmente.

Outro estudioso que também substitui a denominação “tempo livre” é Cunha (1987), que opta pelo tempo não-produtivo ou residual. Para o autor, há três tempos. O primeiro é o produtivo: necessário à criação do produto social, envolve, além da acumulação de capital pela mais-valia, o trabalho de simples troca econômica, como, por exemplo, o serviço doméstico, que nada acrescenta ou o faz muito pouco ao produto social que se acumula.

O segundo tempo abordado por Cunha (1987) é o não-produtivo, considerado “livre”, complementar, residual<sup>8</sup> do tempo produtivo, só existindo em função deste, uma vez que tem mais valor econômico e social por criar ou reproduzir as condições materiais de existência. O residual pode, muitas vezes, ultrapassar em extensão o produtivo. “Mas o tempo residual, não-produtivo, distribui-se em torno do tempo produtivo, como se fosse o núcleo de uma molécula, pois, de fato, corresponde ao centro de nosso sistema vital” (idem, *ibidem*, p. 15). No residual, ocorrem algumas atividades de natureza compulsória necessárias às satisfações biológicas, como recuperação psicossomática, abastecimento alimentar etc., sendo ambos os tempos, portanto, coercitivos, impostos.

O terceiro tempo trazido pelo autor é o de lazer, este sim consistente, de flexibilidade de escolha e de engajamento das pessoas, e nele se inserem as atividades prazerosas e que transmitem sensação de liberdade, de naturalidade, por possibilitarem a execução das aspirações e desejos mais simples, imediatos ou profundos, resultando numa qualificação das relações interpessoais e destas com os objetos. Logo se pode perceber que, para além do “tempo livre”, Cunha cria um outro tempo “o de lazer”. Contrapondo-me às idéias do autor, acredito que o verdadeiro lazer está inserido no “tempo livre”, sendo um dos seus componentes e não separado dele. Além disso, não compactuo com a idéia de que, no lazer, inserem-se atividades prazerosas, que transmitem uma sensação total de liberdade e naturalidade, pois as pessoas dificilmente conseguem sape livrar das “amarras sociais”, mesmo no momento de lazer. Uma outra

---

<sup>8</sup> “O tempo residual dá o seu primeiro grande salto em uma época adiantada de transformações qualitativas do capitalismo, principalmente do ponto de vista social. Foi preciso a conjugação das lutas operárias, sempre tardias em relação à própria gênese do proletariado industrial, do advento da grande empresa, da modificação da natureza da mais-valia e do desenvolvimento do imperialismo para que o tempo de produção regredisse. Os tempos residuais e de lazer são produtos políticos de emancipação, cujas fronteiras se situam na capacidade de crescimento do produto social, da produtividade e, conseqüentemente, do nível de vida da população trabalhadora” (CUNHA, 1987, p. 38-39).

classificação do tempo é dada por Bacal (1998, p. 28). Além do tempo “livre”, traz outras duas denominações: “tempo necessário” como aquele ligado à garantia da satisfação das “urgências vitais”, despendido para a execução das tarefas de trabalho; “tempo liberado” àquele de que o homem dispõe após o “necessário”. Segundo a autora, neste último, são incluídas algumas atividades que, de certa forma, são obrigatórias e essenciais: as necessidades biológicas e fisiológicas, tais como o sono, a alimentação e a higiene pessoal. Além dessas atividades de satisfação, o tempo liberado inclui manifestações gratuitas como repouso e distração. O “tempo livre”, para a autora, é uma parcela do tempo liberado do trabalho e do tempo gasto para a satisfação das necessidades biológicas e fisiológicas, isto é, tirando todo o tempo para a sobrevivência, o restante é o “tempo livre”, destituído de qualquer obrigatoriedade ou coação. Aqui se encontram algumas confusões, quando a autora introduz os conceitos de tempo necessário e tempo liberado, pois este último é “necessário”, sendo nele incluído atividades que, de certa forma, são obrigatórias e necessárias (biológicas e fisiológicas). Se é assim, deveriam estar incluídas no tempo necessário e não no liberado. Novamente, percebe-se o equívoco do “tempo livre” como aquele destituído de obrigatoriedade ou coação, o que não condiz com a realidade.

Elias e Dunning (1992), buscando compreender as diferenças entre as atividades do “tempo livre”, nas quais se insere o lazer, propõem a tipologia “espectro do tempo livre”, na qual relacionam outras atividades fora do trabalho:

- rotineiras: necessidades biológicas, cuidados com o corpo e com a alimentação, tarefas domésticas, atenção a familiares etc.;
- de formação e autodesenvolvimento: funções não-profissionais, de caráter voluntário, estudo não-escolar, *hobby*, práticas religiosas, participações em associações de conhecimento etc.;
- de lazer: desde as atividades de sociabilidade, quando há participação mais formal, seja em festividades diversas, sejam as de lazer comunitário, que poderiam ser exemplificadas com a ida a um bar ou as conversas mais banais; as atividades miméticas.

Através dessa classificação, os autores esclarecem que nem todas as atividades realizadas no “tempo livre” são de lazer, algumas delas têm caráter de trabalho, mas todas são voluntárias.

Mostram também que nem todas as realizadas no “tempo livre” são prazerosas, muito pelo contrário, algumas são altamente rotineiras.

Waichman (1997) traz uma discussão sobre o “tempo livre” em diversas épocas e contextos sociais. Ao tentar agrupar as várias referências de autores, faz o seguinte esquema: o “tempo livre” é o que sobra após o trabalho; é o que fica livre das necessidades e obrigações cotidianas; é aquele que se emprega no que se quer; enfim, “tempo livre” é a parte destinada ao desenvolvimento físico e intelectual do homem com um fim em si mesmo.

Já para Waichman (1997, p. 37) o “tempo livre” é uma construção tanto individual quanto social. A posição do autor é de que o tempo só será livre quando não for uma necessidade, visto que o tempo do não-trabalho deve anular os efeitos nocivos do trabalho (cansaço, tédio). Ou seja, o “tempo livre” não é um bem dado, mas uma construção tanto individual quanto social. Acredita que o “tempo livre” é uma possibilidade, um valor a ser gerado e uma práxis a ser exercida. O tempo verdadeiramente livre é, portanto, aquele caracterizado pela criação.

Marcassa (2003), ao invés de “tempo livre”, utiliza a denominação de não-trabalho, na qual

[...] estão contidas atividades como os cuidados pessoais, as obrigações familiares, a escola, a igreja, o partido político e outras que, de longe, chegam a se confundir com o lazer. Diria, então, que o ‘tempo de lazer’ se estabelece na fusão entre a instituição social de um tempo livre e o planejamento pessoal em relação a este mesmo tempo, frente às possibilidades/opções ofertadas pelas experiências pessoais e/ou atividades de consumo e fruição da cultura e de suas produções [...]. (p. 3).

Para a autora, o surgimento do “tempo livre” não se deu como consequência da substituição do trabalho humano pela máquina, mas como conquista social operada no campo das tensões entre sociedade civil e sociedade política, como fruto da organização e da luta da classe operária pela diminuição da jornada de trabalho e por melhores condições de vida e de subsistência. Por isso, não se pode dizer que o lazer tenha sido uma conquista da classe trabalhadora, como pensam alguns, já que, quando das reivindicações do operariado brasileiro, o que se desejava era a definição da jornada de oito horas de trabalho e a conseqüente expansão do “tempo livre”. Portanto a conquista da classe trabalhadora organizada nesse período não foi o lazer, mas sim o “tempo livre”, que passou a ser ocupado com a sua educação, conscientização, produção cultural, descanso e diversão (MARCASSA, 2002, p. 188).

Pode-se analisar que, nos diversos conceitos, ressaltam-se a definição e o lócus do “tempo livre” como atividades desempenhadas fora do trabalho, contudo, para que esse tempo seja realmente livre, não basta estar livre do trabalho. O tempo será realmente livre quando se converter em um espaço de criação artística, intelectual e cultural, isto é, quando for utilizado para o lazer, tema abordado no item a seguir.

### **2.3. LAZER: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS**

O lazer é, sem dúvida, um dos fenômenos mais importantes e característicos da atualidade. Encontram-se múltiplas e variadas definições de lazer, segundo o enfoque teórico e o posicionamento filosófico e científico do pesquisador.

Os pesquisadores que se dedicam a esse tema se constituem a partir de suas áreas específicas de conhecimento: sociologia, filosofia, administração e pedagogia. Entretanto, as contribuições desses autores, analisadas de forma isolada, não corroboram para uma visão de totalidade do lazer e para o estabelecimento de teorias mais consistentes sobre os significados históricos, sociais e culturais do lazer. Tendo em vista o significado e a importância da temática e sua valorização na sociedade contemporânea, vários autores brasileiros estão centrando seus estudos na área de lazer. No desenvolvimento do texto, busquei respaldo em cientistas sociais como Marcellino (1983, 1987); sociólogos como Dumazedier (1973, 1975, 1979), Camargo (1998) e Padilha (2000); historiadores como Sant’Anna (1994); psicólogos como Munné (1980); e também professores de educação física, como Werneck (2000), Mascarenhas (2000), Marcassa (2003) e Melo e Alves Junior (2003).

A legitimação do lazer como um campo de estudos científicos foi gestado na área de sociologia, a partir da necessidade de conhecimento e controle social do “tempo livre” dos trabalhadores nos países industrializados. Nesse contexto, acirrava-se o debate em torno da criação de mecanismos de regulamentação e redução da jornada de trabalho, o que gerou uma preocupação por parte dos políticos e empresários em torno dos usos que os trabalhadores pudessem fazer do seu “tempo livre”, instigando-se a realização de pesquisas sobre o tema (SANT’ANNA, 1994).

No que se refere à realidade brasileira, Sant'Anna (1994, p. 81) esclarece que as indagações feitas pela “sociologia do lazer” acabaram esbarrando, e mesmo penetrando, em outras disciplinas além da sociologia, sendo disseminadas entre profissionais de várias áreas do conhecimento, um aspecto que teve repercussão bastante significativa nos estudos brasileiros.

No Brasil, encontramos maior interesse pelos estudos do lazer a partir da década de 1970, quando surgiram os primeiros grupos de pesquisa em diferentes áreas de conhecimento. Nesse período, o lazer torna-se, efetivamente, um objeto de estudo e investigação, constituindo-se em um campo próprio de preocupações, reflexões e intervenções.

A produção do lazer como disciplina não é exclusiva da década de 70, mas é nela que se desenvolvem novos instrumentos, mais precisos e diversificados, de descrição, avaliação, cálculo e organização dos usos do tempo livre e é nela que se evidenciam esforços mais amplos para transformar esses usos em forma de lazer institucionalizadas. (SANT'ANNA, 1994, p. 56).

Ao longo das décadas de 1970 e 1980, encontramos, nos estudos do lazer, a predominância do pensamento de Dumazedier (1973, 1975, 1979). Segundo Gomes (2004b), podemos constatar que a literatura científica nacional foi influenciada pela presença de Dumazedier, em seminários internos, promovidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC)<sup>9</sup>, em São Paulo, e em diversas localidades, por outras instituições. Esse sociólogo francês veio várias vezes ao país, no período de 1961 a 1963, a convite da Universidade de Brasília, do Movimento de Cultura Popular da cidade de Recife e das autoridades eclesiásticas de Pernambuco.

O SESC organizou um grupo de estudos e pesquisas denominado Centro de Estudos do Lazer (CELAZER), que, a partir de 1970, contou com a orientação de Dumazedier. A instituição promoveu a publicação de diversas obras na área, as quais têm contribuído diretamente para o registro do pensamento sobre o lazer na literatura nacional.

O pensamento de Dumazedier (1973, 1975, 1979) tornou-se hegemônico, constituindo-se referência para várias instituições, estudiosos e educadores. Alguns dos estudiosos brasileiros que

---

<sup>9</sup> De acordo com Gomes (2004a), as diretrizes de ações do SESC em relação ao lazer intensificaram-se a partir da realização, no mesmo ano, dos Seminários em São Paulo (1969), da IV Convenção Nacional de Técnicos da instituição no município de Petrópolis (RJ). Em 1970, uma série de encontros foi realizada, entre eles: o segundo Seminário de Estudos sobre o Lazer, em junho, na cidade de Campinas (SP); a palestra Lazer e Desenvolvimento na Secretaria dos Serviços Sociais em Brasília (DF); o Seminário sobre Lazer, patrocinado pela Secretaria da Promoção Social do Estado de São Paulo, em São José dos Campos (SP); e o Seminário sobre Lazer, no Estado de Guanabara (hoje Rio de Janeiro), com o apoio do SESC.

tomaram Dumazedier como referência foram os sociólogos Requixa (1977, 1980) e Camargo (1998), a psicóloga Medeiros (1971) e a professora de educação física Gaelzer (1979).

No fim da década de 1980, os estudos do lazer, no Brasil, ganham nova direção, destacando-se pela tendência de tratar do assunto de forma mais crítica, pela ênfase dada, tanto a preocupações, quanto ao nível conceitual existente e à sua ocorrência histórica. Merece destaque o pensamento de Marcellino, que traz algumas alterações no modo de conceber o lazer. Sua obra é considerada uma significativa referência para tais estudos no Brasil, sobretudo se observar a repercussão e o volume das publicações sistematizadas pelo autor. Suas análises representam uma importante contribuição para as discussões empreendidas sobre o tema em nossa realidade. Na década seguinte, a produção científica na área de lazer passou por um significativo avanço, com a organização de grupos de pesquisa e implementação de pós-graduações no país<sup>10</sup>. Com esse expressivo crescimento intelectual, os trabalhos científicos e debates teóricos proliferaram, trazendo outras perspectivas teóricas e novas abordagens sobre o tema e, conseqüentemente, embates teóricos entre os pesquisadores da área, com conseqüentes divergências da temática.

A discussão de Marcellino (1983) aponta que não existe, entre os estudiosos e técnicos da área, nem mesmo na população em geral, um consenso sobre o que seja lazer<sup>11</sup>, por tratar-se de um termo que é carregado de preferências e juízos de valor. Apesar de não existir consenso entre os autores acerca do significado de lazer, uma coisa é certa: praticamente todos os autores que o investigam apontam o tempo como uma das categorias do lazer; afinal, tempo de trabalho e tempo de não-trabalho é exatamente do que se compõe a vida dos indivíduos.

Esse autor (1987), ao abordar sobre a dificuldade de entendimento do lazer, distingue-o em duas linhas: uma que se fundamenta na variável atitude e outra, na variável tempo. O lazer considerado atitude, marcado pelo significado que as pessoas atribuem ao lazer, caracteriza-se pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente, a satisfação provocada pela atividade. Essa linha considera o lazer como um estilo de vida, portanto, independente de um tempo determinado.

Também segundo Marcellino (1987), a linha que privilegia o aspecto *tempo*, situando-o como *liberado* do trabalho ou como *tempo livre*, não só do trabalho, mas de outras obrigações –

---

<sup>10</sup> A Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) foi pioneira em criar um curso de pós-graduação *lato sensu* na área de lazer e também foi pioneira ao criar uma linha de pesquisa em Estudos do Lazer na pós-graduação *strictu sensu*.

<sup>11</sup> Além de Marcellino, outros autores comungam com a idéia de que não existe consenso sobre o termo lazer. Entre eles, Marcassa (2002), Mello e Alves Junior (2003), Werneck (2000).

familiares, sociais, religiosas –, destaca a qualidade das ocupações desenvolvidas. Nesta, o conceito que restringe o lazer a um tempo determinado também engloba aspectos nebulosos, uma vez que uma mesma pessoa pode, num certo período de tempo, desenvolver mais de uma atividade; por exemplo, ouvir música enquanto trabalha. De acordo com o autor, apesar da polêmica sobre o conceito, a tendência que se verifica na atualidade, entre os estudiosos do lazer, é no sentido de considerá-lo, tendo em vista os dois aspectos – tempo e atitude.

Gomes também aborda as “categorias” tempo e atitude. De acordo com ela, o lazer é “uma dimensão da cultura construída socialmente, em nosso contexto, a partir de quatro elementos inter-relacionados” (GOMES, 2004a, p. 124). Estes elementos são: tempo, espaço-lugar, manifestações culturais e ações (ou atitude).

Segundo Marcassa (2003), não se deve confundir o lazer com o trabalho, uma vez que a demarcação temporal recebida é a do “tempo livre”, por ela chamado de não-trabalho. Apesar disso, para a autora, o lazer não compreende todo o tempo de não-trabalho, pois nele existem outras atividades que são diferentes do lazer, como cuidados pessoais, obrigações familiares, políticas, religiosas e educacionais.

Ao tratar da variável atitude, Marcassa (2003) prefere utilizar-se da noção de práxis. Ela o faz para compreender o lazer como prática social consciente, argumentando que a sua vivência compreende, não só um tempo, mas também, determinadas atividades relacionadas à cultura produzida e aos espaços em que essas vivências se dão. Para a autora, a práxis do lazer “[...] ocorre num tempo e espaço específicos e respondem a finalidades mais ou menos homogêneas, mas são capazes de produzir sentidos e significados para cada um dos sujeitos ou grupos mediadores” (idem, *ibidem*, p. 3).

Como se pode verificar, entre os diversos autores que estudam o lazer, existe um consenso quanto às variáveis tempo e atitude<sup>12</sup>. Contudo, no que se refere a seu conceito/significado, as divergências continuam a existir. É possível verificar que a apropriação conceitual que as diversas áreas têm sobre o lazer vem marcada por concepções conflitantes e antagônicas.

---

<sup>12</sup> Apenas Bramante (1998) fala do lazer enquanto “tempo conquistado”, uma vez que, na sociedade capitalista contemporânea, em que o tempo foi se instrumentalizando, as atividades recreativas tenderam a transformar-se em mercadorias. Nas palavras do autor, “[...] conquistar um tempo da não obrigação vem se impondo como um desafio para todos que desejam exercitar a face humana da vida plena” (BRAMANTE, 1998, p. 11). Bramante, diferente dos outros autores, não dissocia a compreensão de “tempo de lazer” do tempo de trabalho. Para todos os outros, o lazer só poderá realizar-se em um tempo fora do trabalho.



Marcellino (1983) argumenta que, pelo fato de o lazer constituir-se de uma palavra que recebe diversos significados, abordar o tema torna-se um exercício bastante difícil:

[...] embora a tendência atual caminhe para um consenso, o significado do lazer apresenta divergências entre os intelectuais, pelas diferenças de enfoque, e não podemos precisar quais os interesses que estão embutidos nessas teorias, ora geradoras de atitudes negativas, ora concentrados de todo esforço social da área específica do lazer, de certa forma desviando a atenção de outras áreas também importantes. (MARCELLINO, 1983, p. 29).

Tendo em vista a falta de consenso acerca do lazer, faz-se necessário refletir a respeito das perspectivas conceituais pelas quais o lazer vem sendo entendido, para que seja possível pensar, de maneira dialética, sobre suas apropriações, definições e interpretações.

A obra de Dumazedier(1979), é de suma importância para se compreender algumas perspectivas conceituais. Constitui um estágio insubstituível na formação e no desenvolvimento da sociologia do lazer. Apesar das críticas em relação à sua postura funcionalista, não se pode negar que, em seus postulados, se encontra posições claras, que impulsionaram a realização de investigações práticas e muitas outras contribuições, sem as quais a sociologia do lazer, não teria o reconhecimento de que desfruta hoje.

Dumazedier, ao considerar o lazer um produto da industrialização<sup>13</sup>, traz fundamentos históricos que nortearam as condições para o seu surgimento. Ele defendeu duas, sendo a primeira o “tempo livre” com o surgimento da civilização e dos trabalhos urbanos. Foi necessário um corte nítido entre as horas de trabalho e as de não-trabalho, o que somente é possível historicamente com o advento da sociedade urbano industrial. Uma regulamentação determinou a duração do dia e da semana de trabalho, o lazer de final de semana e uma regulamentação de ano de trabalho. Depois apareceram o descanso (férias pagas) e a aposentadoria. A regulamentação do tempo de trabalho criou o tempo de lazer (DUMAZEDIER, 1975).

Entre 1955 e 1959, esse autor realizou pesquisa na França. Seu estudo, apoiado na sociologia da cultura, abordou aspectos relativos ao mundo do trabalho, à cultura vivida, às práticas de ocupação do “tempo livre”, à experiência de vizinhança, ao entretenimento, às variadas formas de divertimento, aos clubes, jogos, grupos e associações. E questionava *o que é o lazer*, sendo para ele “um elemento central na vida cultural vivida por milhões de trabalhadores, possui relações sutis e profundas como todos os grandes problemas oriundos do trabalho, da

---

<sup>13</sup> Para Dumazedier (1979), na sociedade pré-industrial, o lazer não existe.

família e da política que, sob sua influência, passaram a ser tratados em novos termos” (DUMAZEDIER, 1973, p. 20).

De acordo com suas pesquisas, algumas atividades cotidianas são consideradas opostas ao lazer, tais como: o trabalho suplementar ou de complementação, os domésticos (arrumação da casa, a parte diretamente utilitária da criação de animais destinados à alimentação, da bricolagem e da jardinagem), as atividades de manutenção (as refeições, os cuidados higiênicos com o corpo, o sono), rituais ou ligadas ao cerimonial, resultantes de uma obrigação familiar, social ou espiritual (visitas oficiais, aniversários, reuniões políticas, ofícios religiosos), as ligadas aos estudos interessados (círculos e cursos preparatórios de um exame escolar ou profissional).

O autor discorda da idéia de definir o lazer opondo-o apenas ao trabalho profissional e assinala que a sua principal função “é liberação e prazer”, embora reconheça que atende a outras, como descanso, diversão, recreação e desenvolvimento, todas consideradas “rupturas com o universo cotidiano”. Quanto à função de desenvolvimento, ele acredita que o lazer “pode criar novas formas de aprendizagem voluntária e contribuir para condutas inovadoras. [...] tem grande importância para o incremento da cultura popular”. Dumazedier define o lazer como:

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

Nesse conceito, encontramos três funções destinadas ao lazer. A primeira refere-se ao descanso, cujo objetivo é a recuperação de energia gasta no trabalho, seja do ponto de vista físico ou psicológico. A segunda função é a do divertimento, que vem para romper com a monotonia do trabalho ou levar o indivíduo à criatividade, muitas vezes renegada no sistema produtivo, mas que atualmente vem sendo apontada como uma necessidade no sistema produtivo contemporâneo, para que o indivíduo possa continuar “suportando o fardo da vida rotineira”. A terceira refere-se ao desenvolvimento pessoal, que permite ao lazer “uma participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão, além da formação prática e técnica” (idem, *ibidem*, p. 33-34).

Ainda segundo Dumazedier (1973), a função de desenvolvimento pode criar novas formas de aprendizagem voluntária, a serem praticadas durante toda a vida e contribuir para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras. Suscitará, assim, no indivíduo libertado de suas

obrigações profissionais, comportamentos livremente escolhidos e que visem ao completo desenvolvimento da personalidade, em um estilo de vida pessoal e social. Para ele, as três funções são solidárias e estão sempre intimamente unidas, mesmo quando parecem opor-se entre si. Na verdade, acham-se presentes, em graus variados, em todas as situações e em relação a todos os indivíduos; podem suceder-se ou coexistir; manifestar-se uma de cada vez ou simultaneamente na mesma situação de lazer. Às vezes, estão de tal modo interpenetradas que se torna difícil distingui-las.

Além das funções, Dumazedier (1979) destaca algumas características específicas e constitutivas do lazer, considerando completo o lazer possuidor de caráter liberatório, desinteressado, hedonístico e pessoal.

O *caráter liberatório* é aquele resultante da livre escolha do indivíduo. O lazer seria a liberação do trabalho profissional e das demais obrigações impostas pelas instituições básicas da sociedade: familiar, sociopolíticas e socioespirituais. Aqui se abre um parêntese para dialogar com o autor, pois não se pode esquecer que existe uma série de determinismos por parte da sociedade que atuam nas escolhas e formas de lazer dos indivíduos.

Creio que o caráter de livre escolha não perpassa apenas o desligamento de obrigações, mas sim as condições de escolha oferecidas aos indivíduos de saber distinguir, entre as diversas possibilidades de lazer, aquelas que atenderão a suas necessidades.

Dentro do *caráter desinteressado*, o lazer não pode estar submetido a nenhum fim lucrativo, como o trabalho profissional, fim utilitário, como as obrigações domésticas, fim ideológico ou religioso, como os deveres políticos ou espirituais, não colocando o indivíduo a serviço de nenhum bem material ou social.

No *caráter hedonístico*, talvez tenhamos encontrado um caminho para explicar o sucesso das atividades de lazer, a procura por estados de satisfação, alegria e felicidade, tomado como um fim em si. Quando não existe o caráter de fruição, o lazer perde seu sentido, tornando-se empobrecido.

No *caráter pessoal*, a participação depende do interesse de cada um; as funções existentes devem atender às necessidades dos indivíduos, possibilitando a liberação das fadigas física e mental impostas pela vida moderna. O lazer permite-lhes sair das rotinas e dos determinismos comportamentais da sociedade.

Vários autores tecem críticas à concepção funcionalista de lazer de Dumazedier. Mas, antes de apresentá-las, faz-se necessário compreender tal concepção. Para isso, reportamo-nos aos estudos de Padilha (2003), para quem o funcionalismo é uma herança do positivismo, e a sua abordagem adota uma compreensão sistêmica da sociedade. Mas o que isso quer dizer? Cada parte da sociedade é vista como um elemento que forma o todo social e, portanto, exerce influência no funcionamento do seu conjunto. Nas ciências sociais, o funcionalismo teve como seus maiores representantes Comte, Durkheim, Mauss, Parsons, Merton, Malinowski e Radcliffe-Brown. De forma simplificada, pode-se dizer que cada instituição social tem uma ou várias funções, de forma que mantenha a sociedade em equilíbrio e harmonia. A plena realização das funções por parte das instituições sociais garante a integração da sociedade.

Como bem adverte Padilha (2003), para a corrente teórico-metodológica funcionalista, não interessam as causas dos problemas, o que, por sua vez, impede o entendimento das conseqüências históricas dos fenômenos sociais. O mundo visto pela lente do funcionalismo é sem contradições, no qual cada atividade tem sua função própria e dela não pode fugir. A sociedade é, então, homogênea e equilibrada, uma vez que qualquer eventual problema é resolvido com o exercício da função de cada um. Assim, por exemplo, se o trabalho causa problemas, o lazer resolve.

De acordo com Coulson e Riddell (1979), as bases teóricas apoiadas no funcionalismo têm sido muito populares, porque este realmente oferece um modo de estabelecer e simplificar a complexidade do todo que é a sociedade. Além disso, atende ao que as pessoas consideram ser a razão de suas ações, estabelecendo uma base de explicação para elas. Segundo os autores, o funcionalismo é muito atraente para os grupos que, na estrutura social, estão interessados em manter as “coisas”, as relações como são, já que a ideologia camuflada justifica a necessidade do *status quo*, de forma que estabeleça elementos de convencimento baseados em uma análise simplista e ingênua da realidade.

O funcionalismo, com sua concepção harmônica de sociedade e na busca de um consenso social, busca explicar qual é o papel do lazer no funcionamento desta sociedade e em que contribui para sua estabilidade e continuidade. Nessa linha, pode-se destacar não apenas a teoria funcional de Dumazedier, mas também Friedman, com sua proposição de lazer compensatório, e Riesman com sua fascinação pela democratização do lazer.

Marcellino é um dos primeiros e principais autores brasileiros que fazem a crítica à concepção funcionalista de lazer. Por visão funcionalista de lazer, podemos dizer que o autor entende uma visão altamente conservadora, que busca a “paz social”, a “manutenção da ordem”, instrumentalizando o lazer como fator de ajuda (MARCELLINO, 1987, p. 38).

Entre as abordagens funcionalistas, o autor caracteriza quatro: a romântica, a moralista a compensatória e a utilitarista. A primeira é caracterizada por Marcellino (idem, ibidem, p. 36) como a que compreende o lazer a partir da ênfase nos valores da sociedade tradicional ou quando se manifesta uma nostalgia em relação ao passado. A segunda visão esboça, de acordo com o autor, a função de desenvolver a ordem, a segurança e a paz social. Na terceira o lazer compensaria a insatisfação e a alienação do trabalho, restauraria a dignidade do homem. Na quarta, quando o lazer se resume à função de recuperação da força de trabalho, é dada maior ênfase à compensação que as atividades podem proporcionar. Geralmente, aparece atrelada à oposição aparente, que se verifica, nos autores, entre o trabalho e a realização pessoal. Dessa forma, se o trabalho, nas sociedades modernas, recebe a conotação de alienado, mecânico, o lazer compensa a insatisfação que essa realidade proporciona, fazendo a restauração da dignidade perdida no trabalho (idem, ibidem). Para esse autor (1983), a relação com o funcionalismo pode ser estabelecida no pensamento dos autores que reduzem o lazer 1) à sua função reparadora do trabalho, ou seja, concebem-no como um instrumento para melhorar o desempenho dos papéis individuais “produtivos”, visando assim o ajustado funcionamento do todo; 2) ao seu caráter de finalidade única da existência humana, apesar do trabalho alienado, supondo, da mesma forma, o funcionamento ajustado do todo.

Faleiros (1980) também apresenta algumas considerações sobre as análises de Dumazedier, fazendo-lhe críticas bastante pertinentes. Considera que esse autor adota uma abordagem funcionalista, a qual não permite encontrar quais seriam os mecanismos fundamentais responsáveis por determinadas manifestações do lazer. Assevera, ainda, que:

seu conceito se identifica com o invólucro vazio para ser preenchido com as atividades que são desenvolvidas em função de determinadas necessidades, desde que realizadas distintamente de certas obrigações institucionalizadas. Esse conceito de lazer, desprovido de caráter histórico, parece buscar o seu conteúdo organizando o mundo da aparência. (FALEIROS, 1980, p. 61).

Alguns autores brasileiros, como Medeiros, Requiya, Camargo<sup>14</sup>, Cunha, entre outros, adotam uma visão funcionalista sobre o lazer. Sendo a maioria seguidores de Dumazedier, sustentam a idéia de que a sociedade industrial precisa de um lazer eficiente para compensar as perdas que ela própria criou para os homens.

Munné (1980) também traz críticas à teoria de Dumazedier ao estudar as diferentes propostas sobre o lazer que têm ocorrido ao longo da história, sintetizando as distintas contribuições e assumindo duas divisões: a concepção burguesa<sup>15</sup> e a marxista<sup>16</sup>. Esse autor ainda considera a teoria de Dumazedier contrafuncional<sup>17</sup>. Para o autor, essa classificação é de suma importância porque põe em evidência o papel ideológico que desempenha essa teoria: o lazer como instrumento reequilibrador do indivíduo em relação ao sistema estabelecido.

---

<sup>14</sup> Camargo (1999) é um seguidor de Dumazedier e da sua concepção funcionalista. Ele considera que o lazer possui algumas características específicas: é gratuito, é de escolha pessoal, é sempre liberatório de obrigações, é prazeroso, é sempre fazer alguma coisa. O autor o traz numa visão compensatória, ficando claro, em algumas de suas argumentações, que “o lazer é compensatório na sua forma mais criativa, de liberação da fadiga e de reposição das energias para o trabalho no dia seguinte” (CAMARGO, 1999, p. 14).

<sup>15</sup> Segundo o autor, “A concepção burguesa de lazer surge de uma contraditória base moral e política: as tradições puritana e liberal. Essa dupla tradição explica que bem em seu início o sistema capitalista disputava com o lazer, que prejudicava o desenvolvimento do sistema. Todavia, quando se passar dos problemas de produção para os de consumo, este chega a ser visto e praticado pelo capital como uma imprevisível e fabulosa tábua de salvação, de tal forma que a mesma burguesia que no passado condenara por critérios morais o tempo perdido, o fomenta hoje perseguido por interesses econômicos. E, para isso, não hesita subtrair estratégias doses do tempo de trabalho, a fim de que as massas passem a dispor de uma suficiente capacidade temporal de consumo, a qual se vá perfilando cada vez mais como uma importantíssima fonte reprodutora do capital (MUNNÉ, 1980, p. 12). Munné (1980) divide ainda a concepção burguesa em três grandes correntes: “os empíricos”, os “teóricos” e os “críticos”. Os primeiros são representados pelos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos, nas décadas de 1920 e 1930, e outros são influenciados pelos americanos. É privilegiado os estudos empíricos e seus rigores pautados na ciência positivista. São expoentes os estudos desenvolvidos por Charles Galpin (1915), Park e Burgess (1925), Lloyd Warner (1931), Margaret Mead (1957), Jofre Dumazedier (1962, 1964), entre outros. De acordo com os “teóricos”, o problema do lazer é uma tarefa da pedagogia, visto que é um fenômeno moderno, e o papel desta disciplina deve ser o de ajudar o homem a empregar esse tempo corretamente. Nesta tendência, encontram-se Mead (1955), Rosenberg e White (1957), Kaplan (1960), Anderson (1961), Grazia (1962) Parker (1971), Friedman (1970), entre outros. Na corrente “crítica”, o trabalho e o lazer estão separados. A maquinaria destruiu o trabalho independente e retirou a liberdade do lazer, que passou a ser simplesmente um tempo de consumo, fonte de distração e mero passatempo de cultivo pessoal. Para que trabalho e lazer possam se unificar, será necessário torná-los um estilo de vida próximo ao de um artesão, no qual o cultivo do lazer cultural seja privilegiado. Alguns estudiosos dessa corrente são Veblen (1899), Mannheim (1950) e Mills (1951), Munné (1980).

<sup>16</sup> Segundo ainda Munné (1980), a corrente marxista crítica analisa dialeticamente o tempo livre na sociedade capitalista, por ser alienado e patológico. Em consequência, constroem o modelo de como será o tempo livre comunista: “Um tempo autenticamente livre, síntese dialética do trabalho e ócio, oposto do tempo de trabalho alienado, um tempo de trabalho livre, que originará um novo fato histórico que afeta a sociedade do devir, regida não pelo princípio socialista de ‘a cada um segundo seu trabalho’ mas pelo princípio comunista ‘cada um segundo suas necessidades’”. Para alcançar este fato, é preciso uma planificação do tempo social, mais ou menos sólida” (MUNNÉ, 1980, p. 36).

<sup>17</sup> A contrafunção seria a compensação de uma alteração nos sistemas, sejam eles sociais ou pessoais, diminuindo os efeitos desta alteração – do tempo heterocondicionado (de obrigações) e que ocorre num tempo liberador.

Como se pode perceber, no pensamento de Dumazedier, o lazer é peça-chave no funcionamento da sociedade, contribuindo para a sua estabilidade e continuidade. É visto como um antídoto contra os efeitos nocivos do trabalho. Produções teóricas dominadas por abordagens funcionalistas ignoram os elementos dinâmicos da realidade, de modo que, nessas produções, encontramos suposições idealistas, que não dão conta da realidade concreta.

Em oposição às funcionalistas, encontramos as abordagens críticas do lazer, que o entendem como um fenômeno em permanente transformação, inserido em uma lógica contraditória, que possui relações com a cultura, política e economia, estando sempre em movimento. Dessa perspectiva, podemos destacar os estudos de Marcellino, Werneck, Mascassa, Mascarenhas, Melo e Alves Junior, Granda e Gomes.

Um dos primeiros autores brasileiros que imprimiu uma noção crítica à concepção de lazer é Marcellino, que trouxe um avanço para o entendimento do lazer<sup>18</sup>, pois compreende-o como cultura – no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada, fruída ou conhecida) no tempo disponível, ou seja, liberado das obrigações sociais, profissionais, familiares, religiosas, políticas e domésticas. O caminho visualizado por Marcellino para a transformação social dá-se no campo da cultura.

Reportando-se a Macedo (1986), o autor relata que a cultura em seu sentido mais amplo significa ir além da noção comumente verificada, que a restringe às artes, aos espetáculos e à leitura, entendendo-a “[...] num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve” (VALLE, 1982, p. 35).

Segundo Marcellino (1998, p. 37), essa noção implica “[...] o reconhecimento de que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência. A análise da cultura, dessa forma, não pode ficar restrita ao produto da atividade humana, mas tem que considerar o processo dessa produção”.

Mascarenhas (2000) também aponta a necessidade de contrapor e superar as orientações funcionalistas do lazer, que não contribuem para uma intervenção que apontem uma resistência aos princípios da atual sociedade, para que possamos possibilitar a construção de uma sociedade mais fraterna, digna e justa. Dessa forma, acredita no lazer

---

<sup>18</sup> Assim como Dumazedier, Marcellino (1983) também compreende o lazer como fruto da sociedade urbano-industrial e dialeticamente incide sobre ela como gerador de novos valores.

[...] como força de reorganização da sociedade, agência educativa capaz de fomentar e colaborar para a construção de novas normas, condutas e valores para o convívio entre os homens [...] que, independente da forma conceitual que possa assumir, o lazer deve comportar sempre determinados conteúdos e características que o tornem expressão verdadeira da realidade em que esteja inserido. Nesse contexto, este mesmo lazer passa a ser entendido como tempo e lugar de construção de cidadania e exercício da liberdade. (MASCARENHAS, 2000, p. 1).

Esse mesmo autor (2001) esclarece que o lazer deve constituir um espaço de organização da cultura, ampliando as oportunidades para que se questionem os valores da ordem social vigente, de maneira que as pessoas não apenas vivenciem, mas também produzam cultura. Ele entende o lazer como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia.

Gandra e Gomes (2005), assim como Marcellino e Mascarenhas, estabelecem relações entre lazer e cultura, considerando o primeiro como possibilidade de produção cultural. Segundo as autoras, as vivências lúdicas que constituem o lazer são uma oportunidade para a produção de cultura, sofrendo influência de aspectos morais, sociais, políticos e econômicos. Esse processo de produção cultural precisa ser considerado nos momentos de lazer.

Werneck (2003, p. 36) considera que “[...] a cultura constitui um campo privilegiado de produção humana em várias perspectivas, e o lazer representa uma de suas dimensões”. Podemos afirmar que o lazer não é, dessa maneira, sinônimo de cultura, tampouco é caracterizado apenas pelos aspectos “tempo e atitude”. Segundo ela, é um artefato cultural construído pelos sujeitos a partir de quatro elementos inter-relacionados: as ações, o tempo, o espaço/lugar e os conteúdos culturais vivenciados. Essa autora compreende o lazer como

[...] uma prática social e cultural que representa uma das dimensões da vida em sociedade. Nesse âmbito, o lazer implica em ‘produção’ de cultura – no sentido da reprodução, construção e transformação de diversos conteúdos culturais vivenciados ludicamente por parte de pessoas, grupos e instituições no tempo/ espaço social de que dispomos. O lazer, assim, sofre modificações de acordo com as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual é desenvolvido. (WERNECK, 2002, p. 33).

Gomes compreende o lazer como “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo” (GOMES, 2004a, p. 125).



Melo e Alves Junior (2003), a partir da junção de dois parâmetros, um mais objetivo, de caráter social (o tempo), e outro mais subjetivo, de caráter individual (o prazer), trazem alguns indicadores da definição de lazer:

1. são atividades culturais, em seu sentido mais amplo, englobando os diversos interesses humanos, suas várias linguagens e manifestações;
2. pode ser efetuado no tempo livre das obrigações profissionais, domésticas, religiosas e das necessidades físicas;
3. é buscado, tendo em vista o prazer que possibilita, embora nem sempre isso ocorra e este não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades.

E Marcassa (2003) entende que o lazer deve ser tratado “[...] como um tempo/espço de organização da cultura [...], isto é, como agência de produção, apreensão, propagação e sistematização da cultura universal, cuja tarefa é inserir as pessoas na atividade social, levando-as a desenvolver maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática, bem como autonomia para a sua direção e iniciativa” (p. 5).

Para Marcassa o lazer é uma instituição, hegemonicamente definida e configurada pelas normas e pelos valores da racionalidade produtiva, fazendo-se presente por meio das políticas públicas, e, hoje, sobretudo das privadas, bem como da indústria cultural. Integra-se à sociedade como tempo/espço profícuo para o consumo de mercadorias e bens culturais estimulados pelos meios de comunicação articulados à produção e reprodução do capital e de sua lógica excludente e desigual. E justamente por ser uma instituição social, um lugar de organização da cultura, palco de disputa hegemônica historicamente criado e desenvolvido, dotado de normas, regras, tempos, espaços e práticas específicas, pode ser recriado e subvertido para que nele se desenvolva uma formação humana voltada para a promoção do homem, da sua conscientização e emancipação, para o acesso aos bens culturais e para a produção e (re)elaboração da cultura, ou seja, para o questionamento e modificação das condições objetivas e subjetivas que estão postas (MARCASSA, 2002, p. 193).

Não se tem aqui a intenção de estabelecer um conceito de lazer, mas falar do entendimento a respeito desse fenômeno. Minha compreensão converge com as concepções críticas de lazer apresentadas anteriormente. Acredito que o lazer é um fenômeno cultural condicionado por fatores sociais, políticos e econômicos e que tem articulação direta com os desafios de transformação da realidade econômica, política e cultural. Compreende um

espaço/tempo de vivência da cultura, no qual as pessoas podem se expressar e desenvolver aprendizagens sociais que contribuam para sua autodeterminação no campo da cultura, da política e da economia.

#### **2.4. EDUCAÇÃO PARA O LAZER**

A universidade, enquanto espaço privilegiado de produção de conhecimento, torna-se um local propício para a sociedade discutir a construção social da velhice em um espaço educacional, em que o idoso possa trabalhar seu potencial humano, freqüentemente negado pela sociedade em que está inserido. Esse potencial, muitas vezes, não é reconhecido socialmente, porque a concepção que se tem do processo de envelhecimento é apenas de declínio, perdas, desconsiderando o processo de desenvolvimento humano. Aqui me reporto a Freire (1996), pois, como ele, considero os homens: seres históricos e inacabados, em constante desenvolvimento e que sempre têm muito o que aprender e ensinar.

Gadotti (1990, p. 42) lembra-nos de que, para Marx, o homem não é algo dado, acabado. Ele é processo, ou seja, torna-se homem a partir de duas condições básicas:

1. O homem produz-se a si mesmo, determina-se, ao colocar-se como um ser em transformação, como ser da práxis;
2. A realização do homem como atividade dele próprio só pode ter lugar na história. A mediação necessária para a realização do homem é a realidade material.

Essa é a base da concepção marxista de educação: o homem é o que ele se faz socialmente, cria-se a si mesmo, por seus atos, por isso “[...] as faculdades do homem devem ser desenvolvidas em todos os domínios da vida social. Isto é, no trabalho, na política, na economia, na cultura, no consumo etc.” (idem, *ibidem*, p. 52).

A educação aqui é pensada como um processo contínuo, um universo que vai além dos muros da escola. Concordando com Freire (1980) e Gadotti (1998), considera-se que a educação é um fenômeno social que não se restringe às quatro paredes da escola, da universidade, mas que deve ocorrer nos mais diferentes âmbitos da vida social: igrejas, associações, clubes, cinemas,

entre outros. As experiências encontradas nesses locais podem contribuir com a educação, abrindo espaço para a apropriação da cultura.

Para Gadotti (1998), existem muitos produtos culturais adquiridos fora da escola, não sendo esta o único local de sua apropriação. As múltiplas formas de entretenimento, de educação continuada e de autoformação colocam a presença de uma cultura no mesmo nível que a cultura escolar: teatros, concertos, museus, conferências, experiências científicas, televisão, cinema, vídeos. A diferença está justamente na sistematização, o que parece caracterizar a escola é o fato de ela ser uma organização sistemática e contínua de situações. As faculdades do homem devem ser desenvolvidas em todos os domínios da vida social, isto é, no trabalho, na família, na comunidade na qual se vive, na política, na cultura e no lazer.

Este último é uma categoria importante, que faz parte da vida do homem e que pode e deve constituir-se em um “motor” para seu desenvolvimento pessoal e social; portanto contribui deliberadamente para o processo de construção do ser os conteúdos vividos e apreendidos nas atividades de lazer, que podem desempenhar papel determinante na formação unilateral do indivíduo social, colaborando para o seu verdadeiro desenvolvimento em todas as dimensões.

A relação entre lazer e educação faz-se presente no pensamento de vários autores, sendo que, numa corrente funcionalista, o lazer é considerado um espaço de educação, que possibilita recuperação de forças físicas e mentais, a formação moral, o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos por meio de atividades que contribuam com o equilíbrio da sociedade. A seguir será visto como essa compreensão é compartilhada por Parker, Dumazedier, Requixa e Camargo.

Para Parker (1978), a educação dá-se de três maneiras: a) a educação para e b) enquanto lazer e c) aquela permanente. Ao falar da primeira maneira, ele reporta-se aos estudos de Brightbill para afirmar a sua importância: “[...] educar para o lazer significa expor os indivíduos desde cedo e por muito tempo nos lares, nas escolas e dentro da comunidade a experiências que os ajudarão a desenvolver critérios e habilidades no uso de um crescente tempo de lazer” (BRIGHTBILL apud PARKER, 1978, p. 114).

No que se refere à segunda maneira, ele relata que, “[...] além do fato de a educação ser uma preparação para o lazer, o próprio processo de aprendizagem pode assumir certas características de lazer” (idem, ibidem, p. 119).

Ao referir-se à educação permanente, aborda que, “à medida que o nível geral da educação em nossa sociedade se eleve”, é provável que maior número de pessoas busque um

estilo de vida que inclua atividades de lazer, as quais sejam, além de instrutivas, uma fonte de satisfação e de prazer (idem, *ibidem*, p. 122). De acordo com esse autor, o lazer e a educação têm por objetivos desenvolver a personalidade e o enriquecimento pessoal, promovendo a formação de hábitos, atitudes e estilos de vida mais “flexíveis e adaptados” e uma postura ativa diante da vida, do lazer e do trabalho. Esse autor acredita que o lazer cumpre uma função na vida individual e social, visto que ele é o “equilíbrio desejável entre a liberdade do indivíduo e o bem da sociedade”.

Ainda dentro da mesma corrente de pensamento, Dumazedier (1973), fazendo referências à educação francesa, relata que a maioria dos reformadores da educação desse país reserva um lugar diminuto, para não dizer insignificante, ao preparo das crianças. Eles o fazem fundamentados no equilíbrio das funções do lazer no mundo que virá (DUMAZEDIER, 1973, p. 272). Discute ainda o fenômeno do lazer como atividade educacional junto à população trabalhadora, como mediador importante na democratização da cultura entre as massas. Afirma que é um “[...] elemento central na cultura vivida por milhões de trabalhadores, possui relações sutis com todos os grandes problemas oriundos do trabalho, da família e da política que, sob sua influência, passam a ser tratados em novos termos” (idem, *ibidem*, p. 20). Segundo ele, o lazer “[...] compreende um conjunto de atividades ambíguas, ligadas a modelos e valores que, de certa forma, determinam o próprio conteúdo da cultura popular” (idem, *ibidem*, p. 141).

Indica que o lazer é ação cultural e, como tal, envolve mecanismo de educação:

[...] a ação cultural poderá ser vista com vistas à ação econômica e social, como o modelo pelo qual agentes públicos e particulares intervêm sobre interesses, informações, conhecimentos, normas e valores da população de um grupo ou da sociedade global, em função de seus critérios de desenvolvimento cultural. (idem, *ibidem*, p. 280).

E acrescenta: “[...] para que uma teoria cultural do lazer possa ser considerada viva, precisa corresponder não só a um conjunto de valores como também ao modo como esses valores são vividos pelas classes ou categorias sociais” (idem, *ibidem*, p. 35). Na sua concepção, a educação tem que identificar-se com as funções do lazer vivido, para que tenha condições de ser contínua, após a escola, para um número crescente de indivíduos de todos os meios sociais.

Segundo Marcassa (2004), de qualquer forma, Dumazedier não consegue alçar suas críticas a uma reflexão mais radical e profunda dos determinantes históricos sociais que condicionam a apropriação do lazer pelas massas e convertem a cultura popular em indústria de

consumo, o que acaba reforçando, nesse autor, uma postura ingênua e conservadora, em que o lazer e a educação cumprem funções para a manutenção e o funcionamento da ordem estabelecida.

Requixa (1980) e Camargo (1998) são os principais seguidores de Dumazedier, tornando-se referências para compreender o pensamento de lazer funcionalista no Brasil.

O primeiro trata sobre a relação entre lazer e educação, enfatizando a importância do aproveitamento das ocupações de lazer como instrumentos auxiliares no amplo esquema educacional. Para ele, devem-se aproveitar as ocupações do lazer para o desenvolvimento de valores que favorecem a recuperação psicossomática, o equilíbrio ou readaptação, bem como, o desenvolvimento pessoal e social. O lazer, na concepção de Requixa, vai além da relação com a educação, servindo como possibilidade de equilíbrio social e colaboração com o progresso. “É o lazer educativo, ampliando a imaginação criadora, estimulando no indivíduo seu próprio aprimoramento e despertando-o para a importância de sua participação e colaboração para o progresso” (REQUIXA, 1980, p. 37).

Camargo (1998, p. 89) chama-nos a atenção sobre a importância da educação para o lazer ao longo de toda a vida do indivíduo. Segundo ele, “[...] a imagem atual da aposentadoria é o melhor lembrete de que a educação para o lazer deve começar bem cedo, muito cedo mesmo, talvez antes até de começar a vida de trabalho”.

Nas obras de todos esses autores, percebemos que o lazer aparece numa visão utilitarista, concebido como componente funcional imprescindível ao equilíbrio social e utilizado como um instrumento da educação. As responsabilidades desta última são transferidas para o lazer, que aparece como compensação dos esforços que a vida social impõe: recuperação, equilíbrio social e manutenção da ordem estabelecida. Encontramos uma visão funcionalista, como se o lazer fosse responsável por salvar a educação, que, de acordo com o pensamento desses autores, parece estar preocupada com o ajustamento da comunidade à ordem social estabelecida numa lógica funcionalista.

Já Marcellino (1987, p. 63-64) traz uma postura diferenciada, apresentando uma postura crítica, concebendo que:

[...] as experiências de lazer podem promover o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos numa perspectiva contra-hegemônica, desde que o mesmo seja concebido [...] como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social.

Marcellino (1987) aprofunda reflexões sobre a importância do lazer quando o considera em seu duplo aspecto educativo como veículo e objeto da educação.

Esse autor constata que o lazer é veículo privilegiado de educação e que para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade.

De acordo com o autor, tratando-se do lazer como veículo de educação, é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quando objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade pessoal, pelo incentivo ao auto-aperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de sentimentos de solidariedade.

Quando o autor dirige sua análise ao lazer como objeto de educação – enfatiza a necessidade de difundir seu significado, esclarecer sua importância, incentivar a participação e transmitir informações que tornem possível seu desenvolvimento de forma que contribua para seu aperfeiçoamento.

Para Marcellino (1987), a educação para o lazer pode ser entendida como um instrumento de defesa contra a homogeneização de massa, atenuando seus efeitos, através do desenvolvimento do espírito crítico.

Ainda nessa perspectiva crítica, encontramos Mascarenhas (2000) e Marcassa (2003, 2004). Ambos estabelecem relações entre o lazer e a educação. O primeiro afirma que o lazer se apresenta como lugar de uma experimentação valorativa, na qual a estética, a ética e a política se articulam como dimensões que acabam por tornar impossível qualquer iniciativa de dissociá-lo do conceito de educação. Baseado na proposta de educação popular de Paulo Freire, Mascarenhas concebe o lazer-educação como uma prática social e político-pedagógica. Esse autor aborda a prática do lazer como um tempo e um espaço de resistência e organização dos grupos sociais e populares. Dessa forma, concebe-o como força de reorganização da vida social, colaborando para a construção de novas normas, valores de convívio e para o questionamento da ordem vigente.

Mascarenhas faz referência ao lazer-educação como uma esfera política e político-pedagógica de compromisso com os grupos sociais.

Neste sentido, mesmo que fazendo parte da educação não-formal, podemos dizer/confirmar que o lazer-educação traduz-se por uma intencionalidade, uma temporalidade e uma organização. Portanto, aproximamo-nos de uma perspectiva de educação popular que se manifesta como um processo de capacitação e formação política orgânica aos grupos/movimentos sociais e populares. (MASCARENHAS, 2000, p. 40).

Para Marcassa (2003), o lazer manifesta duas tendências: hegemônica e contra-hegemônica. Para ela, a educação nesta última perspectiva contribui para a renovação da hegemonia, articulada com a transformação da sociedade e em favor da emancipação da classe trabalhadora. Sendo assim, toda a atividade de lazer revela-se por uma atividade educativa, valorativa e real, pois, por meio de um processo educacional, é possível, em sua opinião, contribuir para a formação de uma determinada consciência coletiva. Então, leva à compreensão de que, por ser uma experiência educativa, o lazer, assim como a educação, também contribui para a promoção ou formação humana.

Outra autora, que faz referências entre o lazer e a educação numa perspectiva crítica, é Werneck (2000), ao abordar a necessidade de ampliar as chances de apropriação das condições da produção do saber teórico-prático, lúdico e educativo, que permeiam as vivências de lazer, buscando criação e não o simples consumo de cultura.

Ao apontar a importância da educação para o lazer, a maioria dos autores citados sugere que ela deva ocorrer pela família, pela escola e pela comunidade. Verifica-se, portanto, que a maioria concorda com a necessidade de uma aprendizagem que transmita ao indivíduo conhecimentos que lhe proporcionem a autonomia de poder optar por determinada atividade de lazer, reconhecendo nela os instrumentos possibilitadores de um maior desenvolvimento. Dessa forma, acredita-se que a educação para o lazer conduz à educação pelo lazer, por possibilitar aprendizagens que contribuem para o desenvolvimento pessoal e social.

Marcellino (1996) defende a seguinte idéia:

[...] para a prática das atividades de lazer, é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade, sendo necessário aprendizado para aquisição de bens culturais de lazer. (MARCELLINO, 1996, p. 50).

A passagem de níveis elementares para superiores concretizar-se-ia, mais rapidamente, pela ação educativa para o lazer, somada à vivência dele. Só o acesso aos mais diversificados bens culturais de lazer pode permitir uma reelaboração do conhecimento dos indivíduos, de forma que avance nos níveis de complexidade abordados pelo autor.

Os pressupostos de Marcellino (1987) trazem-nos a possibilidade de analisar a educação para e pelo lazer numa mesma vertente. O autor constata que o lazer é um veículo privilegiado de educação e que, para a prática positiva das suas atividades, é necessário o aprendizado, o estímulo e a iniciação, os quais possibilitem a passagem de níveis menos elaborados para os mais elaborados, o que resultará no enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação.

Em toda experiência, são internalizados aprendizados contempladores das duas vertentes. Parte-se do princípio de que toda ação traz a possibilidade de reflexões diversas, que contribuem para o desenvolvimento do homem, e crê-se que toda ação realizada se constitui num processo de aprendizagem, cujo retorno se volta para o desenvolvimento do homem. Marcellino (1987), ao mencionar sobre o duplo aspecto educativo do lazer, também relata suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e social. Para o autor, abordar o lazer como objeto (educação para o lazer) e veículo (educação pelo lazer), implica vê-lo, no divertimento e no descanso, como um tempo privilegiado, mas para além, no seu desenvolvimento pessoal e social.

Para que ocorra, entretanto, esse desenvolvimento, faz-se necessária uma abertura do indivíduo para receber novas informações, ou seja, ele deve estar disposto a realmente compreender outros valores. Como já abordado, existem valores negativos associados ao lazer que foram internalizados pelos idosos no decorrer de suas vidas, levando, até mesmo, à sua negação por parte deles. A vivência do lazer contribui com o desenvolvimento pessoal, uma vez que gera pressões externas nos indivíduos, que podem ocasionar neles uma situação de desequilíbrio, fazendo-os sentir pressionados a tomar decisões, a refletir, a discutir, a optar e a escolher, fatores importantes no crescimento pessoal deles. Assim sendo, a situação de desafio, encontrada nas atividades de lazer, coloca-os em desequilíbrio e em conseqüente desenvolvimento.

Verifica-se que esse processo é lento, uma vez que trata de internalizar novos conhecimentos, mudar valores e padrões, superar estereótipos, alterar a conduta dos indivíduos. Essas mudanças devem atingir não somente o indivíduo, mas todo o grupo. Lewin (2001) aborda esse processo reeducacional em que o indivíduo, ao desenvolver-se na cultura em que se



encontra, vai adquirindo o sistema de valores e o conjunto de fatos que mais tarde irão governar o pensamento e a cultura: “o processo reeducativo tem de realizar uma tarefa que equivale essencialmente a uma mudança de cultura” (LEWIN, 2001, p. 199).

Gadotti (1998) explicita que o homem só avança a partir do momento em que arrisca. Agir de forma que rompa com o equilíbrio do homem é um ato pedagógico transformador, considerando que estaremos impulsionando-o para frente. “O lazer proporciona a possibilidade de levar a cabo uma ação dialética: estabilizando a integração como resposta ao desequilíbrio e fomentando a experimentação como resposta à estabilidade” (KLEIBER, 2000, p. 66). O lazer traz situações desconhecidas para os indivíduos, e uma situação estranha pode ser temerosa, de forma que eles nem sempre sabem o modo de agir diante de determinadas situações. É justamente esse estado de desequilíbrio que gera a aquisição de novos conhecimentos e, conseqüentemente, o desenvolvimento. O lazer é um grande aliado no que diz respeito ao oferecimento de novos campos de conhecimento. Proporciona desvendamento e rompimento de barreiras e resistências interiores.

Deve-se ter claro que o lazer desempenha um papel determinante aos indivíduos, no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal e social, com a apropriação da cultura produzida pela humanidade, a aquisição de novos conhecimentos, devendo, portanto, ser valorizado como cultura e como possibilidade pedagógica.

A abordagem do lazer neste capítulo veio na intenção de elaborar um quadro teórico para organizar um esquema de leitura da realidade do lazer nas UNATIs. Dando prosseguimento, no próximo capítulo, apresentaremos o universo a ser investigado – as UNATIs.

## CAPÍTULO 3

### AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE

A partir da década de 1980, visualiza-se uma propagação das iniciativas voltadas ao atendimento de pessoas idosas em vários segmentos da sociedade. Entre elas, destacam-se os programas de extensão universitária, denominados, em sua maioria, Universidade da Terceira Idade (UNATI).

As UNATIs, Universidade Aberta para Terceira Idade, Universidade Sênior, Universidade da Maturidade, Universidade do Tempo Livre, com suas várias denominações, estão cada vez mais disseminados pelo mundo. Martins de Sá (1999) esclarece que a UNATI é um termo universal que teve origem na França, Toulouse, em 1973, e foi aperfeiçoado no Brasil, correspondendo a um curso de extensão universitária e de atualização cultural, voltado para um segmento específico da população, numa perspectiva de educação continuada. De acordo com a autora e do ponto de vista epistemológico, o curso apresentaria uma contribuição interdisciplinar para um projeto comum, tornando acessível o saber à população adulta e idosa. A autora entende que esse público deve estar, essencialmente, atrelado a uma instituição de nível superior, pois é o lugar da investigação, da sistematização e da transmissão do conhecimento.

É importante ressaltar que as UNATIs estão associadas a uma nova representação social de velhice, fazendo parte dos diversos fatores que integram o processo de construção e instituição da representação da terceira idade como problema social. Elas surgem em um momento em que se pretende romper com a imagem da velhice associada à decrepitude, à indigência, à dependência e à doença, procurando contribuir com uma imagem da velhice autônoma, capaz e ativa. As UNATIs, portanto, fazem parte de transformações objetivas que deram origem à emergência da terceira idade e a outras formas de tratar e representar a velhice.

Em um primeiro momento deste capítulo, serão abordados origem e desenvolvimento das UNATIs. Dando prosseguimento, apresenta-se o estudo exploratório realizado na intenção de delimitar e conhecer o universo investigado. Visando resguardar a identidade das instituições envolvidas no estudo, foi utilizado UNATI-1 e UNATI-2 para identificá-las. Em um último

momento, por meio de análise da ficha de informações sociodemográficas e análise documental dos programas e análise das entrevistas realizadas junto aos coordenadores dos programas dessas instituições, apresenta-se o universo investigado. Na intenção de resguardar a identidade dos coordenadores utilizei C1 e C2 para identificá-los.

### 3.1. UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE: SUAS ORIGENS

Na França, nos anos de 1950 e de 1960, o aumento da população de idosos deu origem a várias alternativas educacionais para pessoas recém-aposentadas, cedendo a este país a ocasião de ser pioneiro na criação de oportunidades educacionais para essa faixa etária. O modelo criado difundiu-se em poucos anos por todo o mundo, contribuindo para a institucionalização de uma nova etapa no curso da vida e criando oportunidade para a realização de investigações e experiências de trabalho com adultos mais velhos e idosos.

Em 1960, encontramos o modelo precursor francês, denominado “Universidades para o Tempo Livre”, que faz parte da primeira geração<sup>1</sup>. Em suas programações, faziam a oferta de atividades culturais e de incentivo à sociabilidade, tendo como objetivo ocupar o tempo “livre” dos aposentados e favorecer as relações sociais entre eles. Nessa época, não havia ainda uma preocupação com programas dirigidos à educação permanente, educação em saúde ou assistência jurídica, e, sim, em promover atividades ocupacionais e lúdicas (LEMIEUX, 1995).

Essas instituições foram precursoras das UNATIs, que viriam a aparecer em 1973, pelas mãos de Pierre Vellas, um reconhecido professor de direito internacional da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse. O seu relatório histórico e autobiográfico, sugestivamente denominado *Lê troisième souffle*<sup>2</sup>, apresenta informações importantes para aqueles que desejam compreender a experiência desenvolvida por ele. Atuando a partir de uma preocupação de cunho social e humanista, o autor recorreu à pesquisa sobre o conteúdo e a orientação de programas de estudo sobre velhice de universidades européias e americanas, de trabalhos de organizações internacionais e das políticas para a velhice praticadas pelos países industrializados da Europa e

---

<sup>1</sup> Como exemplo desta primeira geração Lemieux (1995) cita as Universidades para o Tempo Livre, organizadas na França e o Programa Elderhostel, remanescente do movimento Chautauqua, do século passado, iniciado em 1975, na Universidade de New Hampshire.

<sup>2</sup> *O terceiro sopro*. Tradução livre

da América do Norte. Levantou as atividades de organizações não-governamentais, entre elas o Centro Internacional de Gerontologia Social, e leu tudo o que foi possível da literatura disponível sobre essa idade. Passou depois à parte prática, visitando hospícios, alojamentos e pensões de aposentados. Confirmadas suas suspeitas de que as oportunidades oferecidas aos idosos eram quase inexistentes, fez a proposição de que a universidade deveria abrir-se a todos os idosos, indistintamente, para oferecer-lhes programas intelectuais, artísticos, de lazer e de atividade física (VELLAS, 1997).

De acordo com Cachioni (2003), inicialmente as UNATIs não possuíam um currículo estruturado, mas existiam atividades diversificadas, que incluíam palestras, debates, cursos de idiomas, expressão artística, caminhadas, esportes, passeios turísticos, mesas-redondas sobre temas de saúde, concertos, mostras de dança, eventos culturais abertos, debates sobre problemas da atualidade e reuniões literárias.

Ainda de acordo com a mesma autora, na década de 1970, encontramos a segunda geração, a Universidade da Terceira Idade de Toulouse. Essa instituição foi criada com a finalidade de atender uma população que passara por duas grandes guerras mundiais e que, por essa época, usufruía dos benefícios sociais e econômicos do pós-guerra. Entre esses benefícios, ressaltava-se uma disponibilidade socioeconômica de tempo “livre” maior do que era individual e socialmente possível de suportar. Essa população, que também dispunha de uma esperança de vida maior e de uma qualidade de vida relativamente melhor do que as gerações anteriores tinha expectativa e necessidade de ocupar o tempo “livre”, ganhado com a aposentadoria, em atividades novas, variadas, desafiadoras e produtivas.

Nessa mesma década, a Universidade da Terceira Idade de Toulouse tornou-se um programa regular, com cursos que duravam o ano inteiro. A instituição buscou ofertar atividades educativas, baseadas no conceito de participação e integração da sociedade, aproveitando os conhecimentos dos idosos (ATTIAS-DONFUT, 1979).

O programa foi ganhando notoriedade, e as UNATIs passaram a ter outra função, o de centro de pesquisas gerontológicas. Essas pesquisas ganharam suporte institucional e encontraram, nesse espaço privilegiado, um enorme campo de investigação, contribuindo para a elevação dos níveis de vida e saúde de seus estudantes, assim como das pessoas idosas em geral.

Na década de 1980, emerge a terceira geração das UNATIs. Os aposentados mais jovens e com um nível educacional mais elevado fizeram surgir novas demandas, e a instituição procurou

desenvolver um currículo adaptado às necessidades educacionais dos indivíduos. E os cursos oferecidos ficaram cada vez mais semelhantes a um curso universitário, e os estudantes passaram a participar das pesquisas. Segundo Vellas (1997), é fundamental que, entre as atividades cotidianas das UNATIs – educação permanente, sanitária, cuidados físicos, ativação cerebral e ações de serviço à comunidade –, os diversos itens do programa sejam objetos de pesquisa aplicada, a fim de determinar quais são as ações benéficas e os meios para obtê-las, seus efeitos, seus objetivos. Isso tendo por finalidade o favorecimento de sua aplicação por outras universidades. Segundo Peixoto (1997), as UNATIs passaram a elaborar uma programação baseada em três eixos: participação, autonomia e integração. Os estudantes, de simples consumidores, passaram a produtores de conhecimento na medida em que participavam das pesquisas universitárias (VELLAS apud PEIXOTO, 1997).

Alves Júnior (2004a), fazendo comparações entre as UNATIs francesas e brasileiras, relata que, nesta terceira geração, houve uma quebra de paradigma nas instituições francesas. As universidades que anteriormente estipulavam a idade de 60 ou 65 anos para aceitar seus associados perceberam que corriam o risco de envelhecer suas idéias junto aos seus associados, afastando-se dos interesses dos novos aposentados, muitos com menos de sessenta anos. Deixaram, então, de estabelecer uma idade mínima para seu ingresso. Segundo o autor, essa quebra de paradigma é considerada um avanço e uma coerência com a proposta de trabalhos intergeracionais e não segregativos de grupos de idosos e aposentados. Esse fato foi determinante para marcar o declínio dos clubes da terceira idade e de outras associações, que não foram capazes de se adequarem à dinâmica imposta pelos novos aposentados, que acabariam por ameaçar as UNATIs.

Cachioni (2003) revela que, em 1975, o programa havia-se expandido, não só pelas universidades francesas, como também, pelas da Bélgica, Suíça, Polônia, Itália, Espanha, Canadá e Estados Unidos. Nesse mesmo ano, foi fundada a Association Internationale des Universités du Troisième Age (AIUTA), que, segundo seus estatutos, agrupa instituições universitárias as quais, em qualquer parte do mundo, contribuam para a melhoria das condições de vida dos idosos, para a formação, a pesquisa e o serviço à comunidade. Em 1981, havia mais de 170 instituições associadas a ela e, em 1999, contava com mais de cinco mil instituições catalogadas.

No início da década de 1980, o programa chegou à América Latina através das Universidades Abertas – Universidade da Terceira Idade Uruguai –, com sede no Instituto de

Estudos Superiores de Montevideu, com base nos princípios da Universidade da Terceira Idade de Genebra. Como instituição pioneira na América Latina, integrou-se à AIUTA. Esse programa é aberto às pessoas sem limite de idade e formação escolar. As UNATIs estenderam-se primeiro pelo Uruguai e depois por outros países da América do Sul, como o Paraguai, a Argentina, o Chile, o Panamá, a Venezuela, o México e o Brasil (PALMA, 2000).

O rápido crescimento das UNATIs gerou modelos diferentes de programas, adotados por um grande número de países. O modelo francês original, que tem suas bases a partir do sistema tradicional universitário, recebeu alterações à medida que a clientela se tornava heterogênea. O programa passou a ser oferecido também por outras instituições, atendendo a aposentados precoces, donas de casa, desempregados e pessoas que, de alguma forma, haviam sofrido desvantagens educacionais. Ocorreram mudanças nas ênfases do programa e, conseqüentemente, os nomes foram alterados para: Universidade para o Lazer, Universidade para o Tempo Livre e Universidade Inter-Idades. Os cursos oferecidos variam em conteúdo, maneira de apresentação e formato. Em geral, incluem aulas e cursos abertos, acesso livre a diferentes cursos universitários, grupos de estudo, oficinas de trabalhos, excursões e programas de saúde: e os conteúdos oferecidos são principalmente das áreas de humanas e artes (SWINDELL; THOMPSON, 1995).

O modelo inglês nasceu em Cambridge, em 1981, fruto de uma substancial modificação do francês. Para os seus criadores, as pessoas que freqüentam o programa podem atuar, tanto como professores, quanto como alunos, com possibilidades de se engajarem em pesquisas. Baseia-se no ideal de auto-ajuda, considerando que os especialistas de todas as áreas envelhecem e aposentam-se. Os alunos mais idosos não precisam pagar os professores mais jovens para receberem educação. Sendo assim, beneficiam-se do contato com seus semelhantes e, através dessa ação conjunta, colaboram com a universidade e a sociedade. Além dos próprios idosos, profissionais e não-profissionais são envolvidos no programa. São apontados como benefícios desse modelo: o baixo custo para seus participantes, ao contrário do modelo francês, que apresentava altos custos para a sua clientela; o acesso facilitado pelas atividades, oferecidas em prefeituras, bibliotecas, centros comunitários, escolas, domicílios; horários, currículos e métodos bem flexíveis; ampla oferta e nenhuma restrição acadêmica para o ingresso (idem, ibidem).

O movimento internacional das UNATIs expandiu-se por todo o mundo<sup>3</sup>, refletindo as perspectivas francesa e inglesa e sofrendo modificações e adaptações locais, conforme as

---

<sup>3</sup> Essa expansão ocorreu na década de 1990.

necessidades sociais em cada contexto e dependendo do perfil educacional e econômico das diferentes populações idosas ante o envelhecimento populacional dos seus países. Essa expansão não se deve apenas ao aumento do número de idosos, mas tem relação com a criação de uma nova linguagem em oposição às antigas formas de tratamento dos aposentados: a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa opõe-se à aposentadoria; o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social, a ajuda social ganha o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem outras designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. Não se trata mais de apenas resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também de proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma que integrasse socialmente uma população tida como marginalizada. É nesse momento que surgem os grupos de convivência e as UNATIs como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante entre os mais velhos (LIMA, 1999; CACHIONI, 2003).

Apesar das diferenças em termos de denominação, características socioeconômicas, recursos disponíveis e público-alvo, essas instituições apresentam elementos comuns em seus discursos e propostas, como melhoria da qualidade de vida do idoso, promoção da saúde, da participação e da autonomia, bem como, de oportunidades educacionais e culturais que permitam o seu desenvolvimento pessoal e coletivo e sua inserção social. Esses elementos fazem-se presentes nas UNATIs brasileiras, que discutirei no item a seguir.

### **3.2. A UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE NO BRASIL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Cachioni (1999) salienta que a primeira experiência brasileira de educação para os adultos maduros e idosos foi implementada pelo Serviço Social do Comércio (SESC). Os Grupos de Convivência surgiram na década de 1960, com a mesma metodologia de serviço social e desenvolvimento da sociabilidade que era usada para crianças, jovens e adultos. Sua programação foi elaborada com base nos programas de lazer destinados ao preenchimento do tempo “livre”. Compreende genericamente: desenvolvimento físico-esportivo, recreação, turismo social,

biblioteca, apresentações artísticas, desenvolvimento cultural, cursos supletivos, cursos livres, assistência odontológica, refeições e lanches comunitários, medicina preventiva, educação para a saúde, ação comunitária, trabalhos em grupo e assistência social.

Semelhante ao SESC, outros programas surgiram, inclusive por iniciativas governamentais, mas grande parte não foi levada adiante. Como exemplo, Prata (1990) menciona o programa da Legião Brasileira de Assistência (LBA), extinta em 1995. Esses trabalhos estavam baseados na percepção de uma condição marginal dos idosos, situação que poderia ser invertida com atividades de lazer que contornassem a ausência de papéis e a solidão do idoso na sociedade contemporânea.

A partir da década de 1980, começaram a disseminarem-se as UNATIs pelo país. Pode-se verificar que elas abriram um espaço educacional, tanto para a população idosa quanto para profissionais interessados no estudo do envelhecimento. Entre os adultos maduros e idosos, predomina a oferta de programas de ensino, saúde e lazer.

O Brasil ainda carece de estudos que busquem sistematizar o perfil dos programas para idosos oferecidos nas instituições de ensino superior, assim como, seus objetivos, o número de instituições existentes, os conteúdos, características dos alunos. Tenho conhecimento da pesquisa de Cachioni (2003), ao buscar o perfil educacional e profissional do corpo docente de UNATIs. Este realizou análise do conteúdo da documentação proveniente das brasileiras, sendo localizadas, na época, 100 programas educacionais. É curioso notar que a Association Internationale des Universités du Troisième Age (AIUTA) apresentou, em dezembro de 1993, a relação de 1.200 UNATIs existentes no mundo, mas não citou qualquer das brasileiras, embora evidenciasse a existência dessas instituições em outros países da América do Sul, da América Central e Caribe.

É justamente esta carência de estudos sistematizados em relação ao panorama das UNATIs no país que me fez iniciar, no ano de 2004, um estudo exploratório, pois verifiquei a necessidade de identificar os programas existentes no país, uma vez que a intenção inicial era investigar uma UNATI de cada região do país. O referido estudo exploratório teve como objetivo principal conhecer a realidade brasileira, focando diferentes aspectos, como a localização das universidades, os seus estatutos, os seus objetivos, os conteúdos, as atividades desenvolvidas e a forma de organização curricular.



Para tal, busquei informações atualizadas em sites de diversas universidades públicas e privadas no megaportal das universidades, no *site* do MEC, nos *sites* da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e em folhetos e livretos informativos. É importante frisar que grande número de informações foi adquirido por meio do site da UNATI-UERJ, que disponibiliza em sua página uma relação de programas educacionais para idosos existentes nas universidades brasileiras. Ao findar o estudo exploratório, tinha conhecimento da existência de 121 UNATIs no Brasil<sup>4</sup>.

Essa primeira busca permitiu coletar um rico material e conhecer melhor as atividades educacionais que estão sendo oferecidas para idosos no país. Sabe-se que este não é o foco de minha investigação, contudo, sem esse estudo inicial, não teria como delimitar o universo a ser investigado. A análise de todo o material coletado permitiu tanto identificar a distribuição territorial dos cursos, como verificar o perfil dos mesmos, os conteúdos desenvolvidos nessas instituições, o currículo e a forma de acesso. O panorama identificado trouxe o seguinte perfil das instituições de ensino: no que se refere à distribuição territorial, verificou-se que é bem desigual, sendo a maior concentração (55%) localizada na região sudeste, fato que reflete também a desigualdade da educação no país.

- Região Sudeste: Minas Gerais (8), Espírito Santo (3), Rio de Janeiro (6), São Paulo (49);
- Região Centro-Oeste: Goiás (3), Mato Grosso do Sul (2), Distrito Federal (1);
- Região Nordeste: Maranhão (2), Piauí (2), Ceará (3), Rio Grande do Norte (3), Paraíba (1), Pernambuco (1), Sergipe (1), Bahia (6);
- Região Norte: Acre (1), Amazonas (2), Rondônia (1), Pará (1);
- Região Sul: Paraná (6), Santa Catarina (3), Rio Grande do Sul (14).

O gráfico a seguir ilustra a distribuição por região.

---

<sup>4</sup> Tenho ciência de que o número de instituições de ensino superior no país que oferecem programas educacionais para idosos é superior ao número aqui apontado. Todavia, tendo claro que a localização destas instituições extrapola os objetivos desta investigação, o estudo exploratório se deu no sentido apenas de conhecer e delimitar o universo.

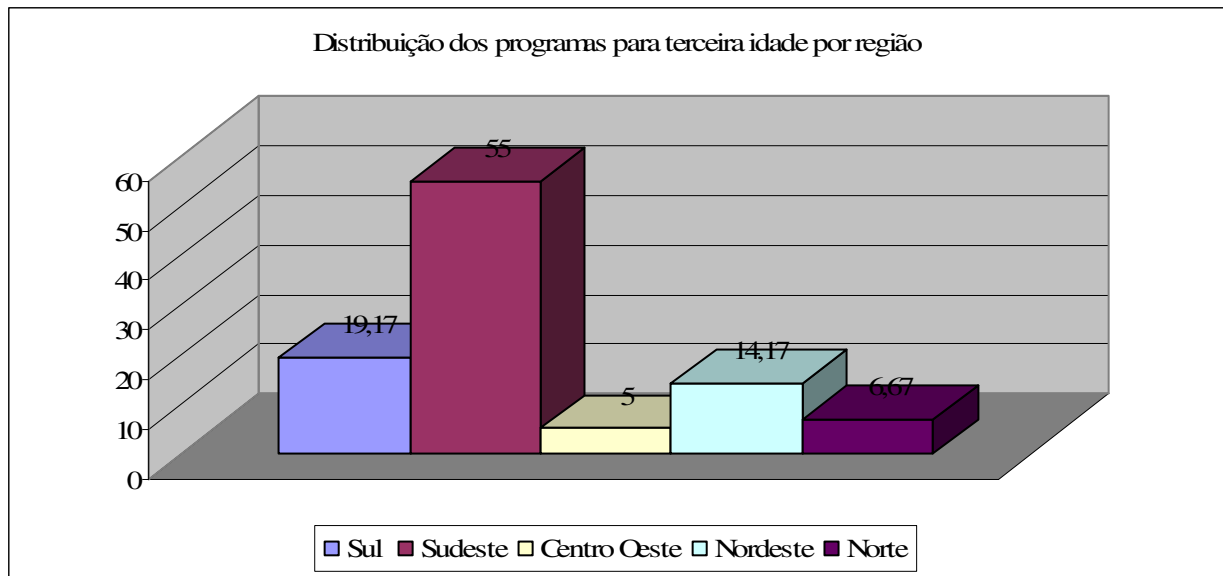


Gráfico 1: Distribuição dos programas para terceira idade por região

No que se refere aos conteúdos educativos, a maioria é comum nas diversas instituições e encontramos o seguinte panorama:

Conhecimentos ligados a ciências da saúde – gerontologia, fundamentos de geriatria, oficina de fonoaudiologia, nutrição e reeducação alimentar, controle de diabetes, fitoterápicos, higiene, hábitos saudáveis, odontologia, qualidade do sono no envelhecimento, medicina alternativa, fisioterapia, farmácia, motricidade humana e reeducação postural.

Conhecimentos ligados à lingüística, letras e arte – canto, teatro, artes plásticas, dança, dança folclórica, coral, filmes, passeios culturais, expressão corporal, seresta, fotografia, cinema, arte e história oral, oficina de contadores de história, biodança, artesanato, desenho, oficina da voz, história e divertimentos da matemática, restauração de móveis e objetos, técnicas de gravura, rememoração de cantigas e brincadeiras de roda da infância, português, literatura, neurolingüística, inglês, espanhol, francês e italiano.

Conhecimentos ligados a ciências sociais e humanas – direitos sociais na terceira idade, política social, direito da família e dos idosos, direito e cidadania, economia doméstica, autoconhecimento, processo grupais, sexualidade na terceira idade, arteterapia, atendimentos psicológicos, oficina e laboratório de memória, fortalecimento da auto-estima e estabelecimento de interações, controle do estresse, ética, teologia e cultura, filosofia, religiosidade, políticas públicas, história da arte e história regional.

Atividades físicas – dança, alongamento, caminhada, musculação, hidroginástica, natação, ginástica terapêutica, ioga, expressão corporal, relaxamento e jogos esportivos adaptados.

Conhecimentos gerais – conhecimento de rádio e TV, atualidades, meio ambiente, recicláveis, cuidados contra violência urbana e relações entre gerações.

Informática – Windows, Word, Excel, internet, equipamentos eletroeletrônicos.

A maioria dos cursos tem um limite mínimo para ingresso de 45 anos. As denominações, como disse, são várias: Universidade Aberta da Terceira Idade, Universidade na Terceira Idade Adulta, Faculdade livre da Terceira Idade, Universidade sem Fronteiras, Universidade da Melhor Idade, Universidade com a Terceira Idade, Atividades Físicas e Recreativas para Terceira Idade, Faculdade Aberta à Idade Ativa, Programa Terceira Idade em Ação, Universidade da Maturidade, Núcleo Integrado da Terceira Idade, Universidade Aberta ao Tempo Útil, Universidade Sênior, entre outras denominações (ver Apêndice 1).

Os diversos programas das universidades vinculam-se à área de extensão universitária, com exceção da UNATI-UERJ que, em 1996, tornou-se um Núcleo da UERJ, transformação aprovada, unanimemente, no colegiado máximo da instituição. Está em permanente construção o seu programa, que apresenta quatro elementos básicos, eixos em torno dos quais se encontra uma estrutura que, por definição, é considerada aberta – no sentido de não-concluída, posto que pretende ser dinâmica. Em cada eixo podem ser identificadas ações de ensino, pesquisa e extensão (UERJ, 2007).

Dos programas existentes nas universidades, alguns foram pioneiros, podendo citar o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fundado em 1982. O programa dava ênfase à realização de estudos e à divulgação de conhecimentos gerontológicos.

De acordo com Cachioni (2003), o trabalho na UFSC teve início no Centro de Educação Física e Desportos, através do projeto do Grupo de Atividades Físicas para a Terceira Idade (GAFTI), que, por sua vez, teve origem em 1994, com um extenso programa do Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), criador do NETI, considerado o primeiro programa de atendimento ao idoso e de formação de recursos humanos na área gerontológica, realizado em uma universidade. Seus objetivos são os seguintes: realizar estudos e divulgar conhecimentos técnico-científicos na área gerontológica; formar recursos humanos em todos os níveis e promover o cidadão idoso.

As atividades físicas e recreativas englobam técnicas básicas de postura, respiração e mudanças de posição. Também foi criado o grupo de dança folclórica de idosos na UFSC, com o objetivo de preservar e divulgar as danças folclóricas da região. Essas atividades envolvem professores do Departamento de Recreação e Prática Desportiva, do Centro de Desportos, que atuam voluntariamente nesse programa. As atividades desenvolvidas servem de estágio curricular para os alunos do curso de educação física da UFSC e de outras entidades escolares interessadas no trabalho (CACHIONI, 2003).

A Universidade Estadual do Ceará (UECE), sensibilizada com as necessidades da população idosa no Nordeste, criou a Universidade Sem Fronteiras em 1988. Seus objetivos são: oferecer, às pessoas livres de obrigações profissionais (aposentados), uma formação contínua, mantendo assim o interesse em melhorar os conhecimentos e em conquistar novas experiências; proporcionar às pessoas de qualquer nível cultural ou social, que estejam em processo acelerado de envelhecimento, a oportunidade de viver integradas no mundo e com o mundo, visualizando a maturidade e a aposentadoria como etapas de vida plenas de crescimento pessoal e social; possibilitar a convivência permanente de diferentes gerações, visando à integração concreta de jovens e idosos na construção do processo de humanização da nossa realidade (idem, ibidem).

Segundo Veras e Camargo (1995), no final da década de 1980, na UERJ, foi criado o Núcleo de Assistência ao Idoso (NAI), que, em maio de 1992, deu origem à UNATI. Esse programa divide-se em três áreas: ensino, extensão e pesquisa. Um de seus objetivos principais é contribuir para a melhoria dos níveis de saúde física, mental e social das pessoas de mais de 60 anos, bem como desenvolver pesquisas no campo gerontológico. Cachioni (2003) lembra que, na evolução dos programas voltados aos idosos, o que mais se aproxima dos objetivos maiores da universidade brasileira é o da UERJ, que tem seu programa como uma microuniversidade temática, produzindo – a partir do programa de extensão aberto aos idosos –, pesquisa, conhecimento, treinamento de alunos por meio de estágios, formação e desenvolvimento de professores.

Na Universidade Católica de Goiás, em 1992, também foi criado o programa Universidade Aberta à Terceira Idade, tendo como objetivos consolidar o compromisso social e político da universidade com a sociedade; democratizar o saber, possibilitando às pessoas adultas e idosas o acesso à universidade, na perspectiva da educação permanente, da recuperação da cidadania e do desenvolvimento do espírito de convivência; despertar nos alunos a consciência da

responsabilidade social, motivando-os a assumir uma presença efetiva nas organizações da sociedade civil e nos movimentos sociais. Tendo como público-alvo pessoas acima de 50 anos, sem exigência de escolaridade, o curso é operacionalizado através de uma abordagem interdisciplinar e interdepartamental, fundamentando-se em pressupostos gerontológicos e de natureza sociopolítica e educativa. O programa compreende dois semestres letivos e as disciplinas abrangem os aspectos biológicos e psicológicos de envelhecimento, assim como os aspectos sociais, políticos e culturais na terceira idade e atividades artísticas e desportivas. Ao término do curso, o ex-aluno que desejar poderá passar a frequentar a “Oficina da Convivência” (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, 1996).

O Estado de São Paulo hoje comporta o maior número de instituições universitárias com programas voltados para idosos. Dentre estes programas podemos destacar a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), que criou, em 1990, a Universidade para a Terceira Idade.

Inaugurada em 1990, ela despertou a atenção da mídia, o que lhe propiciou espaço nacional, levando-a a organizar em Campinas o 1º encontro sobre envelhecimento – desafios para os anos de 1990. Logo após sua inauguração, o evento contou com a presença de representantes de dez estados brasileiros interessados no intercâmbio de informações e experiências.

Também em São Paulo se encontra a Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI/PUC-SP), fundada em 1991, a qual oferece cursos de três semestres, cada um com 90 horas/aula, em três módulos básicos: (a) reciclagem e atualização cultural; (b) orientações práticas para uma vida saudável; e (c) atividades socioculturais e educativas.

A Universidade Católica de Santos (UNISANTOS) também é uma das pioneiras no Brasil em programas de atualização para pessoas acima dos 50 anos; foi a terceira instituição de ensino superior do Brasil e a primeira da Baixada Santista a desenvolver um programa exclusivamente voltado ao idoso. Essa instituição criou, em 1º de março de 1991, a UATI, com o propósito de colocar a universidade a serviço da comunidade (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS, 2005).

A vice-reitoria acadêmica solicitou um projeto ao centro de atividades de extensão, que criou o Programa Permanente de Atualização e Reciclagem, com cursos de filosofia, economia, política e artes. Observou-se, então, que a maioria dos alunos que frequentava o programa era da terceira idade. A partir da constatação desse interesse pelos cursos vespertinos da UNISANTOS,

avaliou-se que era hora de se dedicar à elaboração de um curso voltado ao atendimento dessa faixa da população (idem, ibidem).

Através do estudo exploratório, pude perceber que, na década de 1990, alastram-se pelo país os programas educacionais para idosos. Não se pode negar que eles trouxeram alguns avanços, no sentido de dar maior “visibilidade” aos problemas relacionados ao envelhecimento no Brasil. Além disso, algumas instituições estão desenvolvendo pesquisas significativas em relação ao envelhecimento em diversas áreas de conhecimento. Contudo, tem-se que estar ciente de que esses programas emergem num contexto em que um conjunto de discursos amplamente divulgados pela mídia brasileira se empenha em desestabilizar expectativas e imagens tradicionalmente associadas ao avanço da idade.

Esse estudo exploratório inicial possibilitou obter um primeiro “retrato” das instituições, permitindo uma melhor delimitação do estudo, uma vez que se teve acesso a uma série de informações sobre a distribuição territorial dos cursos, o currículo e conhecimentos abordados, projeto educativo e os públicos a que se dirigem. O estudo exploratório culminou com a delimitação de duas instituições, que serão apresentadas a seguir.

### **3.3. AS INSTITUIÇÕES INVESTIGADAS**

Neste item, busca-se mostrar a interpretação dos conteúdos manifestados nos documentos e nas fichas de informações sociodemográficas de ambas as instituições.

A delimitação do universo de pesquisa teve por base o estudo exploratório realizado em 2004 sobre as UNATIs no Brasil.

Ao finalizar a análise dos dados recolhidos por esse estudo, inicialmente se delimitou a investigação em duas regiões do país: a sudeste, pela maior concentração de instituições (43), e a centro-oeste, por ter uma das menores (6). Escolhidas as regiões, não se teve dificuldade em delimitar as instituições, e o critério foi o de acessibilidade. Como estudava em Campinas, optei por investigar a instituição precursora desse modelo de educação nessa cidade; e o mesmo ocorreu em Goiás, região onde residia. Decidi, então, conhecer ambas as instituições, primeiramente a UNATI-1. Tendo em vista que o acesso era mais facilitado, o primeiro contato

ocorreu em junho de 2005. No mês de agosto do mesmo ano, viajei para Goiás, com o objetivo de conhecer a outra instituição a ser investigada.

No contato com ambas, busquei obter a necessária autorização para a concretização da pesquisa. Explicitei a natureza e os objetivos da investigação, assim como, o tipo de dados que seriam coletados. Também foi enfatizada a necessidade da permanência prolongada na instituição, observando diretamente as diferentes atividades. As direções de ambas consentiram com bastante entusiasmo o pedido, não colocando qualquer reserva à proposta de trabalho de campo, pelo contrário, incentivando a sua realização. Contudo, entraves burocráticos na instituição de Goiás levaram-me a repensar e redelimitar o universo a ser investigado.

Levando em consideração que a maioria das UNATIs está localizada na região sudeste, mais especificamente no Estado de São Paulo, mantive a escolha da UNATI-1, que é a mais antiga, em Campinas, e optamos por investigar mais uma instituição nessa cidade. Uma nova delimitação foi realizada, e o critério agora foi a escolha de uma instituição com um programa com menor tempo de existência, com menos tradição no que se refere à educação de idosos. Para além dessa dimensão, as condições de exequibilidade da pesquisa, tais como não ser muito distante em termos geográficos, permitiram ponderar: as instituições mais favoráveis para pesquisa de campo vieram a incidir na UNATI-1 e na UNATI-2. Outro critério foi o de acessibilidade, a UNATI-2 mostrou-se acessível à investigação. Com o mesmo procedimento anterior, foi solicitada autorização oficial para dar prosseguimento à investigação.

Ao longo da pesquisa realizada no período de 2004 a 2006, foram utilizados diferentes métodos e técnicas, com o intuito de complementar, aprofundar e cruzar informações. A observação assistemática, a entrevista, as notas de campo, a pesquisa documental e a ficha de informações sociodemográfica foram utilizadas nesta pesquisa.

Neste item será apresentado o universo investigado, por meio da análise das entrevistas com coordenadores, análise documental e das fichas de informações sociodemográficas, que permitiram verificar dados sobre o perfil dos alunos e das duas instituições. Os documentos de ambas as instituições não foram anexados ao trabalho, na intenção de resguardar a identidade das instituições. As entrevistas realizadas com os coordenadores foram gravadas em recurso digital e estão disponíveis para futuras pesquisas.

### 3.3.1. UNATI-1

O programa da UNATI-1 foi criado em 1990, por iniciativa da Faculdade de Serviço Social, que, desde 1982, já procurava estabelecer um estreitamento na relação ensino-pesquisa-extensão, ou seja, escola e sociedade, tendo como eixos básicos a interdisciplinaridade e a organização modular integrativa.

Sensível às demandas reais e potenciais da realidade nacional, que se expressam pelas questões sociais em setores da política social e em segmentos específicos da população embutidos nas classes sociais, a Faculdade de Serviço Social, por intermédio do Núcleo de Políticas Sociais e Serviço Social (NUPOSS), priorizou o tema idoso para uma ação efetiva relacionada ao ensino, à pesquisa e à extensão.

O primeiro passo para implantação do projeto foi a realização de um levantamento sobre o perfil do idoso de Campinas e região, realizado por um trabalho conjunto entre a Faculdade de Serviço Social da UNATI-1 e o SESC. A partir desse levantamento, buscou-se conhecer os recursos e programas voltados para idosos – entidades assistenciais (abrigos, lares, asilos), prefeituras municipais, hospitais e clínicas geriátricas, empresas comerciais, industriais e bancárias, universidades.

A pesquisa contou, inicialmente, com a participação da UNATI-1 e da Associação Nacional de Gerontologia (ANG). Ainda na fase de planejamento, dois outros órgãos de grande relevância juntaram-se à investigação: o Conselho Estadual do Idoso (CEI), como co-promotor, e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), como colaborador. Com isso, a pesquisa ganhou dimensão estadual, sendo possível, também, no tocante às universidades, uma abordagem de outros estados, cujas instituições universitárias são filiadas ao CRUB. Esse levantamento ofereceu subsídios para que a UNATI-1, em 1990, implantasse o programa, definido como um curso de extensão universitária e de atualização cultural, uma atividade de natureza acadêmica e sociopolítica voltada para um segmento específico da população local e regional – pessoas de meia-idade e da terceira idade.

Hoje a instituição conta com 140 idosos participando do programa. A idade varia de 42 a 98 anos, como pode ser observado na tabela a seguir:



Tabela 1: Distribuição do total de alunos da UNATI-1 segundo a idade em anos

<b>Idade</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
40  — 49	21	15
50  — 59	62	44
60  — 69	24	17
70  — 79	28	20
80  — 89	4	3
90  — 99	1	1
<b>Total</b>	<b>140</b>	<b>100</b>

Do total de alunos, a maioria dos sujeitos era do sexo feminino<sup>5</sup> (80%), o que vai ao encontro das outras investigações realizadas em instituições análogas<sup>6</sup>.

Desses 140 idosos, foram selecionados 12 para participar da investigação, como entrevistados e observados, sendo o critério o tempo de participação no programa. Eles teriam subsídios significativos para oferecer à investigação. Considerando que a UNATI-1 tem um dos programas mais antigos do país, existente há 16 anos, selecionei os alunos que participavam há cinco anos ou mais.

No momento da entrevista, foi aplicada uma ficha de informações sociodemográficas composta por 13 itens (ver Apêndice 5). Através desse instrumento, buscou-se traçar o perfil dos alunos investigados. No que se refere à idade, ocorreu uma variabilidade entre 60 e 99 anos, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 2: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-1 segundo a idade em anos

<b>Idade</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
60  — 69	1	8,33
70  — 79	7	58,34
80  — 89	3	25
90  — 99	1	8,33
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

Em relação ao estado civil entramos o seguinte quadro:

<sup>5</sup> Diferentes fatores poderão contribuir para uma predominância do sexo feminino, tendo como exemplo o desequilíbrio existente na própria composição populacional em termos nacionais, derivado pelo registro de maiores taxas de mortalidade que se verifica no sexo masculino, seja à nascença e nos primeiros anos de vida, seja nas idades mais avançadas. Outro fator importante a considerar prende-se à possibilidade de a mulher sair da esfera privada para um espaço público, onde possa conviver e dedicar-se a certas atividades culturais/educativas e que, anteriormente, pelas responsabilidades familiares e laborais, não pôde concretizar (VELOSO, 2004, p. 309).

<sup>6</sup> Veloso (2004), Lima (1999), Erbolato (1996), Cachione (2003).

Tabela 3: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-1 segundo o estado civil

<b>Estado civil</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
Casado	1	8,33
Viúvo	7	58,34
Desquitado, divorciado ou separado	4	33,33
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

Quanto à escolaridade, a tabela a seguir mostra um alto grau de escolaridade entre os entrevistados:

Tabela 4: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-1 segundo o grau de instrução

<b>Grau de instrução</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
Ensino Fundamental	4	33,34
Ensino Médio	2	16,66
Ensino Superior	6	50
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

Esses dados surpreenderam, principalmente quando se leva em consideração a realidade nacional, em que a maioria não tem acesso ao ensino superior. Tem-se um indicativo de que os frequentadores da instituição são de classe alta, uma vez que dados de Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio (PNAD) de 2001 revelam que os mais ricos são os que têm mais acesso à educação superior.

No que se refere às ocupações antes da aposentadoria, foram encontradas as seguintes: professora (primária, de piano e de ensino superior), contabilista, secretária, escriturária, militar, comerciante, do lar, empresária e enfermeira.

Os dados referentes ao rendimento familiar não tiveram como ser analisados, pois a maioria teve receio em passar informações a esse respeito. Contudo, os dados sobre a origem da renda permitiu verificar que a maioria é aposentada e pensionista, e muitos ainda obtêm ganhos de juros de aplicações e outros investimentos. Tomados como um conjunto, todos esses dados são indicativos de que o grupo tem posição social relativamente alta, considerando-se a realidade local, sua idade e sua formação.

Essa percepção também se fez presente nas observações e entrevistas. Notei que os alunos são possuidores de um elevado capital cultural, alguns deles dominam mais de um idioma, conhecem vários países, expressam com orgulho que já viajaram para o exterior. Tive a

oportunidade de vivenciar o início do semestre, o retorno das férias e alguns trouxeram fotos de viagens ao exterior, ansiosos por contar suas experiências aos outros colegas.

A proposta da instituição expõe seus objetivos em relação a seus alunos:

1. Permitir às pessoas adultas e/ou idosas o acesso à universidade para, na perspectiva da educação continuada, participarem de atividades educativas, socioculturais, organizativas e de ação comunitária.
2. Estimular a reinserção social dos idosos, especialmente dos aposentados e donas de casas, de modo que valorize sua contribuição efetiva na comunidade local.
3. Realizar um trabalho interdisciplinar e interdepartamental, voltado à comunidade local.

Esses são os objetivos presentes no documento, todavia tais observações são indicativas de que o propósito da UNATI-1 é ser uma instituição ligada à cultura e ao conhecimento. Isso foi sendo manifestado ao longo da investigação, principalmente nas observações realizadas. Ser uma instituição ligada à cultura significa, antes de tudo, não estar associado a uma imagem de velhice da qual pretendem distanciar-se. Traduz o corte com uma imagem de velhice decrépita, deformada, doente, dependente e inútil. O lazer não aparece entre os objetivos da instituição.

A justificativa do programa da instituição está pautada em três pressupostos básicos:

1 – Pressupostos referentes à universidade:

I – É de competência da instituição universitária a crítica teórica rigorosa das questões sociais, na tarefa de análise da realidade histórica presente e, resguardando o que lhe é específico, estabelecer alianças com as organizações sociais, científicas, políticas, culturais e populares para uma posição ativa no interior da sociedade e uma contribuição efetiva no âmbito das relações sociais.

II – A relativa autonomia da universidade e sua participação com as questões gerais da sociedade e com as organizações sociais redimensionam o ensino, a pesquisa e a extensão, permitindo um avanço no sentido da crítica à proposta e da proposta à ação.

III – A universidade, por sua natureza e potencialidades, constitui-se em espaço privilegiado para o intercâmbio, a complementaridade, a influência e modificação mútuas entre a instituição acadêmica e os órgãos da sociedade política, da sociedade civil e dos movimentos populares. A universidade é capaz de contribuir com o saber, com produções científicas e

socioculturais, com serviços de apoio, com centros de documentação, além da formação básica e especializada de profissionais para as diferentes áreas de atuação.

## 2 – Pressupostos referentes às questões sociais da terceira idade:

I – As questões pertinentes à terceira idade, longe de constituírem-se num universo separado, estão inseridas na totalidade histórico-social e expressam suas determinações e contradições.

II – O que torna as questões da terceira idade específicas, em termos das políticas sociais, é o progressivo distanciamento entre as necessidades do idoso, oriundas do acúmulo de limitações, e as fontes de atendimento, limitações essas de natureza física, psicossocial, sociocultural e política.

III – A situação do idoso, na realidade brasileira, é a manifestação aguda de problemas acumulados ao longo de sua vida e que passam, com maior intensidade, pela exploração da força de trabalho e pela discriminação social, após se tornar economicamente improdutivo.

## 3 – Pressupostos referentes às políticas sociais para a terceira idade:

I – As políticas sociais correspondem ao lócus privilegiado para a constituição de uma nova forma de cidadania, que negue o homem ou a força de trabalho enquanto mercadoria, exposta à lei da oferta e procura e à expropriação gradativa que culmina na aposentadoria.

II – As mudanças qualitativas nas políticas sociais, longe de serem obtidas por decretos, estão na dependência direta de propostas hegemônicas, resultantes de vínculos orgânicos e relações de reciprocidade estabelecidas entre organizações sociais, acadêmicas, científicas e organizações populares.

De acordo com a proposta, a UNATI encontra, nesses pressupostos, respaldo suficiente para constituir-se numa oportunidade de abertura efetiva da universidade às classes populares ou, mais especificamente, ao segmento da terceira idade e também da meia idade, democratizando o conhecimento científico e o saber. Permite também que esse bem cultural – patrimônio coletivo da sociedade – seja reapropriado pela população adulta e veterana, independentemente do seu grau de instrução. A intenção de oferecer oportunidade às classes populares parece um pouco contraditória se levar em consideração a mensalidade cobrada pela instituição, que é acessível apenas a uma pequena parcela da população. As fichas de informações sociodemográficas e

observações também demonstram que as pessoas que freqüentam a instituição são de classe média alta. Se a intenção é democratizar o conhecimento científico e o saber, a democratização passa pelo ingresso à instituição que não é acessível a todos, uma vez que essa pareceu altamente elitista.

No que se refere à organização do currículo, isso se desenvolve na perspectiva da educação permanente. Com uma ação interdisciplinar e um currículo modular-integrativo, o programa, embora não se referindo à área gerontológica, trouxe respaldo para a proposta político-pedagógica do curso.

A coordenadora conta como aconteceu:

[...] adaptamos a proposta de Toulouse francesa com a proposta de organização curricular integrativa da universidade autônoma do México, porque, na época, nós tínhamos toda uma proposta pedagógica na Faculdade de Serviço Social e, tentando superar essa organização mecanicista por matéria, por disciplinas, mas como o curso de graduação, ele tem amarras, na época nós tínhamos um currículo mínimo, não dava para você avançar muito. Nós chegamos até a uma proposta intermediária por área de conhecimento, mas a UNATI, por ser um curso livre, então deu para montar de acordo com essa proposta. Foi a grande oportunidade na época, nós consolidamos esse modelo que nós estávamos ansiando tanto para o curso de graduação. Não foi possível consolidarmos aqui, você vê que toda organização é modular integrativa, nós fugimos daquele padrão de disciplinas de matérias isoladas, fragmentadas, trabalhamos com núcleos temáticos originários dos módulos. São oito módulos que você conhece, que estão aqui no livro, que vão gerando lições interdisciplinares, professores de todas as áreas abordando aí esses temas. Essa organização modular integrativa é muito orgânica, muito flexível, é muito aberta, mas sem perder aquela rigidez da proposta. Mas também não é uma coisa engessada não, ela tem de estar aberta para o novo o tempo todo, há uma organicidade dialética, aí, então, isso diferencia. (C1).

Ainda dentro da organização curricular, a UNATI estudada tem três níveis, sendo que cada um dura um semestre: todo o curso é programado em oito módulos que se constituem em unidades didáticas interdisciplinares, ou seja, unidades estruturadas sobre a base de várias disciplinas científicas, organizadas de modo que abordem os núcleos temáticos pertinentes a cada módulo.

Ao completar todo o programa, o aluno pode freqüentar cursos de aprofundamento. Um certificado lhe é fornecido, bastando que ele freqüente 60% das aulas e das atividades presentes em cada nível. Esses níveis são assim distribuídos:

- Nível I – Dura um semestre letivo e é voltado para a atualização cultural, a integração grupal, a reorganização da identidade pessoal, a sensibilização social e a elaboração de um novo projeto de vida. É apresentado um leque de

conhecimentos atualizados, com possibilidades de aprofundamento temático nos níveis posteriores, por meio de conferências, oficinas, seminários, painéis, técnicas de dinâmica de grupo, atividades socioculturais e sociorrecreativas, pesquisas e estágios supervisionados.

- Nível II – Corresponde ao segundo semestre letivo do curso, com a seleção dos núcleos temáticos, com base na avaliação realizada pelos alunos no nível anterior. As conferências e os seminários são aprofundados, enfatizando-se, também nesse período, a formação de círculos de estudo e o início de preparação para monitoria, o engajamento em novos programas comunitários e a inserção nos cursos e atividades gerais da universidade.
- Nível III – O terceiro semestre letivo dá início a esse nível, numa perspectiva de “afunilamento” de conhecimentos, sempre com base no processo de avaliação contínua e de descentralização crescente, resultando agora em “minicursos” ou cursos intensivos, com carga horária maior, e em atividades de extensão à comunidade, na linha de prestação de serviços. A monitoria ganha agora maior consistência, com possibilidades de engajamento gradativo nos diferentes níveis, nas oficinas, nas atividades extraclases. Analisando esse nível, podemos verificar que, para além dos objetivos de ocupação do tempo de modo ativo, verifica-se a necessidade de valorizar a imagem dos idosos carregada por uma representação de inutilidade e demência. Essa alteração da imagem não se pretende unicamente desenvolvendo atividades culturais, mas, de igual modo e principalmente, desenvolvendo atividades voluntárias, prestando serviço à comunidade, demonstrando que são úteis a toda uma sociedade em que se inserem, distanciando-se de uma imagem de velhice dos asilos e dos mais idosos que, muitas vezes, sofrem de senilidade ou de outras doenças limitadoras das suas capacidades. Apesar de não se encontrar referência ao nível de aprofundamento, a coordenadora relata que, buscando atender aos idosos que tinham a intenção de permanecer no programa, foi criado o Nível de Aprofundamento.

[..] terminando os três níveis, ai nós temos o nível de aprofundamento, que foi criado exatamente para atender o interesse dos alunos que queriam permanecer. Aí veio a dúvida: paramos no nível três? É mais uma perda para o idoso. Tantas ele teve durante a vida, ter mais uma ficaria incoerente se você considerar a educação permanente como

direito de cidadania e educação especial na vida enquanto ele estiver vida. Alguns dizem que, enquanto estiverem vivos, não vão sair daqui, e nós temos alunos há dezesseis anos conosco; então esta pesquisa vai tratar os motivos de permanência e tudo mais, por isso o curso, o tempo todo, vem trazendo novidades, isso é a universidade, é um celeiro de conhecimento, não tem fim, está sempre atualizando, atualizando só a ciência, ela é acumulativa. Você vai trazendo palestra o tempo todo, principalmente o nível de conhecimento tem que ter e, além de aprofundar os temas, sempre atuais, nós nunca repetimos nada, com eles, é bom isso em termos de conferências e palestras e mini-cursos que tenha essa seqüência e este aprofundamento e esta abertura e flexibilidade ao mesmo tempo, vê como é bem orgânico, o curso dá conta de todas as emendas aqui, de todos os módulos, mas sempre abrindo para o novo... (C1).

Passando agora a analisar como o lazer se configura nesta proposta, pode-se perceber que aparece no nível I, módulo V, denominado “Educação física, recreação e lazer na terceira idade”. Está presente também no nível II, na forma de círculos de estudo, com a denominação de “Lazer, recreação e educação física na terceira idade”.

O modulo V possui a seguinte ementa: “refere-se a um conjunto de conhecimentos distintos à manutenção da saúde, da forma física na terceira idade; à orientação de ocupação do tempo “livre”, através do lazer e da manifestação do lúdico. No que se refere à base interdisciplinar: educação física, fisioterapia, terapia ocupacional, música, artes, comunicação, jornalismo, serviço social, filosofia, matemática, letras, biblioteconomia” (p. 24-25). No currículo, o lazer ainda aparece nas atividades optativas, manifestando-se em atividades sociorrecreativas, esportivas e culturais.

Pode-se perceber, na ementa, que o entendimento de lazer presente neste módulo vem em uma perspectiva funcionalista, enquanto orientação de ocupação do tempo “livre”. Não se presencia, na proposta pedagógica e no currículo, um entendimento de lazer em uma perspectiva crítica, como direito social, agente transformador da sociedade, como esfera significativa da vida social, possibilidade de aquisição de conhecimentos e valores significativos para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

No que se refere aos conteúdos culturais de lazer, esses não são explicitados no texto, contudo observações revelam que estão presentes nas diversas atividades realizadas no interior da instituição, nos inúmeros módulos e atividades optativas oferecidas, como arte, música, teatro, dança, turismo, coral e atividades físicas.

Nessa análise, identifica-se que o lazer não está presente enquanto conteúdo ou conhecimento no módulo IV – “A cultura na terceira idade”. Percebe-se que é desconsiderado como cultura produzida pela humanidade. Nesse módulo, fazem parte dos conhecimentos

distintos a situar o idoso em seu contexto cultural: literatura, jornalismo, comunicação, artes, música, teatro, dança, folclore, tradições, filmes, turismo, ecologia, informática e engenharia. O lazer não está presente, mas, como se vê, estão presentes a arte, a música e a dança, e isso nos faz refletir sobre os valores intrínsecos do lazer que perpassam esse currículo. Não seriam valores preconceituosos? Ainda arraigados por visões restritas presentes no senso comum, que identifica a cultura como erudição ou refinamento, e considera o lazer como “não sério”, simples ocupação do tempo “livre” e recuperação de energia?

Essas observações permitiram identificar que o lazer também se faz presente nas atividades “extracurriculares”, que englobam visitas a museus, bibliotecas e ainda outros passeios turísticos. Todas essas iniciativas são custeadas por cada participante, verificando-se que muitos não são acessíveis. Portanto pode-se considerar esse fato como potencial indicador de uma seleção dos idosos que frequentam esta instituição. Para além de todas essas atividades, há que salientar certos eventos sociais como festas de Natal e do “final do ano letivo”, dia das mães, dia dos pais etc.

Podemos verificar que o conceito de lazer que orienta a proposta está dentro de uma perspectiva funcionalista, de orientação e ocupação do tempo livre do idoso.

Quanto ao corpo docente da instituição, ele é composto por professores oriundos dos departamentos da universidade. São também convidados profissionais não vinculados à UNATI-1, para palestras e atividades do interesse da clientela.

De acordo com a investigação, parece existir uma lógica de academização, visível no alto nível de formalidade acadêmica e cultural, nas atividades e no modelo curricular que desenvolvem, assim como um mimetismo em relação à instituição universitária, que se traduz pela própria designação de UNATI e pelos rituais acadêmicos.

### **3.3.2. UNATI-2**

A UNATI-2 é um programa de extensão universitária e atualização cultural, social e humanitária, oferecido para pessoas a partir de 45 anos, alfabetizadas, sem provas e com uma frequência mínima de 75% das aulas.



A UNATI-2 conta hoje com 61 alunos, sendo que a idade varia de 45 a 79 anos como apresentado na tabela a seguir:

Tabela 5: Distribuição do total de alunos da UNATI-2 segundo a idade em anos

<b>Idade</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
40  — 49	3	4,92
50  — 59	23	37,70
60  — 69	22	36,06
70  — 79	13	21,32
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>100</b>

Do total de idosos, 96,72 são mulheres, um percentual maior que a UNATI-1, que conta com 80% de pessoas do sexo feminino.

Do total de idosos, foram selecionados 12 para participar das entrevistas, cujo critério foi o tempo de participação no programa. Considerando que a UNATI-2 só tinha quatro anos de existência, selecionamos os que participavam do programa há dois ou mais. A aplicação de uma ficha de informações sociodemográficas composta por 13 itens (ver Apêndice 5) permitiu traçar o perfil dos alunos selecionados.

A idade dos sujeitos que participaram da investigação variou entre 45 e 79 anos, sendo que houve uma predominância de 50 a 59 (66,66%), como podemos verificar na tabela a seguir:

Tabela 6: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-2 segundo a idade em anos

<b>Idade</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
50  — 59	2	16,66
60  — 69	8	66,66
70  — 79	1	8,34
80  — 89	1	8,34
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

A maioria dos sujeitos era do sexo feminino (83,34%).

No que se refere ao estado civil encontramos o seguinte quadro:

Tabela 7: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-2 segundo o estado civil

<b>Estado civil</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
Casado	10	84
Viúvo		0
Desquitado, divorciado ou separado	2	16
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

A composição relativa à escolaridade trouxe o seguinte retrato:

Tabela 8: Distribuição dos alunos investigados da UNATI-2 segundo o grau de instrução

<b>Grau de instrução</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
Ensino Fundamental	2	16,66
Ensino Médio	7	58,34
Ensino Superior	3	25
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

No que se refere às ocupações antes da aposentadoria, encontram-se as seguintes: professora primária, secretária, advogado, comerciante e do lar. Os dados referentes ao rendimento familiar não tiveram como ser analisados, pois a maioria dos entrevistados também teve receio em passar informações a este respeito. Contudo os dados sobre a origem da renda permitiram verificar que a maioria dos idosos eram aposentados ou pensionistas, poucos não se aposentaram ainda e continuam trabalhando. Tomados como um conjunto, esses dados, mais os relativos à ocupação, são indicativos de que o grupo pertence à classe média.

No programa da instituição, são abordados os objetivos para com seus alunos:

- Oferecer às pessoas da idade ativa a oportunidade de participar de um programa de educação continuada, que lhes permita adquirir, rever e ampliar conhecimentos.
- Proporcionar às pessoas da terceira idade a possibilidade de desenvolver uma melhor qualidade de vida pela prática regular de atividade física, por uma alimentação adequada e por uma convivência saudável e feliz com os colegas da turma.
- Oferecer ao idoso espaço para o exercício da livre expressão de suas potencialidades artísticas e culturais.
- Preparar o idoso para assumir seu processo de envelhecimento, resgatando a auto-estima e autoconfiança, por meio de formação teórica e prática.
- Viabilizar o intercâmbio de experiência.
- Oferecer ao idoso a oportunidade de sair do isolamento e integrá-lo à sociedade.
- Realizar discussões sobre a temática do envelhecimento com qualidade de vida na realidade social brasileira.
- Realizar pesquisas sobre envelhecimento saudável.

- Promover debates sobre envelhecimento, favorecendo a reflexão e incorporando novos conhecimentos na busca de melhoria na qualidade de vida da população idosa. (p. 9).

Como se pode perceber, os objetivos se centram em oferecer “oportunidades”, “possibilidades” de sair do isolamento, de participar de um programa de educação, de desenvolver uma melhor qualidade de vida, mas a palavra oportunidade deveria ser efetivamente substituída por “direito”. Digo efetivamente porque o que estas instituições oferecem soa como se estivessem prestando um favor de conceder-lhes o que lhes é de direito, sendo deveres do Estado tal préstimo.

No programa da instituição, encontra-se a seguinte justificativa:

Em vista da convivência com amigos e familiares, que, excluídos, vivem em nossa sociedade em razão das suas idades, observa-se com certa inquietude a necessidade de algo que acrescentasse maior prazer e vigor às suas vidas.

Sabe-se e observa-se, lamentavelmente, que vivemos em uma sociedade que não apóia as pessoas (45 anos em diante) nesse determinado período de suas vidas. Acredita-se sim que algumas pessoas perdem suas potencialidades mais cedo que outras, mas, em contrapartida, existem pessoas que se tornam muito mais capacitadas e determinadas; expondo suas práticas e suas ideologias, mostrando que ainda são ativas e capazes de colaborar em diversos segmentos.

É nesse momento que essas pessoas são bloqueadas e se tornam impossibilitadas de levar adiante seus projetos, os sonhos de viver bem, com qualidade, por diversas razões (p. 10).

Algumas justificativas são levantadas:

1. a desvalorização da pessoa aposentada, não levando em consideração sua experiência anterior;
2. se não for aposentada, a pessoa não consegue trabalho digno que a empregue em condições iguais àsquelas em que viveu anteriormente;
3. a exclusão da própria família por não ter tempo disponível para dedicação, nem exclusividade;
4. a diminuição da capacidade física em conseqüência de todas as adversidades emocionais pelas quais a pessoa passa, tornando, dessa maneira, o corpo debilitado e suscetível a contrair doenças graves ou não.

Muitos idosos sentem-se inúteis, quando, na verdade, estão no apogeu da experiência de vida, e esses sentimentos reduzem a auto-estima e não colaboram para o idoso sentir-se

importante às comunidades, no sentido positivo da maior colaboração solidária e satisfação interior (p. 10).

O curso tem duração de um ano e meio distribuído por módulos, sendo que cada módulo corresponde a um semestre e, no final do terceiro, o aluno recebe o certificado de extensão universitária. As atividades são semanais, realizadas às terças e quintas-feiras, em local previamente determinado. As aulas têm início às 14h e duram até 17h. Nesse período, os alunos têm aula de: informática, culinária, artesanato, atividade holística e física, coral, compreensão e interpretação de textos, seminários, palestras abordando temáticas da atualidade e afins, bem como atividades artísticas, culturais, religiosas e de lazer, com a participação de professores e profissionais de várias áreas: teologia, biologia, educação física, música, letras, informática, culinária etc.

No que se refere à organização curricular, a UNATI-2 não possui um currículo estruturado. De acordo com o coordenador, as disciplinas semestrais são estabelecidas no final de cada semestre, de acordo com a disponibilidade dos professores e alunos, uma vez que os próprios alunos podem oferecer disciplinas. “Eles contribuem, com a participação, né? E eles contribuem bastante no segundo módulo, quando eles podem oferecer as oficinas, então a gente está valorizando o que cada um tem de melhor pra passar pros outros, e essa é a contribuição que eles oferecem” (C2).

Na proposta pedagógica da instituição, o lazer aparece na página três do documento como “atividade”: “[...] os alunos têm aula de: informática, culinária, artesanato, atividade holística, atividade física, coral, compreensão e interpretação de textos, seminários, palestras abordando temáticas da atualidade e afins, bem como atividades artísticas, culturais, religiosas e de lazer, com a participação de professores e profissionais de várias áreas: teologia, biologia, educação física, música letras, informática, culinária etc”. Verificamos que na página doze da proposta aparece como metodologia/ estratégia e não como conteúdo. Assim como na proposta da UNATI-1, não encontramos nenhuma referência aos conteúdos culturais de lazer.

O lazer configura-se na UNATI-2 por meio de passeios turísticos e culturais, palestras, festival de esporte e artes. Para além dessas “atividades curriculares”, existem as “extracurriculares”, que englobam ainda visitas a museus e exposições de flores. De acordo com a coordenação do programa, os passeios são em parte custeados com a mensalidade paga

pelos alunos e, em parte, pela instituição. Também observamos a existência de alguns eventos sociais como festas de Natal e a do “final do ano letivo”.

Serão abordados agora alguns pontos comuns nas duas instituições: 1- a preocupação de que o envelhecimento populacional se torne uma ameaça à sociedade; 2- a preocupação, numa abordagem assistencialista, de combate à solidão, ao desamparo e à marginalização; 3- o discurso da geriatria e da gerontologia como donas do saber da velhice; 4- a perspectiva da educação permanente e da teoria da atividade.

Percebe-se, nas propostas de ambas as instituições, uma preocupação em adotar uma política social em favor dos idosos, diante à ameaça de mais um problema social – o do envelhecimento populacional.

Na UNATI-1, o assunto é abordado quando se trata das implicações do envelhecimento populacional (p. 16):

Os reflexos do aumento da população idosa são evidentes na estrutura sócio-econômica e política de um país, especialmente na área do trabalho, da saúde e da previdência, na educação, no lazer, enfim, nas políticas públicas de maneira geral. As demandas sociais dos idosos se avolumam e passam a se constituir em desafios para a sociedade política e a sociedade civil. As alterações demográficas tornam-se evidentes conforme a evolução da estrutura etária da população brasileira. Numa sociedade que apresenta uma estrutura de idade retangular, as relações sociais apresentam uma competição acirrada entre gerações. A gerontocracia e os papéis de autoridade favorecidos pela estrutura piramidal já não são tão ‘suportáveis’, pois não representam mais a minoria. (p. 16).

Nas páginas subseqüentes do documento são apresentados vários gráficos que demonstram a taxa de crescimento anual e sua distribuição no Brasil entre 1900 e 2025, a evolução da taxa de fecundidade e da esperança de vida ao nascer no Brasil e a inversão demográfica que vem ocorrendo na grande São Paulo desde a década de 1980, com previsões para 2025.

O documento da UNATI-2 também apresenta as mesmas preocupações:

Atualmente, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), temos os seguintes dados sobre a população de idosos no Brasil.

<i>Região</i>	<i>Norte</i>	<i>Nordeste</i>	<i>Centro-Oeste</i>	<i>Sudeste</i>	<i>Sul</i>
<i>População total</i>	<i>6.556.548</i>	<i>45.448.490</i>	<i>1.910.433</i>	<i>68.280.153</i>	<i>23.932.379</i>
<i>População idosa</i>	<i>362.901</i>	<i>3.836.218</i>	<i>738.265</i>	<i>6.518.218</i>	<i>2.046.138</i>

*Nota: Até o ano 2020, 1 em cada 13 brasileiros será idoso.*

A população de idosos no Brasil representa 7% da população total. Em Campinas, 10%.

Entre 1950 e 2025, a população idosa do mundo terá passado de 200 milhões para 1,2 bilhão. Entre os idosos, os mais velhos (a partir de 80 anos de idade) terão passado de 13 milhões em 1957 para 137 milhões em 2025. O total da população mundial terá aumentado três vezes, os idosos, seis e os mais velhos. (p. 5).

Desta forma, o tema envelhecimento antes pertencente aos domínios da geriatria e da gerontologia, começou a ganhar espaços em outras áreas do conhecimento. Apesar dos avanços tecnológicos na área médica da geriatria, tudo que se consegue até o momento é retardar alguns dos efeitos do envelhecimento em nosso organismo. De tal sorte que o declínio físico e muitas vezes intelectual, como consequência do envelhecimento, continua sendo um grande desafio para a ciência e uma preocupação constante em diferentes áreas de estudo. O envelhecimento populacional, aliado à falta de políticas públicas voltadas a essa realidade mundial, vem preocupando todos os segmentos da sociedade. (p. 5).

Os documentos de ambas as instituições dão a entender que o problema da velhice é gerado pelo envelhecimento demográfico. Esse é apresentado de forma histórica, desconsiderando os aspectos culturais, econômicos e sociais, que fizeram com que a velhice se transformasse em problema.

Na proposta das instituições, vê-se a preocupação no combate à solidão, ao desamparo e à marginalização social de crescentes contingentes de idosos, o que parece ter cunho assistencialista.

A proposta da UNATI-2 justifica-se por essa necessidade de combate ao desamparo e à marginalização dos idosos, como veremos a seguir:

Algumas justificativas são levantadas:

- 1- a sociedade desvaloriza a pessoa aposentada, não levando em consideração sua experiência anterior;
- 2- se não for aposentada, a pessoa não consegue trabalho digno que a empregue em condições iguais àsquelas em que viveu anteriormente;
- 3- a própria família exclui por não ter tempo disponível para dedicação, nem exclusividade;
- 4- a capacidade física diminui em consequência de todas as adversidades emocionais pelas quais a pessoa passa, tornando, dessa maneira, o corpo debilitado e suscetível a contrair doenças graves ou não. (p. 10).

É em verdade, uma bola de neve, os fatores de desencanto, falta de estímulo e tristeza que conduzem as pessoas a se sentirem inúteis, quando estão no apogeu da experiência de vida, e estes sentimentos reduzem a auto-estima e não colaborando para o idoso se sentir importante às comunidades, no sentido positivo da maior colaboração solidária e satisfação interior. (p. 10-11).

Isso também se faz presente na proposta da UNATI-1 quando se fala do perfil do idoso que se pretende:

Uma rápida caracterização do perfil do idoso brasileiro mostra-nos um quadro nada alentador, que reflete as contradições estruturais profundas de nossa sociedade industrial, acentuadas com a aposentadoria, que representa o atestado oficial do envelhecimento: - um idoso discriminado, inativo, vivendo em condições precárias e em situação de perda: - perda do papel profissional que desempenhava antes da aposentadoria, perda do *status*, do prestígio e das relações funcionais decorrentes do trabalho, perda do ‘valor mercantil’ no processo de reprodução da força de trabalho. Conseqüentemente, temos um idoso em crise: - crise de identidade, que o leva na maioria das vezes, à retração, à volta a si mesmo, à síndrome de pós-aposentadoria caracterizada pelo isolamento, pela solidão, desinteresse pela vida, alcoolismo, divórcio, decrepitude, senilidade, morte social e morte física. (p. 19).

Encontram-se também referências ao combate à solidão, nos pressupostos referentes às questões sociais da terceira idade da mesma instituição.

I – As questões pertinentes à terceira idade, longe de constituírem-se num universo separado, estão inseridas na totalidade histórico-social e expressam suas determinações e contradições.

II – O que torna as questões da terceira idade específicas, em termos das políticas sociais, é o progressivo distanciamento entre as necessidades do idoso, oriundas do acúmulo de limitações e as fontes de atendimento, limitações essas de natureza física, psicossocial, sociocultural e política.

III – A situação do idoso, na realidade brasileira, é a manifestação aguda de problemas acumulados ao longo de sua vida e que passam, com maior intensidade pela exploração da força de trabalho e pela discriminação social, após se tornar economicamente improdutivo. (p. 19).

Para livrar o idoso da velhice desamparada e marginalizada, temos, de um lado, a ação da gerontologia e da geriatria, donas dos saberes sobre a velhice e, de outro, a educação permanente e a teoria da atividade.

O discurso da gerontologia e da geriatria fazem-se presentes nos documentos de ambas as instituições, principalmente nos conteúdos ministrados. Apropriadoras dos segredos da velhice, com seu corpo sistematizado de representações e de normas, objetivam ensinar os homens a conhecer a velhice e agir de conformidade com as suas prescrições. Buscam a reorganização dos comportamentos educativos em torno de dois pólos bem distintos, sendo que as estratégias propostas são diferentes para cada um.

O primeiro tem por eixo a difusão dos preceitos médicos, isto é, um conjunto de conhecimentos e de técnicas que devem levá-los a tomar ciência do que é clinicamente a velhice; com isso, pretendem a preservação do corpo.

O segundo poderia agrupar, sob a etiqueta de “economia social”, todas as formas de direção da vida dos velhos, com o objetivo de diminuir o custo social de sua manutenção. A

proposta da UNATI-1 evidencia que o curso está fundamentado em aspectos gerontológicos. “O curso da UNIVERSIDADE DA 3ª IDADE está fundamentado em pressupostos gerontológicos, sócio-políticos e teórico-metodológicos, que encontram no Currículo Modular Integrativo a forma mais adequada de expressão e concretização de seus objetivos” (p. 21).

O discurso gerontológico e geriátrico evidencia-se em todos os módulos do currículo da UNATI-1, mas principalmente no I e II, como será visto a seguir:

Módulo I – Aspectos biológicos do envelhecimento

Ementa – Refere-se a um conjunto de conhecimentos destinados a explicar o processo básico do envelhecimento em seus aspectos biofisiológico, genético e imunológico, assim como o envelhecimento nos níveis celular e subcelular. Abrange ainda aspectos de geriatria social, saúde, sexualidade na terceira idade, noções filosóficas decorrentes da compreensão do corpo, do tempo; as políticas sociais na área da saúde, o acesso aos recursos sociais. Sua base interdisciplinar é composta por: biologia, medicina, educação física, odontologia, fisioterapia, enfermagem, nutrição, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, serviço social e filosofia. (p. 24).

Módulo II – Aspectos psicossociais da terceira idade

Ementa – Refere-se a um conjunto de conhecimentos sobre envelhecimento e o ser velho, na dimensão psicossocial. Abrange questões relacionadas à personalidade, comportamento, atitudes e aptidões, alterações sensoriais e perceptivas, ansiedade, angústia, stress, noção do corpo, dimensão do tempo, relações humanas, comunicação, psicopatologia, morte. Procura situar o homem idoso no contexto das relações psicossociais. Base interdisciplinar: psicologia, psicopatologia, educação, serviço social, filosofia, letras, sociologia. (p. 24).

Na UNATI-2 não foi encontrada nenhuma referência à gerontologia e a geriatria, todavia as preocupações com a qualidade de vida, que são discursos dessa área, evidenciam-se nas áreas temáticas na saúde física e mental.

Serão abordados temas relacionados à Qualidade de Vida. Envelhecer é um fenômeno natural característico do ser humano. A qualidade de vida na Idade Ativa pode ser definida como a manutenção da saúde, em maior nível possível, em todos os aspectos da vida humana: físico, social, psíquico e espiritual.

Qualidade de vida é a soma de vários fatores, mas principalmente a preservação do prazer em todos os seus aspectos. Além das atividades desenvolvidas na FAIA, buscamos especialistas da área da saúde, tais como: Médicos, Nutricionistas, Psicólogos, Fonoaudiólogos, Fisioterapeutas, Professores de Educação Física, Terapeutas diversos, etc. (p. 8-9).

No documento, a qualidade de vida é apresentada de forma acrítica, individualista, não manifestando nenhum tipo de preocupação com a intervenção dos idosos no questionamento de uma sociedade desigual e injusta.



Dessa forma, a gerontologia e a geriatria, presentes no discurso de ambas as instituições, se propõem a exercer o monopólio da velhice, lutando pela saúde do corpo capitalista, defendendo a ideologia do homem sadio, produtivo. Verifica-se também que as diferentes atividades culturais promovidas por ambas as instituições provêm de uma perspectiva teórica da gerontologia – a teoria da atividade. Ela considera que os idosos, para retardarem o envelhecimento, devem ter uma atividade, quer física quer mental e devem ainda desempenhar outros papéis sociais, que possibilitem o convívio e a integração social, evitando a marginalização, o isolamento e a degradação física e mental.

Nas UNATIs, o que se encontra são novas normas instituídas pela doutrina ativista, que avaliam a velhice “bem-sucedida” em razão do grau de participação e vitalidade que as pessoas conservaram. Na medida em que envelhecem, instituem o modelo do “bom-envelhecimento” (ALVES JUNIOR, 2004a). Pode-se verificar isso em uma passagem do documento da UNATI-1, que mostra preocupação com a inatividade ao se reportar aos Estudos do Instituto de Organização Racional do Trabalho.

Estudos do Instituto de Organização Racional do Trabalho – IDORT-RJ, em 1984, demonstram que 95% das pessoas que se aposentam ‘morrem socialmente’ e cerca de 50% deste mesmo grupo morre fisicamente até três anos após se aposentar, em virtude da inatividade. (p. 19).

Na UNATI-2, vemos essa preocupação no seguinte trecho do documento:

É necessário, uma concentração de esforços nas diferentes áreas profissionais, objetivando um maior conhecimento sobre o envelhecimento, e principalmente como envelhecer de forma saudável, priorizando esses esforços na manutenção da independência e autonomia do indivíduo. Sabe-se que o sedentarismo é o que mais compromete a qualidade de vida na terceira idade. (p. 5).

A preocupação em estar ativo também se evidencia no próprio nome do programa, que até 2004 era Faculdade Aberta à Terceira Idade, mudando para Faculdade Aberta à Idade Ativa. Ativa por quê? Porque o idoso deve permanecer ativo, engajado na busca de uma melhor qualidade de vida e prática de atividades físicas, como sugere a proposta dessa instituição.

Nas propostas, também se evidencia uma ênfase na educação permanente, como possibilidade de solução para o problema do envelhecimento. No discurso dos documentos de ambas as instituições, “os teóricos da velhice, através da ação conjunta dos esclarecidos, pretende

anular a discriminação, a tragédia da velhice, contando com as trilhas da educação permanente ou continuada”.

Na UNATI-1, no item organização curricular, é abordada a perspectiva da educação permanente, com uma ação interdisciplinar e um currículo modular-integrativo. Já a UNATI-2 não se refere à educação permanente e sim à continuada, como podemos ver em um dos objetivos elencados na proposta: “Oferecer às pessoas da idade ativa a oportunidade de participar de um programa de educação continuada, que lhes permita adquirir, rever e ampliar conhecimentos” (p. 9).

No caráter político de ambas as propostas está implícito que, por meio da educação permanente, o homem estará a salvo da velhice desamparada, sendo-lhe necessário que busque se atualizar constantemente, por intermédio de um novo processo de socialização, da participação em atividades culturais, de lazer, de novas formas de engajamento na vida social.

A educação permanente é uma proposta defendida por pedagogos e psicólogos, que vêm na educação centrada no indivíduo a possibilidade de solução dos seus problemas e, por extensão, dos da coletividade, e produto da “ciência” voltada para os interesses da sociedade capitalista.

De acordo com Haddad (1986), propor a educação como alternativa para a solução da velhice trágica é ocultar a realidade histórico-social; é tomar como verdadeira “a idéia” de que a pedagogia da velhice encerra em si mesma uma saída para a “questão da velhice”, possibilitando aos homens condições para viverem, através do processo de ressocialização, da inculcação das normas geriátricas relativas à aprendizagem da arte de saber envelhecer, uma existência diferente daquela que é socialmente produzida. A velhice, enquanto determinada biologicamente, é esquecida. A apologia do “saber envelhecer” repousa em parâmetros diferentes: o social e o cultural.

As UNATIs, com o discurso da educação permanente ao invés de atender aos interesses dos idosos, refletem as preocupações e ações do Estado Brasileiro, tornando-se seu instrumento, no sentido de diminuir o custo da manutenção dos idosos. De acordo ainda com Haddad (1986), por detrás da aparente defesa dos velhos, encontra-se a defesa, pela filantropia médica, dos interesses do Estado, representante da minoria dominante. Os velhos crescem numericamente e, em médio prazo; o Estado não terá condições de arcar com um sistema previdenciário cada vez mais oneroso e com a manutenção de instituições – em número cada vez maior – que abriguem “os maiores abandonados”.

As UNATIs, portanto, defendem “aparentemente” os idosos, acabando por mascarar o “problema”, ocultando as contradições que geram a velhice trágica. O que encontramos em ambas as propostas é a imagem abstrata de uma pessoa idosa a-temporal, aistórica, frágil e ausente do convívio e das relações sociais. O que parece não condizer com os idosos que freqüentam as instituições.

Essa análise documental permitiu se conhecer mais o universo a ser investigado, abrindo “portas” para que se pudesse iniciar a pesquisa de campo e proceder a análise de dados, que será apresentada no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DE DADOS

#### Reinvenção

*A vida só é possível  
reinventada.*

*Anda o sol pelas campinas  
e passeia a mão dourada  
pelas águas, pelas folhas...  
Ah! tudo bolhas  
que vem de fundas piscinas  
de ilusionismo... — mais nada.*

*Mas a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.*

*Vem a lua, vem, retira  
as algemas dos meus braços.  
Projeto-me por espaços  
cheios da tua Figura.  
Tudo mentira! Mentira  
da lua, na noite escura.*

*Não te encontro, não te alcanço...  
Só — no tempo equilibrada,  
desprendo-me do balanço  
que além do tempo me leva.  
Só — na treva,  
fico: recebida e dada.*

*Porque a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.*

CECÍLIA MEIRELES

Ao longo da pesquisa realizada nas Universidades da Terceira Idade (UNATI) selecionadas (UNATI-1 e UNATI-2), no período de 2005 a 2006, foram utilizados diferentes métodos e técnicas, com o intuito de complementar, aprofundar e cruzar informações. A

observação assistemática, a entrevista, as notas de campo, a pesquisa documental e a ficha de informações sociodemográficas foram utilizadas.

A fim de compreender como se configura o lazer dentro das UNATIs, procurou-se, neste capítulo, justapor dados da observação assistemática com os da entrevista.

Em um primeiro momento, realizou-se aquilo que Magnani (1996) chama de “participação de reconhecimento”. Nesse primeiro contato, procurei ambientar-me com as diferentes pessoas, com os espaços físicos, com os ritmos estabelecidos pelas diferentes atividades e com o horário das aulas. Assim, busquei explicitar os objetivos da pesquisa, criando uma certa empatia e relação de confiança. Posso caracterizar os primeiros dias como sendo uma fase de conhecimento mútuo, de aceitação da minha pessoa, de aprender a movimentar-me em ambas as instituições.

Durante esse período, realizei observações assistemáticas, sendo que todas foram registradas no diário de campo. Esse tipo de observação, também denominada não-estruturada, espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional ou acidental, permite recolher e registrar os fatos da realidade, sem a utilização de meios técnicos especiais (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 192). De acordo com Vianna (2003), a observação, particularmente a não-estruturada, é uma técnica bastante flexível, que possibilita ao pesquisador fixar-se em fatores que julgue importantes para o objetivo do seu trabalho.

Vianna (2003), ao apontar as vantagens da observação, relata que esta é eficaz na coleta de dados sobre comportamentos não verbais. De acordo com esse autor, o observador pode identificar comportamentos à medida que eles ocorrem; pode registrar em seu diário de campo os aspectos relevantes ou os acontecimentos na sua totalidade.

Observei os programas das duas instituições e procurei participar de todas as oficinas, palestras etc. Contudo, tendo em vista a programação diferenciada para cada nível, tive de organizar um horário, de forma que observasse o cotidiano dos idosos no programa. Procurei também focar minhas observações nos momentos em que encontrava o maior número reunido, no caso da UNATI-1, nas palestras que ocorriam nas quartas-feiras e, na UNATI-2, nas aulas de quinta-feira.

Na UNATI-1, para além das atividades curriculares, havia outros lugares de eleição para a observação participante: a sala da direção, os bancos espalhados pela instituição e os corredores, onde se aglomeravam grupos de idosos antes do início das aulas. Nestes, além da

simples observação que fazia do que se passava ao redor, a conversa informal com os participantes da investigação foi de extrema importância, acedendo assim a informação que de outro modo seria difícil obter, pois, no decorrer das atividades, não era possível estabelecer um diálogo. Também era importante a minha presença nestes locais, visto desenrolar-se aí a “vida” da UNATI.

Na UNATI-1, a sala da direção era, em alguns momentos do dia, um local de muito movimento, onde os idosos entravam pelos mais variados motivos, pois aí encontravam, normalmente, a diretora, além da funcionária-administrativa, que dava apoio à direção e tratava de diferentes assuntos com os alunos, relativos às atividades desenvolvidas. Assim, para além de ser um local de simples observação, era também um local onde tive a oportunidade de realizar diferentes conversas informais com os vários idosos que por ali passavam.

Na UNATI-2, além da observação das atividades curriculares, também pude eleger outros três lugares para observar. Os idosos geralmente chegavam antes do horário da aula e agrupavam-se nos bancos da escola; outro ponto de encontro era a cantina, onde se encontravam no intervalo. Não posso esquecer da sala da coordenação, que aglomerava grande número de idosos antes do horário da aula para falar com a funcionária administrativa ou com o coordenador do programa. Nesses locais, os contatos e conversas informais abriram novos diálogos com os idosos.

Todas as observações realizadas durante as atividades curriculares e informais em ambas as instituições foram devidamente anotadas no diário de campo e trouxeram informações significativas, que não foram visualizadas nas entrevistas, nem mesmo nas observações das atividades curriculares.

Concomitante às observações, realizei entrevistas semi-estruturadas<sup>1</sup> com os idosos selecionados segundo critérios já apontados. Estes se mostraram muito acessíveis, demonstrando interesse em contribuir com o estudo. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos idosos, sendo que alguns preferiram que esta ocorresse na própria instituição, e outros optaram por marcar horário em suas residências; as entrevistas foram gravadas com a permissão dos respondentes, em cujo momento também foi aplicado um formulário de levantamento de dados sociodemográficos, cuja análise já foi apresentada no terceiro capítulo deste trabalho. Visando resguardar a identidade dos idosos participantes do estudo, foi utilizado nomes de flores para identificá-los.

---

<sup>1</sup> As entrevistas foram gravadas em recurso digital e estão disponíveis para futuras averiguações.

Com os dados das entrevistas e observações em mãos, iniciei a análise, procurando desvendar as mensagens explícitas e implícitas presentes nas entrevistas e anotações do diário de campo, pois, de acordo com Franco (2005), o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Necessariamente, ela expressa um significado, um sentido.

Para averiguação dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo como procedimento sistemático. Para Bardin (1977, p. 42), essa análise é entendida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas destas mensagens).

Por meio da análise de conteúdo, procurei desvendar mensagens implícitas e explícitas presentes nas observações (formas de comportamento, gestos, emoções) e nas verbalizações dos sujeitos entrevistados. Para buscar os significados presentes nas anotações do diário de campo e nas entrevistas, utilizei a análise temática, uma técnica de análise de conteúdo, em que a noção de tema é definida como uma afirmação acerca de um assunto, podendo ser apresentada graficamente por uma palavra, frase ou resumo e que se constitui em uma “[...] unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1977, p. 105). Ainda segundo essa autora, fazer uma análise temática consiste em descobrir “[...] os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido” (idem, *ibidem*, p. 105).

É pertinente ressaltar que, concordando com Triviños (1987), nossa análise não se restringiu só ao que está escrito no material, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente silenciados. As análises e a interpretação dos resultados obtidos na pesquisa permitiram comparar os dados levantados em campo com as leituras realizadas, possibilitando a correlação entre as variáveis, sendo que a interpretação propiciou um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos já adquiridos.

O primeiro momento da análise consistiu na preparação do material de ambas as instituições (anotações do diário de campo e entrevistas transcritas), que foi reunido e complementado com outras anotações, determinando os principais centros de interesse,

analisando com que frequência certas respostas ocorreram, detectando divergências, conflitos e pontos convergentes, o que permitiu registrar as palavras ou símbolos-chave, os temas maiores e os ignorados, ou seja, selecionar o que realmente interessava para a análise. Nesse processo, emergiram cinco categorias, cuja análise apresento a seguir. Aliás, essa análise não é apresentada de forma estanque, fragmentada, mas, os dados da pesquisa realizada nas duas instituições são expostos em conjunto, pois a convergência de dados entre as mesmas se fez bastante presente na análise.

#### **4.1. APOSENTADORIA: TEMPO LIVRE OU TEMPO ÚTIL?**

Após anos vivendo em um ritmo institucionalizado, em que a fragmentação do tempo supõe um corte no tempo do cotidiano, o idoso depara-se com um tempo desinstitucionalizado, que lhe causa certo estranhamento – O “TEMPO LIVRE”. Contudo, esse tempo não é totalmente livre, pois os idosos não conseguem livrar-se das amarras sociais do trabalho e buscam um novo tempo de lazer, institucionalizado com os mesmos horários e obrigações dentro da UNATI.

O tempo que lá permanecem preenche o vazio deixado pelo trabalho e dá utilidade a seu “tempo livre”. As entrevistas revelam que os idosos têm necessidade de justificar que o tempo para freqüentar a UNATI foi conquistado com muito trabalho. Revelam que são aposentados, mas não inúteis e improdutivos.

Rodrigues (2000, p. 26) afirma que “a aposentadoria, antes de mais nada, é uma instituição da sociedade industrial moderna”, pois é resultado de um longo período de lutas da classe trabalhadora. Segundo a autora, na maioria das legislações trabalhistas a aposentadoria é concedida por idade, e esse aspecto implica a não-separação do binômio idade-trabalho, relacionando estreitamente a aposentadoria ao processo de envelhecimento.

A palavra aposentadoria está vinculada, segundo Carlos, Jacques e Heredia (1999), a duas idéias centrais: a de retirar-se aos aposentos, de recolher-se ao espaço privado de não-trabalho – contribuindo para o *status* depreciativo que envolve o abandono e a inatividade –, e a de jubilação, acarretando uma perspectiva otimista, na qual há uma conotação de prêmio, recompensa e contentamento. A aposentadoria representa uma ruptura com o mundo do trabalho, trazendo alterações no que diz respeito à representação de papéis na sociedade e no círculo de



relações sociais dos indivíduos. Estudos mais recentes sobre esse tema demonstram que a vida do aposentado é profundamente influenciada pelas atividades socioprofissionais anteriores, na medida em que essas atividades determinam as condições de vida social e econômica, assim como, as relações sociais e o acesso ao lazer.

Segundo Rodrigues (2000), existem dois pontos fundamentais nas definições de aposentadoria: a inatividade, após um tempo de serviço, e a remuneração por essa inatividade. Dois aspectos são decisivos para a compreensão das conseqüências acarretadas na vida daqueles que se aposentam, pois “[...] a aposentadoria requer um condicionamento mental e social que a maior parte das pessoas não possui, e isso porque o afastamento da atividade profissional significa uma exclusão do mundo produtivo, que é a base da sociedade moderna” (RODRIGUES, 2000, p. 27).

Na nossa sociedade, o trabalho é o lugar privilegiado das referências sociais. Ele estrutura o espaço, o tempo e as relações sociais. Enquanto categoria central na vida humana, afirma a existência individual e a identidade pessoal e social<sup>2</sup> dos indivíduos. O significado social conferido ao trabalho faz com que seu afastamento represente uma perda de identidade de trabalhador, acarretando a necessidade de uma reorganização espacial e temporal do seu cotidiano, além de uma reorganização de sua história e de seus projetos.

Nessa perspectiva, o trabalho é categoria fundamental de sociabilidade humana, condição imprescindível na vida em sociedade. É atividade essencial da qual advêm todos os outros processos de interação, enquanto formas mais complexas da práxis social.

O trabalhador, acostumado a tantos anos de trabalho, de atividade intensa e diária, quando desobrigado desta, experimenta certo estranhamento por sua nova condição. Sente-se em um mundo desconhecido por ele e não reconhecido socialmente: o mundo da aposentadoria. Agora ele é dono do seu tempo, o trabalho não se faz mais presente como definidor dos limites do “tempo livre”. O aposentado vive uma angústia com essa apropriação do seu tempo, pois tem uma sensação de liberdade por não ter compromissos com horário, mas também, vem o medo de

---

<sup>2</sup> Erickson (1972) foi um dos primeiros autores a sistematizar a noção de identidade pessoal e social baseada na teoria do interacionismo simbólico de Mead. Segundo este último (1982), a identidade estabelece-se no processo de comunicação, por meio de símbolos significantes. A sociedade, que é anterior ao indivíduo, tem uma estrutura já organizada com um conjunto de símbolos e de significados, assim como de modelos de interação preestabelecidos. O sujeito o constrói no jogo das experiências sociais. Desde o início de sua constituição, o outro está presente (MEAD, 1982, p. 15).

sentir-se inútil para a sociedade. O idoso exprime, então, uma profunda relação de medo e de prazer com o “tempo livre”.

A aposentadoria não deveria ser um fator de angústia, mas sim, de uma oportunidade para aquisição de novos valores, de romper com preconceitos. Entretanto, para isso, seria necessário que as pessoas se abrissem para novas possibilidades de vida, não necessariamente ligadas ao trabalho. Podemos perceber que a forma como o idoso lida com o conflito da aposentadoria é influenciada por sua história de vida e pelas relações que ele estabeleceu com a família, com a sociedade e, principalmente, com seu trabalho.

Nas entrevistas realizadas, alguns sujeitos relataram que não tinham tempo para si e que, antes de freqüentarem a instituição, todo o seu tempo era dedicado ao trabalho e às obrigações familiares. Abordam sobre uma liberdade, uma independência que veio com o desligamento do trabalho e com a diminuição das obrigações familiares, como é o caso de Calêndula (UNATI-1): “Quando você é dona de casa, e tem marido, você tem filha, tem muitas, muitas obrigações e, às vezes, não dá tempo”. E ela continua explanando sobre o assunto:

Então, eu me dedicava mais à família e ao serviço, né, então era diferente, era outra coisa. Então para mim mesma eu não tinha nada, eu tinha era para os outros, para os filhos, para o marido, para o serviço, para o negócio da família; agora, depois que eu fiquei viúva, que meus filhos casaram, então agora tudo que eu faço é mais... não, não que eu abandonei a família! É diferente, né? Porque tem a família, porque eu me entroso com eles, mas agora eu tenho mais tempo para mim, para mim mesma.

As falas de Rosa (UNATI-1) e de Bromélia (UNATI-1), respectivamente, a seguir, vêm no mesmo sentido:

Ah, agora não trabalho, agora não lavo louça, agora não me preocupo com a família, agora eu considero que estou, assim, na idade do lazer e do prazer. Não tenho mais obrigação, dever e responsabilidade, agora eu sou eu, pela primeira vez, eu sou eu.

Agora eu sou livre, leve e solta. Faço tudo que vier.

Dália (UNATI-1) fala de certa independência e diz que hoje ela pode fazer o que deseja:

Ah, minha filha, você repara, colégio de freira, que amarra, que barra, não tinha por onde, né? Fiquei oito anos, dez anos de filha de Maria. A minha salvação foi que eu trabalhei com um advogado, antes eu trabalhei em um açougue com o meu pai, trabalhei na Pirelli. Não, hoje eu sou, vamos dizer assim, independente, eu faço o que eu quero, a hora que eu bem entendo... minha filha tem a preocupação de filhos, principalmente de filha, eu não aceito e já falo: não vem com essa não, não sai de noite, não anda sozinha e não come isso, não come aquilo. Você não me amola o juízo.

Rodrigues (2000, p. 28) destaca que a aposentadoria, como instituição social, apresenta características contraditórias: se, de um lado, alguns a vivem como um tempo de “liberdade”, de “desengajamento profissional”, de “possibilidade de realizações”, de “fazer aquilo que não teve tempo de fazer” durante a vida ativa, de “aproveitar a vida”, de “não ter mais patrão, horários obrigatórios” etc., de outro as pessoas a consideram um “tempo de nostalgia”, de “enfado” etc.

Como se pode perceber, para algumas pessoas, como Calêndula e Dália, a aposentadoria vem acompanhada de uma sensação de liberdade. Não só pelo afastamento do trabalho, mas principalmente pelo desligamento das obrigações familiares, que, para as mulheres, parecem ter um peso tão significativo em sua vida quanto o trabalho. Já para outras pessoas, essas mudanças podem significar um vazio, uma tristeza, como é o caso de Primavera (UNATI-2), do Cravo (UNATI-1) e de Bromélia (UNATI-1).

Primavera (UNATI-2) fala da falta que sente das obrigações com os filhos:

Acabam suas obrigações de levar as crianças, de buscar; acabou isso também, é um choque, parece que não é certo, você fica assim, sem chão [...] eu era muito requisitada, levava todo mundo e agora todo mundo está tomando seu caminho sozinho; minha filha tem 33; a outra, 26; então já está adulta, cada uma tomou seu caminho, e eu fiquei sem chão, menina! Você sabe que serve, né? Quando é para servir você fica meio, ah, agora não tem mais o que fazer, então estava meio perdida neste sentido, então você fica meio depressiva.

Para aquelas mulheres que não trabalham fora de casa, as obrigações familiares ocupam todo o tempo e têm um papel muito significativo. Cravo (UNATI-1) fala do pesar que foi o momento da aposentadoria: “Eu senti muito quando me aposentei, foi muito difícil para mim”. Bromélia (UNATI-1) também relata a dificuldade que teve em desligar-se do trabalho:

Eu estava muito triste que eu tinha aposentado, porque a minha missão era ser professora; eu adorava, até hoje eu adoro, mas, como hoje, a gente está vendo que o ritmo da educação não dá mais para eu dar aula, porque não é isso que eu quero, é outra coisa, eu quero ensinar, eu quero transmitir e hoje parece que não está tendo muita liberdade para gente, né? Então eu estava muito triste, que eu tinha me aposentado. (Bromélia).

Santos (1990) relata que, para as pessoas que sempre tiveram sua identidade pessoal entrelaçada com a socioprofissional, a aposentadoria significa falta de sentido à vida. É justamente para esse sujeito que ela se tornará um momento mais difícil e trará uma crise mais

longa. A aposentada não terá mais uma identidade reconhecida socialmente e terá dificuldade em saber por quê ou por quem vive.

Nas entrevistas, é interessante notar que, mesmo não tendo nenhuma pergunta que se refira diretamente ao trabalho, os idosos faziam questão de falar com orgulho de sua atividade profissional e referiam-se a ela com certo saudosismo. É o caso da Orquídea (UNATI-1):

[...] eu gosto de trabalhar com o que eu tenho; reformas do Estado, nós fizemos muitas e muitas, com caixa de papelão, porque não dava tempo de ficar esperando que fosse aprovado na câmara, ou seja, onde fosse o fichário, então quem tinha o melhor fichário era o trabalho, era a companhia de gás e a companhia de luz; então nós íamos lá ver e fazer no papelão, que as empresas nos dava de papel de cor, fazer levantamento de prefeituras, tudo feito assim; então eu me habituei a fazer primeiro de tudo, numa reforma, verificar o que tem e para que se vai fazer isso, então me dói muito ver o desperdício de gente, de tempo, de dinheiro.[...] Até, agora, se o governo me permitisse trabalhar, eu estou em condições de trabalhar, certo? (Orquídea).

Também Gardênia (UNATI-1):

Me aposentei como enfermeira obstetra; eu trabalhei 25 anos aqui em Campinas, em Americana, em São José do Rio Preto, organizando serviços, né? Depois eu fui para São Paulo. Em São Paulo, eu me aposentei; quando eu aposentei, 25 anos de profissão. Eu coloquei no mundo, pelas minhas mãos, 20 mil crianças, aproximadamente, com muito gosto, muito entusiasmada pela minha profissão, sempre gostei muito. E todas as vezes que eu trabalhei em outros hospitais, sempre ensinando, cheguei a ensinar pessoas que queriam aprender a fazer parte, porque eu sabia que, naquele lugar, elas não teriam condições de pessoas mais capacitadas, então eu mesma ensinava.

Em virtude da importância do papel profissional na vida dos indivíduos, a busca pelas atividades de lazer, após a aposentadoria, caracteriza-se pela continuidade do mundo do trabalho. Nesse sentido, percebemos que ambas as instituições envolvem os idosos em atividades voluntárias, que cresce entre os idosos como uma das consideradas por eles como de lazer.

Temos... as nossas pessoas doentes que a gente visita, não vai visitar só para levar bolinho não, é verificar mesmo o quê que está se passando, o que podemos fazer. Funcionários aqui que nos procuram, nós somos espécie de uma sala de espera: ah, você, fulano, você procura... nunca atravessando, mas sempre procurando conhecer aquilo que a UNATI-1 tem para dar a seus funcionários e verificar o serviço social. Verifiquem vocês, que são uma ponte muito grande, sempre tem gente nova aqui dentro, e a gente confia muito nisso. Os Conselhos, a gente trabalha em todos eles, mas nada de diretorias, somos chamados, às vezes, a dar... tem os cursos da prefeitura, eles têm problemas, por incrível que pareça, no recrutamento do pessoal, então estamos nós, só que cada um faz sua parte. É um trabalho sistematizado, mas também muito voluntariado, mas só que o nosso voluntário, pelo qual nós lutamos, não é essa coisa de: eu vou lá quando eu não tenho cabeleireiro; voluntariado é uma coisa séria, que tem regras e você vai porque

gosta, porque tem condições de fazer sem ser obrigado, não tem remuneração, mas tem obrigação, tem obrigações e disciplina. (Orquídea – UNATI-1).

Como podemos perceber, os idosos fazem questão de enfatizar que assumem o voluntariado com seriedade, disciplina, comprometimento e responsabilidade, como se ainda estivessem trabalhando. Eles resgatam o trabalho por meio do lazer e, na maioria das vezes, buscam atividades similares às aquelas que desenvolviam. É o caso da Gardênia (UNATI-1), que foi enfermeira e disse ter colocado cerca de 20 mil bebês no mundo. Hoje fala com entusiasmo:

Eu sou voluntária em uma creche, onde eu dou atendimento a garotas entre 12 e 15 anos grávidas. Ensinando a ser mãe, a dar a luz, mostrando fotografias, slides, conversando com elas, que tiveram a infelicidade, porque eu considero uma infelicidade deixar a infância, a adolescência e a juventude para ser mãe sem estar na hora. Uma vez por semana, eu acompanho essas meninas.

Ao procurarem uma atividade que tenha correlação com o trabalho, fazem com que a aposentadoria não represente uma ruptura, mas a continuidade da carreira. A justificativa pelo trabalho voluntário é sempre ajudar o outro, mas, na verdade, estão buscando ajudar a si mesmos. Uma vez que a maioria dos sujeitos relata ter sentido tristeza pelo afastamento do trabalho, o voluntariado é uma forma de sentirem-se socialmente úteis e de darem continuidade à vida profissional de que tanto sentem falta.

Há a tendência a querer retomar o lugar que ocupavam antes. Orquídea (UNATI-1) faz questão de dizer que assume responsabilidades dentro da instituição:

Então, há dentro do conceito da universidade uma das coisas importantíssimas que nós trabalhamos aqui, que é o fato de que a universidade deve devolver à sociedade em realizações, é o retorno; isso seria em termo econômico, é o retorno, é feedback. Ela não pode estar presa só aos doutores, esperar que formemos doutores depois de trinta, quarenta anos; nós temos coisas urgentes, então, quando nós somos chamados, e nós somos chamados pelos que daqui saíram, pelas circunstâncias. Por exemplo, no curso de alfabetização, nós trabalhamos muito, mostrando caminhos, fazendo a coordenação e a integração com a faculdade de educação; ah, trabalhamos muito com juvenzinhas que hoje já devem ser mães de outras jovens, da gravidez indesejada, da gravidez de mocinhas, cursos inteiros; uma experiência muito bonita, que a gente fez, nunca sozinha, sempre com o grupo daqui, assim, pessoas com quem nos damos bem e que aparecem com a idéia, porque dificilmente tem idéias, e a gente trabalha nesse grupo.

O que ficou evidente é que os idosos buscam dar utilidade para o seu “tempo livre”, que lhes pesa nas costas, enfatizando que são pessoas ocupadas, reiterando a óptica do sistema capitalista, em que o tempo deve ser consumido, colocado em uso, justificado produtivamente.

De acordo com Melo e Alves Junior (2003), “[...] a vida contemplativa foi gradativamente substituída por uma preocupação com a atividade constante: compreende-se que é sempre necessário fazer algo, preencher o tempo, como se fosse algum crime não fazer nada”.

Os entrevistados parecem querer inculcar no tempo dedicado ao lazer o mesmo sentido de utilidade que existia no trabalho; sentem necessidade de dar satisfação a si e à sociedade de que são ativos, buscando no lazer a utilidade presente no trabalho. Fazem questão de mostrar que permanecem ativos, com uma agenda cheia de compromissos que, além das atividades na UNATI, incluem trabalho voluntário, participação em outras associações, compromissos familiares e com os amigos, realização de atividades físicas em academias, passeios, entre outras atividades. É como relatam Magnólia, Calêndula e Gardênia respectivamente, todas da UNATI-1:

Só hidroginástica, eu faço porque é uma hora, né? E depois eu venho aqui e faço dança, é muita coisa, eu estava também no SESC, mas eu saí, aí eu participava também da dança.

Olha eu ainda faço hidroginástica na manhã; faço pilates também na parte da manhã e ainda faço dança também com o mesmo professor, só que é particular, né? Na segunda de manhã, eu tenho hidroginástica; na terça de manhã, eu tenho pilates; na quarta-feira, eu não tenho nada; na quinta, eu tenho dança; e, na sexta-feira, eu tenho hidroginástica de manhã. E nas segundas, terças, quartas e quintas eu estou aqui à tarde.

Eu participo na igreja, na pastoral, no coral, na creche e faço academia quatro vezes por semana, por necessidade mesmo, como postura, alongamento e musculação, indicado por médico.

O que se tem é uma falsa impressão de que, após o período visto socialmente como produtivo, os idosos desfrutam integralmente de um “tempo livre”, pois, na realidade, eles continuam sujeitos às imposições sociais e culturais do mundo do trabalho, que ainda determina o ritmo de sua vida.

Na realidade, o que ocorre é que o “tempo livre” é automaticamente ocupado pelo lazer e por uma série de outras obrigações, numa relação, muitas vezes, mecânica e reducionista, já que elas vêm para compensar a perda do trabalho, a diminuição das redes sociais, cumprindo, assim, um caráter funcionalista, ao favorecer o ajustamento das pessoas ao sistema social vigente.

Essa óptica funcionalista está ligada a um modelo de envelhecimento ativo. Alves Junior (2004a) esclarece que a vida associativa no Brasil marca o início da institucionalização de um modelo de envelhecimento que, a nosso ver, estende-se até os dias de hoje. E que, para Guillermond (1986, p. 181),

As novas normas instituídas pela doutrina ativista, que avaliam a velhice bem-sucedida em razão do grau de participação e vitalidade que as pessoas conservaram na medida em que envelhecem, instituem um modelo do bom envelhecer as práticas sociais destas novas camadas de assalariados; os mais aptos em converter, em atividade e sociabilidade na aposentadoria, o capital de recursos que eles acumularam durante a vida ativa.

Esse modelo de envelhecimento ativo emerge com aquilo que Debert (1999a) chama de “reprivatização” do envelhecimento, no qual os indivíduos são convencidos a assumirem a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente, pela sua saúde, pela sua aparência, pelo seu isolamento. Em forma de crítica a isso, a autora apresenta a seguinte reflexão:

[...] se alguém não é ativo, não está envolvido em programas de rejuvenescimento, se vive a velhice no isolamento e na doença, é porque não teve o comportamento adequado ao longo da vida, recusou a adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados e, portanto, não merece nenhum tipo de solidariedade. (DEBERT, 1999a, p. 35).

Alves Junior (2004b) acrescenta que se chega mesmo a culpar os idosos que venham a apresentar deterioração física. A dependência e a decrepitude são compreendidas como resultados de uma conduta desviante do indivíduo. Sendo assim, inatividade corresponderia a velhice, opondo-se às vantagens do envelhecimento da “terceira idade”.

Esse modelo de envelhecimento ativo também é apresentado pelos meios de comunicação, uma vez que a visão de “velhos” é de pessoas ativas, lúcidas participantes, prontas para viverem um momento feliz de suas vidas.

Featherstone (1995) denomina *heroes of aging*<sup>3</sup> as várias imagens veiculadas, mostrando pessoas que, ante o processo de envelhecimento, parecem permanecer eternamente jovens nos seus hábitos de trabalho, postura corporal, expressões faciais e comportamento em geral. O que se encontra é uma imagem idealizada do envelhecimento, rejeitando a própria idéia de velhice.

Esse novo modelo traz consigo uma retórica de como envelhecer bem, com medidas concretas para a manutenção da boa forma, tais como, exercícios físicos, alimentação saudável e novas formas de vestir-se e de relacionar-se com o corpo, com a família e com os amigos. A crítica deste trabalho dirige-se a um modelo de envelhecimento impositivo, que direciona e determina o novo estilo de vida muito similar à lógica do trabalho vivido por ele durante a vida adulta.

---

<sup>3</sup> Heróis do envelhecimento.

Muitas vezes, o que os idosos buscam na UNATI é um “bom” envelhecimento, um modelo ativista. As UNATIs devem estar atentas, buscando esclarecer os idosos a respeito dessa retórica do “bom” e do “mau” envelhecimento, não negando as novas características dessa fase da vida.

#### 4.2. O SIGNIFICADO DO LAZER

Na investigação, pude perceber que a mesma falta de consenso sobre o significado do lazer encontrada no campo teórico está presente no relato dos entrevistados. O lazer assume uma pluralidade de significados na vida dos sujeitos, entretanto, ao serem questionados sobre o que era para eles, a maioria hesitou em responder, parou, pensou e muitos ficaram sem palavras. Verifiquei que tiveram dificuldade em elaborar suas idéias, emitindo respostas vagas, e às vezes, de difícil compreensão, o que, de certo modo, demonstra a dificuldade do grupo de formular um conceito de lazer, que provavelmente nunca havia sido dito em outras palavras. Sendo assim, o lazer é fácil de ser vivenciado<sup>4</sup>, mas difícil de ser explicado. Sua compreensão pelos idosos não teve uma uniformidade, e o significado encontrado nas falas esteve ligado a divertimento, distração, prazer, alegria, tempo fora do trabalho e obrigações. Muitos, em vez de o conceituar, citavam atividades relacionadas aos conteúdos culturais de lazer.

Os aspectos tempo e atitude, abordados no segundo capítulo deste trabalho, também estiveram presentes nas falas dos entrevistados. De acordo com Marcellino (1983, p. 26), o lazer considerado como *atitude* é marcado pelo significado que as pessoas atribuem a ele, ou seja, caracteriza-se pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente, a satisfação provocada pela atividade. Nesse caso a subjetividade predomina. O sentido atribuído ao lazer pode alterar-se dependendo da compreensão do indivíduo mediante sua vivência. A linha que enfatiza o aspecto *atitude*, considerando o lazer como um *estilo de vida*, é, portanto, independente de um tempo determinado, podendo qualquer atividade ser considerada lazer, até mesmo o trabalho, desde que atenda a determinadas características, como a escolha individual e um nível de satisfação e prazer elevados.

---

<sup>4</sup> Tanto é fácil de vivenciar que, quando se pergunta aos idosos sobre o conceito de lazer, eles sempre o relacionam à vivência de algum conteúdo cultural.



O aspecto atitude esteve presente na fala de duas entrevistadas. Ao serem questionadas, assim se expressaram: “Estar feliz com a atividade de que você está exercendo. Qualquer que seja ela” (Amarílis – UNATI-2). “Eu considero que quando você faz uma coisa em que está contente, feliz, com o que está fazendo, não é?” (Margarida – UNATI-2). Nesse caso, o lazer está relacionado a uma atitude psicológica de quem o vivencia, até o trabalho poderia ser lazer.

O aspecto tempo também esteve presente na fala dos entrevistados. Como já conceituado, a linha que privilegia o aspecto *tempo* situa-o como *liberado* do trabalho ou como “tempo livre” não só do trabalho, mas de outras obrigações – familiares, sociais, religiosas. Nesse caso, o aspecto subjetivo não predomina, pois o lazer não é mais compreendido pela forma como o sujeito o representa e sim pelo aspecto objetivo do “tempo livre”:

Ah, lazer para mim é uma coisa que você... que você faz, assim, é... vamos dizer, é uma coisa que você faz extra-casa, uma coisa que você faz que não é o trabalho de casa... (Bromélia – UNATI-1).

Para mim, particularmente, o que não faz parte da minha área de trabalho. (Flor-de-lis – UNATI-2).

No significado de lazer emitido pela maioria dos idosos, tempo e atitude foram abordados de forma isolada. Apenas uma das entrevistadas o fez considerando os dois aspectos. “Coisa agradável, que não seja obrigação” (Orquídea – UNATI-2). Nessa fala, encontramos o aspecto subjetivo – “coisa agradável” – e o objetivo – “que não seja obrigação”. Apesar da concordância entre os estudiosos do lazer, no sentido de considerá-lo tendo em vista os dois aspectos, pode-se perceber que o significado encontrado entre a maioria dos idosos não coincide com tal conceito.

Foi verificada uma tendência maior entre os entrevistados em associar o significado do lazer a experiências individuais, o que leva a uma redução do seu conceito ao conteúdo de algumas atividades:

Quando eu vou ao cinema, para mim, é lazer, quando eu jogo baralho é lazer... (Gardênia – UNATI-1).

Por exemplo, dançar, ouvir música e passear para mim é o principal. (Dália – UNATI-1).

É um passeio, uma caminhada, uma ginástica, é um lazer que eu vou te falar, é demais. (Begônia – UNATI-2).

Olha, a atividade física para mim é... passear é lazer, caminhada quando a gente faz, para mim, é um lazer também. (Petúnia – UNATI-2).

Olha, eu acho que até você ir num shopping é um lazer, né? É um lazer ir no cinema, vou muito ao cinema... (Calêndula – UNATI-1).

Pode-se perceber que, na maioria das respostas, os idosos associam o lazer a seus conteúdos culturais, sendo que os mais citados foram os físico-esportivos (dança, caminhada, ginástica) e os turísticos (passeios). A associação entre lazer e turismo teve maior ênfase quando questionados se participavam de experiências de lazer na UNATI.

Todos que tem, quando a professora sugere uma festa, um passeio em São Paulo, uma excursão. (Gardênia – UNATI-1).

Ah, as viagens, né? As viagens que a gente faz. (Bromélia – UNATI-1).

Viagens, só viagens, porque aqui não tem atividades de lazer. (Dracena – UNATI-1).

Então, participo de todas, ah, quando vão viajar, quando vão fazer um passeio, agora mesmo, na semana passada, nós tivemos na exposição de barco, certo? A turma toda também foi, né? (Violeta – UNATI-2).

De lazer? Tipo assim, das viagens, é lazer... (Calêndula – UNATI-1).

É assim, olha, um pouco eu viajo com minha filha, um pouco eu vou com a faculdade e um pouco eu vou com a Seicho-no-ie também, que me leva para passear, né? Então não perco, quando às vezes minha filha fala “ai, vamos aqui”, eu falo não. Tenho que ir com a faculdade, não tive tempo de ir com ela, né? Que nem agora, ela está viajando, ela está em Águas de Lindóia e eu não fui para não perder a faculdade... (Camélia – UNATI-1).

A associação entre lazer e turismo também aparece na fala do coordenador da UNATI-2. Quando lhe perguntei se eles tinham lazer no programa, ele o associou apenas a um dos seus conteúdos culturais – o turístico:

tem os passeios culturais, o próprio nome já diz, é um passeio cultural, porque nós fomos a lugares que a maioria não conhecia, por exemplo, Piracicaba. Nós fomos conhecer a ESALQ, a história toda daquela faculdade é maravilhosa, tem mais de cem anos, né? Nós fomos conhecer o museu da água, o engenho, tudo isso em Piracicaba. Aqui em Campinas também, nós fomos conhecer os pontos turísticos, né? No segundo semestre, nós vamos pra Holambra, que é um passeio cultural fantástico, nós vamos no salão do humor em Piracicaba, então é... (C2).

Verifica-se que a limitação do entendimento do lazer não está relacionada apenas ao seu conteúdo, mas também, aos seus valores. Buscando na literatura, verifica-se que a compreensão de lazer dos entrevistados se reduz às funções de descanso e divertimento apontadas por Dumazedier (1979). A possibilidade de desenvolvimento pessoal e social não é apontada na fala de nenhum entrevistado.

A visão funcionalista de lazer aparece sendo entendida por eles como fuga da realidade, possibilidade de esquecer os problemas, evasão, distração:

Lazer? É tudo que você possa, vamos dizer assim, se divertir, né? Você vai ter uma... esquece os problemas normais que se possa ter, né? Financeiros, familiares, assim, esquece disso aí, eu acho que lazer pra mim é isso aí... (Cravo – UNATI-1).

Lazer é assim, para mim é uma distração mental, uma higiene mental, é onde você, ah, movimentava todo seu corpo.... (Magnólia – UNATI-1).

De acordo com Werneck (2000), existem muitas visões restritas que ainda dominam o senso comum, impedindo reflexões mais consistentes sobre seu significado:

requeentemente entende-se o lazer como o não trabalho, tempo livre ou desocupado dedicado à diversão, à recuperação das energias, à fuga das tensões e ao esquecimento dos problemas que permeiam a vida cotidiana. Para algumas pessoas representa inclusive uma perda de tempo e, enquanto tal, o lazer é visto como algo não sério configurado como alvo de valores preconceituosos. (p. 13).

Não foram encontrados significados do lazer ligados a uma visão crítica, em que é visto como direito social, elemento de transformação social ou possibilidade de desenvolvimento pessoal e social.

Essas visões parciais e desconectadas imperam no senso comum, impelindo o estabelecimento de reflexões mais consistentes sobre os significados históricos, sociais e culturais do lazer. São valores e significados enraizados culturalmente, introjetados pelas pessoas, pois o sujeito não produz seu próprio significado sobre lazer, mas o constrói a partir das relações que estabelece com a sociedade. E o lazer é um objeto em contínuo processo de construção e reconstrução de sentido em nossa realidade sociocultural e histórica.

#### **4.3. ENTRE O CONHECER E O LAZER – UNATI – ESPAÇO DE APROPRIAÇÃO OU NEGAÇÃO DO LAZER?**

Ao tentar entender qual é a compreensão que os entrevistados têm da UNATI e o que eles realmente buscam, pode-se notar que parte das pessoas nega aquele local enquanto espaço de lazer. É o caso da entrevistada Flor-de-lis (UNATI-2). Quando a indaguei se considerava a

UNATI um espaço de lazer, ela foi incisiva na resposta: “Não, de lazer, não!”. Questionei-a e ela apresentou a seguinte resposta: “Porque é uma instituição de ensino e, como tal, ela tem que ser respeitada” (Flor-de-lis). Pode-se inferir que o entendimento do lazer é o de que ele não é sério, e que, portanto, não oferece respeito e credibilidade à instituição que quer se utilizar dele.

Uma outra entrevistada, Flor-de-abril (UNATI-1), apresentou a seguinte resposta: “Também eu vejo mais o lado cultural em primeiro lugar, mas também fornece uma grande probabilidade de lazer pelas oficinas que eles oferecem”. Essa fala evidencia que a entrevistada dissocia lazer de cultura, entendendo que esta é mais importante que aquele. Ela não tem ciência de que o lazer é uma das mais importantes formas de manifestação cultural e é um espaço para participação, em que as pessoas podem usufruir e criar cultura.

A entrevistada Bromélia (UNATI-1) diz que a instituição é um local para a busca de conhecimentos, como se o lazer não trouxesse nenhuma oportunidade de conhecimento:

Conhecimento, porque você vem aqui pra ampliar o seu, é uma... ampliar os seus conhecimentos, né? A gente nunca está pra trás assim, porque a gente está ouvindo política e um mundo de coisa, né? Ah, vocês mesmos transmitem pra gente muita coisa, os alunos que vêm aqui. Essa oficina de relações interpessoais, é um aluno que está com a gente, né? Trabalhando, então transmite muita coisa, é lazer.

Segundo ela: “É um espaço de conhecimento, mas também tem muita coisinha de lazer, tem também, né?” (Bromélia – UNATI-1). Acompanhando a mesma linha de raciocínio, podemos acrescentar a fala da Begônia (UNATI-2): “Aqui é uma escola, então você vem para aprender, entendeu?”. Respectivamente, Dracena (UNATI-1) e Helicônia (UNATI-2) também caracterizam a UNATI como espaço de estudo e aprendizado:

Eu não considero lazer porque lazer é uma coisa, e estudo, compromisso com horário, é outra coisa boa.

Não, aqui não é um espaço de lazer, é o espaço que a gente vem, assim, aprender, trocar alguma coisa.

A noção que as pessoas têm de lazer é que são atividades meramente consumidas, sem qualquer comprometimento com o processo educativo. Nas falas, existe certa distância entre o conhecer e o lazer, como se fossem excludentes. Este último, na concepção dos idosos, parece ser vazio de qualquer conteúdo educativo ou conhecimento significativo para o desenvolvimento das pessoas. Os entrevistados parecem ter receio em admitir que vão até a UNATI em busca de lazer.

Digo isso porque evidencio algumas contradições nas falas das entrevistadas já citadas. Como visto, todas desconsideraram a UNATI espaço de lazer, mas, quando as questioneei se realizavam alguma atividade de lazer, com exceção da Flor-de-abril (UNATI-1), todas entraram em contradição, relatando as atividades de lazer que vivenciavam naquele espaço.

Bromélia (UNATI-1), apesar de não considerar a UNATI um espaço de lazer, ao ser questionada se lá praticava alguma atividade nesse âmbito, cita a oficina de relações interpessoais: “Essa oficina de relações interpessoais é um aluno que está com a gente, né? Trabalhando com a gente, então transmite muita coisa, é lazer”. Quando questionamos Helicônia (UNATI-2), esta também entrou em contradição, afirmando: “Todas as atividades que eles proporcionam, eu participo, então tem a comemoração do aniversário dos alunos e agora tem a festa junina, tudo que é proposto eu procuro participar”.

Quando indagamos a Begônia o que era lazer, percebi contradição em sua constatação, ela citou a ginástica realizada na UNATI-2 como lazer: “A ginástica é um lazer que eu vou te falar, é demais”. Flor-de-lis também acabou contradizendo-se. Quando lhe perguntamos se participava de alguma atividade de lazer antes de entrar na UNATI, assim respondeu: “Eu não gosto de ter meu tempo só no lazer, eu gosto de ter algum retorno, por isso eu acho interessante aqui, tem lazer, tem convívio social, mas a gente tem o retorno, sempre há uma troca de aprendizado”.

Alves Junior (1994) encontrou dados semelhantes em sua pesquisa realizada na França, numa universidade de “tempo livre”. Ele relata que os idosos responsáveis pelas atividades desenvolvidas nas associações procuraram sempre distinguir as atividades por eles praticadas como sendo de ensino e pesquisa e não de lazer e ocupação do “tempo livre”, como as que seriam realizadas em clubes, o que se poderia também identificar, respectivamente, como um “bom” e um “mau” lazer, o primeiro merecendo um reconhecimento social semelhante ao que se dá ao trabalho, e o segundo desqualificando como um simples preenchimento do tempo.

Para Marcellino (2001), apesar de as pessoas não assumirem a importância do lazer em suas vidas, ele tem um papel significativo:

O lazer é valorizado pela população, ainda que isso não seja verbalizado por ela, por uma série de motivos. Tem importância na vida e na qualidade de vida das pessoas. Se perguntar diretamente às pessoas qual a importância do lazer nas suas vidas, obter-se-á um sétimo a décimo lugar numa escala de prioridade. Isso se deve a pouca “ressonância social do lazer”, ainda não visto como um direito social, e também à hierarquia de necessidades. Mas, se for conviver diretamente com as pessoas, ver-se-á a importância do lazer na busca do significado para suas vidas. Os exemplos estão por aí. É só olhar. Mas as pessoas têm vergonha de reivindicar lazer, porque ele ainda é considerado “coisa

de vagabundo”, e só conseguem verbalizar sua necessidade como justificativa para temas “sérios”, o mais popular agora é a violência, o “tirar as crianças da rua. (MARCELLINO, 2001 p. 10).

Orquídea aponta a UNATI como espaço diferenciado de outras instituições, como Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), prefeitura e Unimed. É enfática ao dizer que a UNATI-1, além do lazer, traz informação:

Gente, nós temos um SESC e um SENAC, que foi de onde originou toda a educação para idosos maravilhosos, mas eles não precisam de recursos, eles têm, eles vão buscar e, mesmo assim, vão muito. Hoje, não, hoje já está bem mudado, hoje eles têm teatro, mas têm também a parte de literatura, teatro, eles têm palestras, é uma universidade da terceira idade, que eles tem lá, mas já é mais direcionada para os aposentados do ramo, certo? A Unimed tem um grupo maravilhoso de saúde mãe, é mais direcionado para os exercícios físicos, nós somos tudo aquilo, os da prefeitura é mais para dar oportunidade que eles não tiveram, então é mais entretenimento, muito piquenique, muita... nós temos tudo isso e temos a informação. (Orquídea – UNATI-1).

A referência ao trabalho direcionado a idosos, desenvolvidos por essas instituições, vem para diferenciar a UNATI-1, cuja especificidade seria seu caráter acadêmico. Aqui entra o *status* de ser universitário e intelectual, como símbolo de conhecimento.

Diferentemente de Orquídea (UNATI-1), Rosa (UNATI-1) põe à prova o caráter acadêmico da instituição de transmissão de informação, conhecimento e cultura, dizendo:

Não, na verdade, quando eu me matriculei, eu pensei que seria um curso com currículo, entende? Com professores especializados em diversas áreas do conhecimento, mas depois eu vi que, na verdade, não era isso; a maioria deles são professores aposentados, que têm ainda costumes antigos de tratar os alunos como se fossem crianças e não sabem lidar com pessoas de idade, adultos, pensam que são caducos. [...] então, muitos mesmos se surpreendem quando chegam lá e vêem assim, que nem eu, toda hora eu pergunto, eu respondo, eu faço comentários, eu faço mesmo, é importante.

E prossegue, argumentando: “Eu também não quero criticar, eu acho que a coordenadora criou um trabalho muito bom, mas em questão, por exemplo, de acrescentar cultura, eu acho que eu tenho um pouquinho mais de cultura” (Rosa).

Outros não negam aquele espaço como de lazer, pelo contrário, enfatizam. Ao serem indagados, dizem:

É um espaço de lazer; para mim, é um espaço de lazer; apesar de eu pagar uma mensalidade, ainda é um espaço de lazer. Representa o lazer, é um lazer para mim, é um lugar que me dá prazer e que eu me sinto bem, quando a gente se sente bem, está ótimo não é? (Rosa – UNATI-1).

Ah, acho que é um lazer, pra mim é um lazer. Porque eu me distraio, eu fico alegre, agora, se estou lá sozinha em casa, não estou vendo tanta coisa e a movimentação pára... e aqui, eu acho que é a família que a gente tem; aqui a gente faz muita amizade, nossa, se falta um dia, outro já fala já: por que você não veio, né? Ficou preocupada com a gente, tudo é uma... eu acho que é um lazer tudo isso aqui, pra mim, é. (Camélia – UNATI-1).

Considero, também é um espaço de lazer. Porque aqui, olha, porque além de pegar as aulas que são maravilhosas, você tem aquela união entre as amigas, como eu, né? De repente, há um ano, o ano que entra, eu encontro uma amiga que estudou comigo há muitos anos e vem, me abraça; você fica: mas será que é ela ou não? Não sei, é aquela colega que você tanto gostava, de repente você encontra com ela aqui e outras coisas. (Magnólia – UNATI-1).

Eu considero um espaço de lazer, que aqui eu venho, converso com os colegas todos, bato-papo, muda um pouco a rotina, isto é lazer também. (Narciso – UNATI-2).

Orquídea (UNATI-1) parece não dissociar conhecimento de lazer. Quando a questioneei se participava ou não de alguma atividade de lazer dentro do programa, ela não hesitou: “é, agora mesmo, essa aula foi um lazer, e tem, nós temos pianistas aqui, temos o coral”. Novamente não fez distinções entre lazer e conhecimento, citando a participação em um congresso internacional:

Ah, Bertioga, a nossa ida a Bertioga. Chegou lá e nós discutimos internacionalmente a posição do idoso, coisa encantadora. Coisas lindas que a gente fez lá, inclusive um concurso de fotografias, que as pessoas levaram, e eu levei fotografias premiadas dos meus netos e, chegou lá, eles colocaram estandes lá, uma oportunidade, então não eram fotos que eu fiz, mas fotos que me representavam grandes coisas, inclusive uma, do leite longa vida, que o meu netinho pequenininho assim, com uma camiseta e tomando leite assim com a caixinha na mão, essa foto foi premiada; outra lá da Bahia, sobre Porto Seguro. Lá na Bahia, havia um negrinho extraordinário de lindo, os olhos azuis, um olho azul e o outro castanho, e uma mecha de cabelo branco; eu tenho essa foto não sei onde, esta por aí nas minhas coisas. Foi emocionante você levar essa foto para Bertioga.

A negação do lazer abordada não se manifesta apenas na fala dos entrevistados como verificamos no item 4.3 deste trabalho, está presente também nas propostas de ambas as instituições. Entre os entrevistados da UNATI-2 encontramos referência ao lazer ligado a simples “atividade”. O que nos lembra o lazer no senso comum, tratado como “atividade” marginal, menos séria. Já na UNATI-1 o lazer aparece dentro de uma perspectiva funcionalista de ocupação do tempo livre dos idosos. Em nenhum momento o lazer aparece como possibilidade de desenvolvimento pessoal e social dos idosos.

Ao realizar análise da proposta de ambas as instituições, percebemos que existe certa “negação” do lazer. Em um primeiro contato com a coordenadora do programa da UNATI-1, ela informou que, naquela instituição, não existiam atividades de lazer, que a proposta deles era de

educação. Contudo, na entrevista, apresentou um outro discurso, relatando, inclusive, que os alunos consideravam a instituição um espaço de lazer.

O lazer envolve também esta parte cultural e se for considerar a própria parte dos exercícios físicos porque o lazer, ele pega a parte educacional a de cultura não se reduz ao simples passeio, ou em um passa tempo. Enfim é interessante que em alguns alunos, depoimentos, você percebe que ele considera a universidade da terceira idade um lazer para ele, freqüentar o curso é um lazer. Eu tenho vários depoimentos nesse sentido, então o aluno tem uma dimensão clara do conceito de lazer, ele não reduz ao simples passeio ou baile, pelo contrario, nosso pessoal aqui, se você tiver alguma atividade, algum passeio tudo bem, mas, eles entendem bem que a terceira idade não é só pra bailar. Eles ampliam este conceito de lazer, incorporando a cultura também. (C1).

Visualizamos, durante as observações, que apesar de não verbalizarem na entrevista a existência do lazer na UNATI, os idosos vivenciam o lazer nesse espaço com muita alegria, descontração e prazer. O lazer está presente em todas as oficinas, cursos, palestras desenvolvidas por ambas as instituições. Podemos inclusive afirmar que o motivo que leva os idosos a freqüentar a UNATI é o lazer, que se revela nos seus diversos conteúdos culturais, assunto que será discutido no item a seguir.

#### **4.4. OS CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER**

Para analisar as atividades desenvolvidas pelos idosos na UNATI, utilizei as categorias de Dumazedier (1973). Tenho ciência de que a classificação proposta por ele possui limites, que já foram apontados por Faleiros (1980), mas que, para o propósito, é a mais adequada.

Com relação aos conteúdos culturais do lazer, Dumazedier distingue cinco áreas de interesse: (1) manuais – está relacionada com a capacidade de manipulação, seja para transformar objetos ou materiais, seja para lidar com a natureza; (2) intelectuais – ligada à busca de novas informações reais, objetivas e racionais; (3) sociais – marcada pela busca de relacionamentos e contato com outras pessoas; (4) físico-esportivos – ocorre prevalência de movimento ou exercício físico; e (5) artísticos – caracterizada pelas diferentes manifestações artísticas, baseadas no imaginário, nas emoções e nos sentimentos. Camargo (1999) acrescenta a esses mais um, o turístico, caracterizado pela quebra da rotina, pela busca de novas paisagens e de novos conhecimentos. Schwartz (2003), por sua vez, acrescenta os conteúdos virtuais, caracterizados



pela possibilidade de uso da imaginação, da criatividade e expressão de sensibilidade. De acordo com a autora, os elementos da virtualidade relacionadas ao lazer merecem ser somados aos clássicos conteúdos culturais propostos por Dumazedier, tendo em vista a dimensão que estes tomam nos dias atuais.

De acordo com Marcellino (1983, p. 39), a classificação descrita anteriormente dos cinco conteúdos culturais do lazer é a mais adequada<sup>5</sup>, “[...] pois situa, no campo específico do lazer, as atividades que buscam o atendimento das necessidades do corpo – conferindo destaque especial às habilidades manuais, da mente, da sensibilidade e da sociabilidade”. O autor descreve sobre a necessidade de trabalhar os conteúdos de forma integrada, pois se encontram interligados.

Essas classificações somente têm sentido se forem compreendidas de forma articulada, ou seja, existe predominância e não exclusão nos interesses, até mesmo porque uma atividade de lazer quase sempre tem nela o envolvimento de mais de um conteúdo. As atividades humanas não podem ser subdivididas de forma estanque, porque o próprio ser humano não é fragmentado. Portanto, essa classificação não pode ser compreendida de forma rígida, mas com flexibilidade.

Marcellino (1983, p. 47-48) relata ainda que o equilíbrio é a palavra-chave quando se fala das atividades de lazer em termos de qualidade:

Equilíbrio no conteúdo, objetivando o atendimento dos vários interesses verificados no lazer; equilíbrio de funções, procurando balancear o repouso, o entretenimento e o desenvolvimento das pessoas envolvidas; equilíbrio na forma – prática ou consumo –, tendo em vista a superação dos níveis, do conformista ao criativo.

Por intermédio das observações, das entrevistas e da análise dos documentos pode-se verificar que todos os conteúdos culturais de lazer estão presentes em ambas as instituições, alguns com maior predominância que outros, como se verá a seguir.

A análise não ignora que, em uma atividade, são encontrados mais de um conteúdo cultural, contudo, quando se classificou as atividades desenvolvidas na UNATI dentro de determinado conteúdo, considerou-se a predominância desse em relação aos demais conteúdos.

Nos interesses intelectuais, é predominante a busca pelo conhecimento por informações objetivas<sup>6</sup>. Os conteúdos intelectuais podem manifestar-se em palestras, leituras, seminários,

---

<sup>5</sup> Os cinco conteúdos citados por Dumazedier, apesar de a obra citada de Marcellino ser anterior à proposição de Camargo e de Schwartz.

<sup>6</sup> De acordo com Melo e Alves Junior (2003), o envolvimento com os interesses intelectuais não exclui a existência do uso do intelecto em outros interesses. Em todos os momentos da vida, a capacidade intelectual está em alerta,

cursos, jogos. Na UNATI-1, esse interesse manifestou-se na leitura, nas palestras e nos seminários. Na UNATI-2, encontramos o predomínio das mesmas atividades, sendo que o curso de informática foi muito enfatizado: “A informática. Ah, porque eu gosto de mexer no computador, eu faço pagamentos, eu entro no banco, né? Então...” (Violeta – UNATI-2). As observações realizadas também mostraram que a oficina de informática era muito freqüentada pelos idosos, na busca de atualizarem-se. Em todas as vezes que compareci a essa oficina os alunos estavam navegando por diversos sites da internet em busca de informações.

O oferecimento de atividades de cunho intelectual para idosos vem crescendo no país e no mundo. Cada vez é mais comum a criação de programas educacionais, cursos e palestras direcionados para essa população. E a procura por atividades intelectuais parece ser uma constante, já que a aposentadoria traz a possibilidade de busca de conhecimentos que não foram apreendidos pelas limitações de tempo impostas pelo trabalho.

É interessante enfatizar que a leitura aparece entre as preferências dos entrevistados e ocupa tempo significativo de suas horas de lazer fora do espaço da UNATI. Em uma das entrevistas na casa da Rosa, ao seu término, ficamos cerca de uma hora conversando, e ela esmerou-se em pegar uma literatura inglesa que estava lendo e dizer que não tinha dificuldades em compreender outra língua; ainda enfatizou que não agüenta os programas da TV e que eles não contribuem em nada para o seu crescimento. Gardênia (UNATI-1) e Amarílis (UNATI-2) também falam, respectivamente, de seu interesse pela leitura: “Eu leio muito os jornais que eu recebo diariamente, *O Estado de S. Paulo* e o *Correio Popular*; leio a revista *Veja*, que tem muitos artigos e seleciono”. “Eu gosto de ler...”

Segundo Bosi (2001), a opção pelo livro exige do consumidor uma atenção maior do que na recepção em fluxo dos programas de TV e rádio. Segundo essa autora, há um mínimo de volição do indivíduo no ato de aproximar-se de uma banca, examinar o material exposto e comprar um determinado impresso. Todavia não podemos deixar de lembrar que a leitura promove certo status que a TV não permite, pelo contrário, atualmente é tida como alienada a pessoa que se submete demasiadamente aos apelos televisivos. Podemos perceber, na fala dos idosos, a necessidade de mostrar que são pessoas bem informadas e atualizadas, portanto, com um status social. Apesar de enfatizarem o interesse pela leitura, em minhas observações não

presenciei nenhuma visita à biblioteca por parte dos idosos, mas, nas diversas atividades cotidianas de ambas as instituições, a leitura faz-se presente nas palestras e nos seminários; na UNATI-2, na aula de interpretação de texto, o exercício da leitura e a interpretação do texto ocorre durante toda a aula. Durante a leitura, diversas interpretações são expostas pelos alunos e a professora procura levar cada idoso a expor sua opinião sobre o texto.

Os interesses artísticos estão relacionados com as imagens, as emoções e os sentimentos. Podem manifestar-se por meio do interesse por música, televisão, cinema, teatro, museu, visitas a bibliotecas<sup>7</sup>.

Os conteúdos artísticos aparecem nas falas de duas entrevistadas, sendo uma de cada instituição: “Eu gosto de cinema, teatro, shows, quando possível, e as viagens oferecidas pela UNATI, eu participo de todas” (Flor-de-abril – UNATI-1). Vemos também na fala da Amarílis (UNATI-2) a preferência pelos conteúdos artísticos do lazer: “Cinema, teatro, eu gosto de ler, sempre estou fazendo alguma coisa”.

Os interesses manuais<sup>8</sup> estão relacionados com a capacidade de manipulação, quer para transformar objetos ou materiais – por exemplo, o artesanato, a bricolagem – quer para lidar com a natureza – por exemplo, a jardinagem e o cuidado com animais (MARCELLINO, 1983, p. 43). Esses interesses são muito comum entre as pessoas idosas, pela sua própria natureza, que mantém uma certa relação com o trabalho. Podem manifestar-se ainda no tricô, na carpintaria, na marcenaria, na costura, na culinária. O uso das mãos é essencial, seja para transformar ou para restaurar. Ao tentar distinguir os interesses nas atividades presentes nas UNATIs, tive dificuldade em discernir se as atividades de artes e pintura se localizariam entre os conteúdos manuais ou artísticos. Nesse momento, pude perceber quão tênue é a linha que os “separa”.

---

<sup>7</sup> Segundo Melo e Alves Junior (2003), a arte não está presente apenas em espaços convencionais, como museus, bibliotecas, cinemas, teatros e centros culturais. Ela também está presente na cultura popular, nas quadras de escola de samba, nas tradições folclóricas – manifestações em que o país se destaca. Pode-se dizer que está dentro de cada um de nós, podendo ser estimulada pela educação da sensibilidade. Ainda para esses autores, a experiência estética não é exclusiva da manifestação artística; está presente em muitas esferas: no esporte e até nos produtos industriais que se consome diariamente. Assim, pode-se dizer também que a experiência estética é, por excelência, o que impulsiona a busca da arte, do prazer que as diversas linguagens artísticas proporcionam. Claro que não se está falando da arte pela arte, nem do prazer pelo prazer, mas argumentando que desenvolver novas sensibilidades – e, nesse processo, ter acesso a novos valores ou ao questionamento dos valores vigentes – é uma dimensão fundamental a ser provocada pelo contato com essas poderosas linguagens.

<sup>8</sup> Segundo Melo e Alves Junior (2003), os interesses manuais seriam aqueles cujo prazer se encontra principalmente na manipulação de objetos e produtos. Esse interesse é frequentemente confundido com os *hobbies* em geral, ainda que entre estes se encontrem atividades não necessariamente manuais. Em virtude de sua natureza, essas atividades muitas vezes são confundidas com trabalho. Ocorre que, como já dito, algumas atividades originalmente de lazer não se concretizam, em decorrência de problemas econômicos ou pela opção por renda suplementar, tornando-se trabalho.

Na UNATI-1, os interesses manuais não se manifestaram no semestre investigado, pois não foi oferecida nenhuma disciplina ou oficina que tratasse desse interesse. Todavia as observações mostraram que, no anterior, a pintura em tela foi realizada, uma vez que alguns nos mostraram seus resultados obtidos nas aulas. Já na UNATI-2, os interesses manuais concorrem com os sociais e físico-esportivos. Sendo citada pela maioria, a oficina de arte aparece como a preferida:

Gosto mais de artes, adoro principalmente a professora, eu acho que tem mais facilidade, mais afinidade. (Amarilis).

Na verdade, o que eu gosto mesmo é o artesanato, porque me encontrei nisso também, eu acho gostoso. (Azaléia).

Artes, né, sempre eu gostei de mexer com isso. (Primavera).

Artesanato, porque eu acho que, quando você faz um trabalho manual, no momento em que você está ali, né? Toda sua ação, seu pensamento está voltado para aquilo, então é uma coisa que prende bastante a atenção. (Helicônia).

Artes plásticas, porque a gente se distrai, o que a gente faz, a gente se vê, entendeu? A arte que sai. (Girassol).

Durante as observações, pude verificar que o grupo da UNATI-2 se mostrava entusiasmado com a oficina de artes. O senhor Girassol (UNATI-2), no final de uma das aulas, veio mostrar-me uma das pinturas que fez e explicou-me com detalhes como realizou o trabalho. No início das aulas de artes, sempre presenciava um certo alvoroço dos alunos, cada um com uma tela, com seu pincel, caminhando rapidamente pelos corredores da instituição em direção à sala de aula. No final da aula cada um se mostrava mais orgulhoso que o outro pela obra de arte produzida por suas mãos.

Os interesses físico-esportivos<sup>9</sup> estão relacionados com todas as atividades nas quais prevalece o movimento ou o exercício físico. Podem manifestar-se na prática de atividades físicas em geral. Caminhada, musculação, ginástica, hidroginástica, dança, ioga, entre outras. Nesses interesses, “buscam-se novas relações com a natureza, com relação às condições de trabalho e

---

<sup>9</sup> De acordo com Melo e Alves Junior (2003, p. 40), as atividades físicas, incluindo os esportes, estão entre as manifestações culturais mais procuradas e mais difundidas pelos meios de comunicação, estando mesmo diretamente ligadas a diversos estilos de vida. Ao redor dessas práticas, não é incomum a existência de uma série de procedimentos, posturas e produtos (roupas, músicas, alimentos) que identificam os praticantes e os diferenciam de outros grupos.

convivência nos grandes aglomerados urbanos, ou a superação dos limites do próprio corpo” (MARCELLINO, 1983, p. 42-43).

Na UNATI-1, esse interesse manifestou-se na oficina Redescobrimdo o Corpo<sup>10</sup>; e, na UNATI-2, nas aulas de educação física e esportes adaptados. Quando perguntei aos alunos sobre as atividades de que mais gostavam, encontrei na UNATI-1 a dança em primeiro lugar, citada por quatro pessoas:

Aqui, nessa dança<sup>11</sup> do professor, para mim é muito difícil eu faltar porque há um trabalho, e uma dança trabalha com o corpo, né? E eu acho que faz bem pra gente, então, tudo que eu acho é que... eu estou aproveitando, né? (Camélia).

A dança, sem dúvida nenhuma. É porque ali você extravasa, né? Você fica... ah, alivia a tensão, às vezes quem tem... né? E a companhia do pessoal e do colega, se divertir então, mas é. (Cravo).

Da dança, dança, da dança eu não abro mão. (Calêndula).

E esta acrescenta, ao falar dos momentos de lazer significativos, vivenciados naquele espaço:

Olha, o que eu acho mais importante para mim aqui, de lazer, é a dança, a dança que é... ela é seu... ela transmite, né? Só acho que não participar da dança perde uma boa coisa, perde uma ginástica, um alongamento, porque tanto ele dá a dança como ele dá o alongamento. (Calêndula).

Dança. É que eu adoro, música e adoro dançar. (Dracena).

Ao contrário das demais oficinas e aulas, a de dança estava sempre lotada. A alegria era diferente e contagiante. Os alunos menos contidos e mais à vontade. É claro que eu tive de participar das aulas, eles não permitiram que eu ficasse de fora. A aula inicia sempre com uma sessão de alongamento. No prosseguimento, o professor, por intermédio da dança, explora os movimentos e a criatividade dos alunos, privilegiando sempre o trabalho em grupo.

Na UNATI-2, a ginástica obteve a mesma preferência do artesanato:

Educação física, né? Porque a gente brinca, a gente dança, a gente se diverte, a gente vê, assim, que tem umas que não conseguem fazer as coisas, a gente puxa, a gente brinca demais, é super divertido, é bom pra saúde. (Margarida).

<sup>10</sup> Nessa oficina, são desenvolvidas atividades de alongamento, expressão corporal e maior ênfase é dada à dança expressiva.

<sup>11</sup> Quando os alunos citam a dança, estão referindo-se à oficina Redescobrimdo o Corpo.

[...] eu dou preferência para atividade física. (Petúnia).

É a ginástica, porque tem uma espécie, não é musculação, tem aquecimento, tem brincadeiras, é muito divertido, passa o tempo rápido. (Narciso).

Ginástica, que eu amo de paixão. Eu gosto mais da ginástica, porque ela agita, faz a gente extravasar um pouquinho mais. (Begônia).

Educação física. Ah, porque dá bastante alongamento, pra mim é bom, eu, que tenho um monte de problemas de coluna, pra mim é muito bom. (Tulipa).

As aulas de educação física eram esperadas pelos alunos com muita ansiedade. Percebia durante as aulas um misto de alegria e prazer, presentes na fala, em gestos e sorrisos dos alunos.

Não percebi, em nenhuma das instituições, a “infantilização” dos alunos por parte dos professores. Nas minhas observações, pude perceber que estes jamais admitiriam ser tratados como crianças.

Os interesses turísticos podem manifestar-se em passeios e viagens. Quando falo de turismo, refiro-me a um dos campos de maior destaque da atualidade, em virtude do progressivo significado econômico associado ao setor.

Esse interesse manifesta-se com menor frequência em ambas as instituições. No semestre investigado, a UNATI-1 não contou com nenhum passeio turístico, e a UNATI-2 com quatro. Apesar desses conteúdos aparecerem com menor frequência nos programas, a fala dos idosos mostra que tiveram experiências organizadas por ambas as instituições, e estas foram muito significativas em suas vidas. Quando perguntei se tiveram algum momento de lazer significativo na UNATI, assim se expressaram:

Olha, o que me marcou foi uma viagem para as cidades históricas, foi muito linda, maravilhosa, eu adoro aquela região lá de Minas, né? Então foi o que me marcou, é linda, maravilhosa, aprendi muita coisa linda, né? (Bromélia – UNATI-1).

Foi uma viagem a Parati, que nós fizemos num passeio de escuna o dia inteiro, almoçamos a bordo da escuna. Marcou bastante, principalmente porque chegou numa altura em que a gente via a praia e a profundidade não dava para a escuna prosseguir. Então eles puseram um bote; a profundidade era 5 metros, né? E eu sempre morri de medo de água, claro que eu não mergulhei, nem nada, mas eu tive a coragem suficiente de ir para esse bote, descer uma escadinha, entrar num bote e ir até a praia, para mim aquilo foi uma vitória, marcou bastante. (Dracena – UNATI-1).

[...] o único foi quando a gente foi para Piracicaba, né? Quando a gente passou o dia inteiro lá. Foi muito bacana, tanto cultural como de lazer, foi ótimo. (Begônia – UNATI-2).

Ah, tivemos um passeio, que nós fomos à exposição chinesa em São Paulo, que foi muito bom, né? É, fomos para Campos de Jordão, ficamos lá um final de semana. Foi excelente, com palestras, foi muito bom. (Violeta – UNATI-2).

Apesar de o conteúdo turístico não se manifestar com ênfase em ambos os documentos, as entrevistas evidenciaram que já tiveram várias experiências de turismo organizadas pelas instituições. Na fala dos sujeitos, pude perceber uma valorização social do conteúdo turístico em detrimento aos outros conteúdos, pois viajar e conhecer outras culturas denota um certo *status* social. O turismo aqui se configura também pela possibilidade de estabelecer novos relacionamentos. Entre as atividades de lazer realizadas fora da UNATI, o turístico foi o segundo mais citado:

[...] eu acho que, às vezes, alguma viagem eu vou, eu viajo bastante aqui para circuito das águas, eu vou para Poços de Caldas, tenho ido bastante, eu vou com minhas filhas, né? (Camélia – UNATI-1).

Passeio pintou, estou na rua. (Dália – UNATI-1).

É, esse ano eu ainda estou devagar, mas, desde que eu entrei, excursão assim, apesar de que ontem eu não fui, parece que eles foram pra Campos de Jordão. (Hortência – UNATI-2).

Passeios. (Petúnia – UNATI-2).

Os interesses sociais manifestam-se quando se procura o relacionamento, o contato com outras pessoas. Esse interesse está presente na promoção da sociabilidade: festas, Igreja, encontros em bares, restaurantes, parques, programas noturnos, bailes, passeios e atividades turísticas em geral ou grupos e associações.

Como é analisado no item 4.5 deste capítulo, é justamente esse interesse que o leva à UNATI, que o faz sair de sua casa, de sua família. As observações indicam que o elemento motivador é justamente o encontro. O interesse social, apesar de não aparecer nos documentos e de forma escassa nas entrevistas, é o que motiva a participação no espaço, é o que induz inclusive a busca pelos demais conteúdos que se encontram no espaço<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Melo e Alves Junior (2003) apontam que o natural de todas as atividades de lazer é o envolvimento de grupos e o desenvolvimento da sociabilidade. Mas eles destacam, como de interesse social, aquelas atividades em que o elemento motivador é exatamente a promoção pronunciada de tais encontros, como festas, encontros em bares ou restaurantes, programas noturnos e, notadamente, os passeios e as atividades turísticas em geral. Os autores ainda acrescentam que a promoção de encontros e a organização de grupos não são objetivos menores, principalmente se se considerar o processo de excessiva fragmentação e individualização presente na sociedade contemporânea, em especial em algumas faixas etárias (caso dos idosos, que vão perdendo as referências e se sentindo solitários com o

Não podemos dizer que, nas instituições, esse interesse se manifestou em um momento específico, uma vez que é justamente ele o propulsor do envolvimento do aluno na instituição. Contudo, se formos levar em consideração os interesses sociais destacados pelos diversos autores, podemos dizer que este aparece freqüentemente em atividades extracurriculares, como chás, cafés e passeios turísticos organizados pelas instituições.

A pesquisa mostrou que em ambas as instituições os idosos encontram a possibilidade de vivenciar os seis conteúdos culturais de lazer, entretanto a escolha em vivenciar cada um só é possível se houvesse conhecimento das várias alternativas que o lazer oferece, o que não é comum à maioria da população. As pessoas não tiveram a oportunidade de desenvolver sua ação no tempo “livre”, abrangendo os seis grupos de interesse, ou seja, exercitando o corpo, a imaginação, a habilidade manual e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quisessem. Isso seja por falta de tempo ou de conhecimento, geralmente restringem suas atividades de lazer a um campo específico de interesse (MARCELLINO, 1983, p. 44).

Marcellino (1983, p. 43-44) considera importante ainda que essas atividades procurem atender a todas as pessoas. Dessa forma, é fundamental que lhes proporcionem variados conteúdos culturais, estimulando a participação e o mínimo de conhecimento necessário para a sua realização, possibilitando a satisfação dos vários interesses humanos. Em outra direção, afirma que “[...] o ideal seria que cada pessoa desenvolvesse sua ação no tempo disponível, abrangendo os cinco grupos de interesses”.

#### **4.5. O PEDAÇO: SOCIABILIDADE E LAZER**

As pessoas não vão até a UNATI apenas para preencher seu tempo “livre”. A busca por esse espaço vai além disso, ou de “ocupar a cabeça” ou ainda de arrumar uma obrigação. As observações indicam que esse ponto de referência representa uma oportunidade de contato, de interação social, de estabelecer proximidade e laços, de encontro. E aqui a noção de pedaço,



abordada por Magnani (1998)<sup>13</sup>, se faz presente, principalmente no que diz respeito à rede de relações sociais travadas.

De acordo com Magnani (2006), em um primeiro momento a categoria “pedaço” apresentava-se em um bairro da periferia de São Paulo e designava dois elementos básicos, sendo um de ordem espacial, físico, sobre o qual se estendia uma determinada rede de relações, um território claramente demarcado: o telefone público, a padaria, este ou aquele bar, o terminal da linha de ônibus, talvez um templo ou terreiro, e outros mais que delineavam seu entorno. As características desses equipamentos definidores de fronteiras mostravam que o território constituía um lugar de passagem e encontro. Entretanto, não bastava passar por lá ou mesmo freqüentá-lo com alguma regularidade para “ser do pedaço”, mas era necessário estar situado numa peculiar rede de relações que combina laço de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. Assim, era o segundo elemento – a rede de relações – que instaurava um código capaz de separar, ordenar, classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era “do pedaço”, e em que grau: “colega”, “chegado”, “xará” etc.

Magnani (2002), em outra pesquisa, intitulada “Os pedaços da cidade”, experimentou a categoria pedaço em novo contexto, mostrando que este continua para além do espaço marcado pela moradia, pela vizinhança. Segundo ele, essa categoria revelou-se útil para descrever uma forma de sociabilidade em outro contexto, que não o da sua origem. Não foi difícil reconhecer a existência de “pedaços” em regiões centrais da cidade, quando se tratava de áreas marcadamente residenciais: a lógica era a mesma. Em outros pontos, porém, usados principalmente como lugares de encontro e lazer, havia uma diferença com relação à idéia original de pedaço: aqui os freqüentadores não necessariamente se conheciam – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro –, mas sim se reconheciam como portadores dos mesmos símbolos, que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes.

Nesse novo contexto, foi possível perceber uma nova forma de relação entre os componentes básicos da categoria, o simbólico e o espacial, com sensíveis diferenças nos estilos

---

<sup>13</sup> O livro *Festa no pedaço*, escrito por Magnani (1998), torna-se clássico no estudo do tema. Mais do que a festa, a obra abrange formas de entretenimento com que a população da periferia de São Paulo preenche o tempo e o espaço de lazer. O autor coloca em destaque, por meio da pesquisa etnográfica, um assunto relegado pelos estudiosos – o lazer.

de apropriação e uso do espaço. Numa primeira modalidade, o componente determinante que dá o tom é o simbólico. Magnani, ao desenvolver a noção de pedaço para além daquelas categorias marcadas por relações de vizinhança ou por práticas compartilhadas no horizonte do dia-a-dia, passa a reconhecer a sua existência em outras regiões centrais da cidade, abre-nos a possibilidade de reconhecer a UNATI como o “pedaço” dos idosos.

Em ambas as instituições, o idoso busca uma forma de sociabilidade. As observações revelam que esse espaço funciona como um ponto de referência, o qual os idosos mostram nas vestimentas, na linguagem, nos gestos, na expressão corporal, na postura – o pedaço a que pertencem. A UNATI constitui-se uma espacialidade em que as pessoas se identificam por símbolos, representações e mediações. Venham de onde vier, o que buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços. Quando os idosos se ausentam de suas casas e dirigem-se a esse seu pedaço, não o fazem com o objetivo apenas de ocupar o tempo “livre”, de buscar conhecimento e atualização, mas vão até lá para encontrar seus companheiros, seus iguais, o “colega”, como se refere Gloriosa (UNATI-1): as “velhas sabidas” do pessoal do pedaço. “O mais importante para mim é isso, o encontro com as pessoas...” (Primavera – UNATI-2). Nota-se também essa necessidade de encontrar seus semelhantes na fala do entrevistado Narciso (UNATI-2): “Procuro aqui encontrar a turma da minha idade, que a turma nova não quer muita coisa com a gente não, turma da idade da gente é melhor”. A entrevistada Flor-de-lis (UNATI-2) também vai buscar suas colegas: “[...] eu busquei mais um convívio social com pessoas na minha faixa etária, com as mesmas razões que eu, para frequentar o curso”.

Quando não existe mais o sentimento de pertencimento a um lugar e ao grupo de trabalho, são outros espaços, como o da UNATI, que fazem existir esse sentimento e criam novos laços sociais e valores, estruturando a identidade da velhice (PEIXOTO, 1997, p. 187). Na sociedade em que vivemos, as relações são pautadas no individualismo, na impessoalidade, no formalismo, diminuindo, assim, as possibilidades de contatos sociais, de estabelecimento de novas amizades, que é justamente o que o idoso busca: “Ah, o mais importante pra mim mesmo foram as amizades” (Hortência – UNATI-2). Flor-de-abril (UNATI-1) vai além, dizendo: “aqui a gente forma uma verdadeira família”.

Nas observações, pude perceber que em ambas as instituições os idosos transformavam aquele espaço em um local de encontro. Não vão até lá só para as aulas, tanto que alguns grupos chegam antes do horário para conversar, encontrar-se com as amigas e outros lá permanecem

após o seu término. As falas de alunos de ambas as instituições confirmam as observações: “Chego antes para o encontro das colegas, né?” (Gardênia – UNATI-1). “Eu chego antes para o bate-papo, temos uma contadora de anedotas e de causos...” (Flor-de-abril – UNATI-1). Na UNATI-1, alguns alunos chegam antes e dirigem-se à sala da coordenação. Para alguns, o bate-papo antes da aula com a secretária é fundamental. Observei também, na mesma instituição, vários alunos espalhados pelo corredor e senti falta de um local mais adequado onde pudessem reunir-se. Já na UNATI-2, os bancos espalhados pela escola são propícios aos encontros, troca de idéias e de receitas, bate-papo antes da aula. Imaginem só que até eu entrei na “roda” e aprendi a fazer “bolo verde”. Receita gentilmente passada por uma das alunas.

Segundo Peixoto (1997, p. 86), “no imaginário das pessoas de mais idade que freqüentam programas para terceira idade, a UNATI simboliza um território suspenso entre o público e o privado, entre a rua e a casa ou, simplesmente, o salão de festas de antigamente”. Portanto podemos afirmar que a UNATI simboliza o “pedaço”.

A UNATI parece ser um território da existência de um sentimento de pertencimento e de identidade comum entre os membros da UNATI, permitindo que novas redes de sociabilidade sejam tecidas. Barbichon e Prado dizem que “[...] há identidades com e sem território, mas a identidade visa sempre ocupar e mesmo criar um território” (apud PEIXOTO, 1997, p. 177).

De acordo com Morel (2001), as sociabilidades como tema e instrumental teórico e metodológico fariam entrada definitiva no campo da pesquisa histórica acadêmica com a obra de Agulhon (1968, 1977), inicialmente com sua tese e, na década seguinte, com um balanço crítico das possibilidades e perspectivas de tal abordagem. O que ele propunha, então, não era mais o tratamento quase intuitivo ou impressionista, e sim o conhecimento das sociabilidades pela densidade da existência de associações constituídas e suas mutações num quadro geográfico e cronológico delimitado. Para Agulhon (1977), sociabilidade é a capacidade de viver em grupos e consolidar os grupos mediante associações voluntárias.

Para Simmel (1983), a sociabilidade é uma forma de interação, na qual os participantes se mostram, a um só tempo, interessados e descomprometidos, autonomizando suas atuações, no sentido de evitar qualquer demonstração de um interesse objetivo nos assuntos tratados. Esse autor vê a sociabilidade como uma categoria específica das relações sociais, que difere da associação<sup>14</sup> de indivíduos, uma vez que ela não pressupõe meios e fins. Esses mesmos não estão

---

<sup>14</sup> O autor trata da palavra “associação” como “sociação”.

contidos no próprio processo, ou seja, uma associação é constituída pelos impulsos, motivos, interesses e objetivos dos indivíduos. Esse conjunto assume formas e conteúdos diferenciados. A sociabilidade em Simmel (1983) é compreendida como uma forma, entre possíveis, de associação. Contudo, é uma forma autônoma ou lúdica, cujas manifestações não têm propósitos objetivos. Sem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Sua principal característica é o êxito do momento. Desse modo, as condições e os resultados desse processo são exclusivamente as pessoas que se encontram numa dada reunião social, cujo caráter é determinado por qualidades pessoais, tais como: amabilidade, refinamento e cordialidade.

Gurvitch (1961) diz que “[...] os elementos componentes mais elementares da realidade social são constituídos pelas múltiplas maneiras de estar ligado pelo todo ou no todo, ou por manifestações da sociabilidade”. É importante dizer que não se pode estabelecer uma classificação rígida das manifestações de sociabilidade, na medida em que, em cada agrupamento social, elas surgem, muitas vezes, em combinações diversas, “cujas relações e diferentes intensidades variam, não só em função do tipo da sociedade global e das estruturas globais ou parciais em presença, mas, ainda, segundo conjunturas concretas”.

De acordo com Baechler (1995, p. 57), o conceito de sociabilidade pode ser definido como “[...] a capacidade humana de estabelecer redes através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem os seus interesses, gostos, paixões, opiniões: vizinhos, públicos, salões, círculos, cortes reais, mercados, classes sociais, civilizações”. Já Lousada (1995) vê a sociabilidade como “[...] formas de convívio e de interação exteriores aos quadros elementares e de alguma forma compulsórios da vida social e coletiva”.

A maioria dos autores designa sociabilidade como uma forma de estabelecer relações sociais, de convívio na vida social e coletiva, de interação entre as pessoas, isto é, relações tecidas pelos indivíduos nas diversas situações sociais.

Embora o exercício de sociabilidade experimentada na UNATI não substitua outras práticas, como a vida familiar, as relações de vizinhança e as práticas religiosas, considera-se crescente a valorização dessa experiência na vida dos entrevistados. Ao falarem do significado desse espaço em suas vidas, a UNATI aparece como lugar de encontro, de estar junto, de compartilhar, de “festa no pedaço”. Os idosos valorizam muito a relação face a face, a interação

com o outro, a possibilidade de conversar. O diálogo com o outro foi a forma de “lazer” mais citada.

Não se pode deixar aqui de fazer referência a um acontecimento. Logo no início, em primeiro contato com a UNATI-1, na sala da secretaria, estava aguardando a coordenadora do curso para conseguir autorização, a fim de iniciar a pesquisa. Nesse momento, chegou Gloriosa (UNATI-1) e perguntou-me o que eu estava fazendo ali; provavelmente notou que eu não era do “pedaço”. Após explicar-lhe, disse-me, enquanto os demais alunos do curso estavam chegando, que ninguém ia lá para aprender, iam mesmo era para conversar.

Na ação espontânea de conversar, na arte de agir pela palavra, na interação com os amigos e conhecidos, dá a mais forte demonstração de lazer no espaço da UNATI. Podemos perceber isso nos depoimentos seguintes. Na entrevista, dona Gloriosa (UNATI-1) reforçou o que havia abordado em conversa informal. Quando a indaguei sobre qual motivo a levava a freqüentar a UNATI, assim respondeu: “Para conversar, todo mundo tem prosa, eu escolho o que eu quero fazer, né? Eu vou lá para conversar...”. Quando a indaguei do que mais gostava de fazer na UNATI, deu continuidade à mesma linha de raciocínio: “Passear e conversar, porque lá mesmo é lugar de prosa, né? E tem gente, gente, que nunca vi tanto”. E continuou: “Eu vou mais para ver, para ouvir o pessoal conversar, aquelas velhas, porque lá só tem velho. São umas velhas que sabem tudo, né? Ô, velhas sabidas. Eu me divirto muito vendo uma cochichar com a outra”. Calêndula (UNATI-1) também diz: “Eu venho conversar com minhas amigas, né? Que a gente troca idéias, conta piada, a gente ri muito, né?”.

Quando indaguei Primavera (UNATI-2), ela assim respondeu: “Por isso mesmo, por causa disso, você comunica, você fala, isso para mim é essencial, eu adoro falar”. Rosa (UNATI-1) diz o que representa para ela aquele local: “a comunicação com mais pessoas, eu gosto de gente, eu gosto muito de gente, aliás há três coisas nessa vida que eu gosto muito: gente, planta e animal (risos)”.

A conversação é ação pela fala, a falação desmedida é lazer: “Olha, é mais para mim o convívio, eu adoro falar, que eu gosto muito de falar, então pra mim o lazer é isso” (Primavera – UNATI-2). Narciso (UNATI-1) também acrescenta: “É, eu considero um espaço de lazer, que aqui eu venho, converso com os colegas todos, bato papo, muda um pouco a rotina, isto é lazer também”. A oralidade diverte, distrai, seduz, cativa, encanta, fascina, move, comove, traz a felicidade do encontro. É motivo para as pessoas freqüentarem o espaço. Enfim, isso ocorre para

os encontros em geral, casuais ou programados. Viver passa a ser encontrar-se, pôr a conversa em dia: “Fico esperando o dia de encontrar, de falar com as colegas” (Calêndula – UNATI-1). Nas falas, os idosos deixam evidenciar que as formas tradicionais de sociabilidade foram alteradas. A rua, a família e a praça não são mais um lugar de encontro, ninguém tem tempo para trocar uma palavra, principalmente se for com o idoso. Conversar com outras pessoas parece ser uma forma de sociabilidade indispensável, o diálogo parece dar sentido à sua vida em sociedade.

E o que você busca no programa?

Conversar com as pessoas, e eu sou assim, gosto muito de conversar, sabe? Nossa, até as meninas falam assim. Nossa, ela gosta de ligar. Eu ligo para todo mundo, ligo, fico sabendo das coisas, ligo para todo mundo, falando que vai ter um curso, uma hora vai ter isso, vai ter aquilo, eu sou assim, gosto de falar. (Margarida – UNATI-2).

Por meio da conversa, elas e eles expressam-se, fazem-se entender, estabelecem novos elos e pontos de conexão com outras pessoas.

Os idosos que vão até o espaço da UNATI para verbalizar sentimentos, emoções, idéias, conhecimentos, cultura e lazer, talvez não percebam, como eu percebi em minhas observações, que seus corpos também falam e revelam, muitas vezes, um idoso carente de “gente”, que busca o outro por meio de sorrisos, de gestos, do silêncio, do olhar, do suspiro profundo, de pequenos toques e grandes abraços.

Não podemos negar que a UNATI, enquanto espaço institucional, permite uma sociabilidade denominada, por Willmott e Young (1960), secundária (formal). De acordo com eles, as formas de sociabilidade ocorrem em organismos institucionais públicos ou privados, como os clubes da terceira idade e as residências<sup>15</sup>. Essas formas abrem uma rede de relações limitadas no que diz respeito à faixa etária, gênero, nível cultural e social. Nesse espaço de convivência e interação, existem regras de comportamento pautadas em certa formalidade, regras de estarem juntos, de atitudes, de sentimentos e de gestos. Todavia a sociabilidade tecida a partir da intervenção institucional permite outras redes não institucionais, que podemos classificar, segundo Willmott e Young (1960), como primária (informal), que são práticas espontâneas de sociabilidade. As entrevistas indicam que a rede de sociabilidade dentro da UNATI é estendida para fora do espaço institucional pelo lazer (baralho, cinema, *shopping*, lanchonete...). Os

---

<sup>15</sup> No Brasil, encontra-se uma forte presença dessas formas de sociabilidade nas UNATIs, clubes, associações de aposentados.

encontros intermediados por atividades de lazer fora da UNATI permitem que a rede de sociabilidade se estenda.

Grupos menores formam-se em torno de preferências em relação a alguns conteúdos culturais de lazer. Sendo assim, o lazer é responsável pelas redes de sociabilidade tecidas fora do espaço institucional e reforça a idéia de grupo, aproximando as relações.

O jogo de baralho é motivo para um outro encontro: “Durante a semana, um jogo de baralho, que eu gosto muito, é uma distração muito boa, então uma vez por semana nós temos um grupo de jogo de baralho” (Gardênia – UNATI-1). A rede de sociabilidade constituída dentro da UNATI abre outras possibilidades que vão ocorrer no cinema, no teatro, no *shopping*:

A nossa turma, também, às vezes a gente reúne uma turminha, vamos tomar um café. Vamos para o cinema, vamos para o teatro. (Bromélia – UNATI-1).

A gente faz amizades, combina, sai, vai pro shopping, toma um lanche todo mundo junto, isso pra mim é importante. (Tulipa – UNATI-2).

Você pega mais amizade, tal, de repente eu saí mais, saí com amigas daqui; de repente, elas convidam para alguma coisa, você acaba melhorando o seu tempo, sem ser o daqui também, né? (Petúnia – UNATI-2).

Como amanhã nós vamos ao chá, você se preocupa com a roupa, já fica desde a manhã se arrumando, é gostoso demais, viu? (Magnólia – UNATI-2).

Esses encontros fora do espaço institucional, mediados pelo lazer, podem abrir novas oportunidades de encontro e fazer surgir redes de sociabilidade.

O estudo de Peixoto (2000) comparou grupos de idosos franceses e brasileiros, e mostrou como eles constroem estratégias de sociabilidade ao ar livre e como a noção de pertencimento a um espaço territorial conduz pessoas de culturas tão diferentes a situarem-se, articulando relações com os semelhantes etários, para favorecer laços “a partir da identificação com o grupo da mesma idade, localizado num espaço demarcado por fronteiras bem nítidas [...] eles constroem um sistema de seleção nas relações de amizade e mesmo de amor”.

Vale assim considerar, como Macedo (1986, p. 189), que, mesmo ressaltando que há também uma dimensão conservadora e reprodutora das práticas sociais do lazer, essas práticas lúdicas não significam apenas conformismo e alienação, mas – como outros momentos da vida – incluem-se entre “formas socialmente disponíveis de mapear o mundo e encontrar o lugar nele”. Podemos dizer que a festa no “pedaço” ainda existe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais respostas são encontradas, novos são os questionamentos. Talvez por isso parte do espaço das considerações finais é reservada para “o que ainda está por vir”. Afinal de contas, muitas são as perguntas sem respostas. As considerações apontadas na finalização deste trabalho não devem ser entendidas à guisa de conclusão, contudo ajudam a pensar a relação lazer e construção social da terceira idade no contexto das Universidades da Terceira Idade (UNATIs).

No decorrer da pesquisa, defrontei-me com a escassa literatura acadêmica que discute a relação específica entre lazer e envelhecimento. A construção teórica para a fundamentação do trabalho foi uma etapa de paciência e minúcia, revelando que, no contexto nacional, investigações envolvendo tal assunto são incipientes e reduzidas.

O referencial teórico mostrou que a construção sociocultural da velhice – marcada por diversos aspectos sociais, culturais e econômicos – desenvolveu-se nas últimas décadas, quando os indivíduos com idades avançadas se tornaram cada vez mais visíveis e passaram a ocupar diferentes espaços na organização social. A velhice saiu de uma situação de “invisível” para “identificada”, gerando uma outra imagem sobre si, a qual contribuiu com a criação do termo terceira idade. Verificou-se, também, como o lazer emerge nesse contexto, sendo um dos elementos fundamentais no processo de desconstrução da velhice e construção da noção de terceira idade, trazendo um conjunto de novos comportamentos e estilos de vida, que se identificam muito mais com os jovens do que com os próprios idosos.

Dando prosseguimento ao referencial teórico, o “tempo livre” surge no sentido de compreender como ele se tornou um tempo social significativo, criando modificações nas estruturas sociais, levando ao aparecimento de novas normas e regras e ao estabelecimento de outras relações sociais. Procurei também empreender algumas considerações sobre as diversas denominações que o fenômeno ganha na investigação de vários autores. Considerando que o “tempo livre” não é vazio e sim preenchido por obrigações familiares, políticas e religiosas e pelo lazer, ainda nesse capítulo, em seu item 2.3, debrucei-me sobre os pesquisadores que se dedicam ao tema lazer, buscando trazer as divergências e convergências no que se refere ao conceito.

Passando ao terceiro capítulo, o referencial teórico sistematiza-se para compreender os dados sobre o surgimento e desenvolvimento das UNATIs. Nesse mesmo capítulo, apresentei o



estudo exploratório que permitiu tanto identificar a distribuição territorial dos cursos, como verificar seu perfil, os conteúdos desenvolvidos, o currículo e a forma de acesso. E o panorama identificado trouxe-nos o seguinte perfil das instituições de ensino superior que oferecem atividades para idosos. Este estudo possibilitou-nos delimitar o universo a ser investigado, que culminou com a UNATI-1 e a UNATI-2. Ainda no mesmo capítulo, em outro item, analisei as entrevistas realizadas com coordenadores, fiz a análise documental e das fichas de informações sociodemográficas, que permitiram traçar dados sobre o perfil dos alunos das duas instituições.

O estudo realizado permite afirmar que as experiências desenvolvidas pela UNATI-1 e pela UNATI-2, no que se refere à educação de idosos, têm-se mostrado uma oportunidade dinâmica, flexível e acessível para atender aos desejos e às necessidades dos que os têm buscado. Estes têm contribuído positivamente para o bem-estar, para a auto-imagem e para as relações interpessoais. Parece haver um fortalecimento do grupo, que está relacionado a uma nova consciência social sobre o envelhecimento. Dessa forma, os idosos tornam-se agentes de modificação social, colaborando para uma transformação da imagem do velho na sociedade. A intenção não é negar as contribuições que as UNATIs vêm implementando na educação de idosos, afinal sabe-se que elas vêm trazendo contribuições para que a velhice saia do “invisível”. Contudo, esta pesquisa identificou alguns pontos que merecem reflexões, tais como: o significado do lazer encontrado nesse espaço, a necessidade de um maior conhecimento em relação aos seus conteúdos culturais, a necessidade de refletir sobre o atendimento à classe mais privilegiada de idosos, a necessidade de refletir sobre uma educação intergeracional, a negação da UNATI como espaço de lazer e a urgência de considerá-la um espaço autêntico de lazer.

No que se refere ao significado do lazer, foi identificado que a mesma falta de consenso encontrada no campo teórico está presente nos relatos coletados. O lazer assume uma pluralidade de significados na vida dos sujeitos, sendo que a maioria não possui uma resposta sistematizada acerca do tema. Visualizou-se, também, que o lazer, na maioria das falas, esteve associado aos conteúdos culturais, sendo identificada uma limitação conceitual.

Tais conteúdos necessitam ser reconhecidos profundamente por aqueles envolvidos nas atividades com idosos. Deve-se ter cuidado para que não haja um desequilíbrio entre os diversos conteúdos dentro das instituições, de forma que alguns não sejam valorizados em detrimento a outros. Percebe-se que as instituições valorizam os intelectuais, mas os idosos mostram

preferência pelos manuais e físico-esportivos. Visualiza-se a necessidade de uma harmonia entre os diversos conteúdos culturais de lazer.

Um dos principais problemas encontrados em nossa investigação foi o atendimento privilegiado aos idosos de classe média ou alta. Como indicado no terceiro capítulo deste trabalho, a grande maioria dos alunos é de classe média ou alta. Podemos verificar que as UNATIs atraem, em sua maioria uma parcela da população privilegiada financeiramente, excluindo do seu espaço aqueles que realmente necessitam de seus serviços.

As UNATIs não podem ignorar as desigualdades sociais “em que a velhice não é vivida da mesma forma pelos que dominam e pelos que são dominados” (HADDAD, 1986). Essas instituições devem ser espaços democráticos privilegiados de lição de cidadania para todas as gerações e classes sociais.

Uma outra problemática visualizada, não só no estudo exploratório, mas, principalmente, nas observações, diz respeito à falta de um espaço intergeracional nas duas instituições pesquisadas, reforçando o distanciamento entre as gerações. O estudo exploratório revelou que o modelo de educação de idosos das UNATIs brasileiras fundamenta-se na idade cronológica para delimitar seu público-alvo. Estas estão colocando em uso a idade para determinar em quais atividades cada segmento da população deveria e poderia estar engajado.

Usar a faixa etária como critério de acesso, permanência ou participação em programas educacionais é algo que consolida ainda mais a periodização da vida humana, gerando novas barreiras sociais e reforçando a idéia de que o ser humano tem etapas próprias da vida para determinadas ações, como se estágios de desenvolvimento fossem naturais e esperados. Lembrando Bourdieu (1983), não se pode esquecer que idades constituem categorias simbólicas, as quais podem, enquanto tal, ser manipuladas na luta política entre grupos sociais em diferentes fases da vida.

O estabelecimento de uma idade para permitir o acesso às UNATIs é segregacionista. Pesquisa realizada por Alves Junior (2004a) mostra que na França essa idéia já foi superada, trazendo como exemplo a Universidade do Tempo Livre de Rennes, a qual mostra que a superação do modelo “gueto de idosos” possibilitou uma profícua interação entre todos os

interessados em preencher com mais qualidade seu tempo de lazer. No Brasil iniciativas como essas ainda são escassas<sup>1</sup>.

O lazer existente nas UNATIs pode ser uma alternativa para reduzir a segregação e o preconceito entre as pessoas de diferentes idades. Não só pela inclusão de conteúdos, nas aulas, que tratem desse assunto, mas também, por meio de conteúdos culturais, artísticos, manuais, intelectuais, turísticos, físico-esportivos e sociais que podem levar idosos, crianças, jovens e adultos a interagir em diversas atividades programadas pela instituição. Contudo, para que isso ocorra é necessário que o lazer seja reconhecido e não negado pelas instituições. O conhecimento sobre lazer não foi encontrado em nenhuma das propostas. Quando a palavra lazer é pronunciada nas propostas de ambas as instituições é carregada de um caráter utilitarista, ligado a promoção da saúde, ocupação do “tempo livre” ou melhoria da qualidade de vida. A negação em relação ao lazer presente na fala dos entrevistados revela uma repressão vivenciada durante toda sua vida, em que os valores do trabalho foram e para muitos ainda são predominantes. Não podemos também esquecer que os entrevistados vivenciaram um período em que os estudos do lazer ainda não estavam em desenvolvimento.

As observações revelaram que a UNATI é um espaço social de lazer, em função de as atividades, de uma maneira geral, serem realizadas coletivamente, possibilitando o contato direto entre indivíduos. Representa, assim, uma possibilidade de as pessoas divertirem-se, descansarem e desenvolverem-se pessoal e socialmente, fruindo os seus valores. É o lazer que fez e faz com que essas instituições congreguem, a cada dia, um número maior de um público fiel, como visualizado no terceiro capítulo.

Não há dúvida de que as UNATIs são espaços de lazer, porém a fragilidade encontrada nas propostas, no que diz respeito ao vazio conceitual, aos equívocos, aos conteúdos propostos e aos objetivos formulados em relação ao lazer, mostra a necessidade de um maior conhecimento em relação ao lazer por todos profissionais envolvidos nas UNATIs.

A UNATI, enquanto espaço de encontro, de reflexão e aprendizagem social, deve reconhecer o lazer como uma das possibilidades socioeducativas mais ricas no que se refere à autonomia, aos encontros, ao reconhecimento de si e do outro. Além disso, constitui um campo

---

<sup>1</sup> Tenho conhecimento do Serviço Nacional do Comércio (SESC) Gerações, que visa estabelecer uma sistemática de atividades, potencializando as interações já existentes entre faixas etárias e fomentando a integração das que o frequentam. Tem-se também o projeto INTERGERA da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o qual visa integrar ativamente as várias categorias – alunos, servidores, professores e usuários dos serviços em geral –, levando-as à reflexão sobre as gerações e o envelhecimento.

de construção e de apropriação de saberes sobre as manifestações culturais e fundamentos historicamente produzidos, considerando as diversas áreas e a interface entre cultura erudita, popular e de massa. Nessa perspectiva, destaca-se a valorização do lazer como forma de emancipação dos sujeitos e de difusão de informações necessárias à democratização das múltiplas oportunidades de lazer.

A UNATI pode ser ainda um lugar de organização da cultura, onde se desenvolva uma formação voltada para a promoção do homem, da sua conscientização e emancipação, para o seu acesso aos bens culturais e para produção e (re)elaboração da cultura, ou seja, para o questionamento e a modificação das condições objetivas e subjetivas que estão postas.

Para que se tenha uma sociedade que desfrute dos valores oferecidos pelo lazer é necessário que o idoso faça parte de todas as etapas da educação escolar e não-escolar. Entretanto, levando-se em consideração que a escola se constitui na principal instituição de socialização de conhecimento e que é comum em todas as sociedades, ela tem um papel fundamental na educação para e pelo lazer: o de proporcionar um aprendizado ativo, com experiências diversificadas, as quais propiciem a aquisição de habilidades e conhecimento que viabilizem a formação de diferentes estilos de vida e que estimulem novas atitudes e condutas, maior autonomia e conhecimento em relação ao lazer.

O lazer pode ser considerado uma semente que, se plantada em solo fértil e adequadamente adubada e regada, irá resultar em uma planta, cujos frutos serão a possibilidade de uma geração com valores diferenciados daqueles encontrados na sociedade atual. O resultado do processo educativo, no âmbito do lazer, transcende em muito o próprio lazer. Ele exerce influência em todas as dimensões da vida. Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental de levar o seu conhecimento até as pessoas. De proporcionar vivências de lazer em termos de qualidade e equilíbrio na vivência dos conteúdos culturais de lazer.

Creio que foi possível, nos limites desta pesquisa, levantar aspectos interessantes referentes à apropriação da UNATI como espaço de lazer. Todavia, acredito que outras coletas sobre experiências regionais e nacionais de educação e lazer para idosos facilitarão a identificação de experiências similares, a difusão de novas idéias e a construção de modelos brasileiros de educação para esse setor, trazendo, assim, contribuições à pesquisa educacional e à sistematização de programas de lazer para idosos.

## Das Pedras

*Ajuntei todas as pedras  
que vieram sobre mim.  
Levantei uma escada muito alta  
e no alto subi.  
Teci um tapete floreado  
e no sonho me perdi.  
Uma estrada,  
um leito,  
uma casa,  
um companheiro.  
Tudo de pedra.  
Entre pedras  
cresceu a minha poesia.  
Minha vida...  
Quebrando pedras  
e plantando flores.  
Entre pedras que me esmagavam  
Levantei a pedra rude  
dos meus versos.*

CORA CORALINA

*Pedras no caminho?  
Guardo todas, um dia vou construir um castelo*

AUGUSTO CURY

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Tempo livre. In: \_\_\_\_\_. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.

AGULHON, M. *Pénitents et francês-maçons de l'ancienne Provence*. Paris: Seuil, 1968.

\_\_\_\_\_. Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848. *Cahier des Annales*, Paris: Armand Colin, n. 36, 1977.

ALVES JUNIOR, E. de D. *L' Université du Temps libre du pays de Rennes um révélateur d' um modele social du vieillissement*. DEA, histoire, civilization et societés. Rennes: Université de Rennes, 1994.

\_\_\_\_\_. Procurando superar a modelização de um novo modo de envelhecer. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 57-71, maio/ago. 2004a.

\_\_\_\_\_. *A pastoral do envelhecimento ativo*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004b.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ATTALI, J. *Historias del tiempo*. Trad. José Barrales Valladares. México: FCE, 1985.

ATTIAS DONFUT, C. Seminários de estudo sobre a terceira idade. *Cadernos da terceira idade*, n. 3, São Paulo: SESC, 1979.

BACAL, S. *Lazer: teoria e pesquisa*. São Paulo: Loyola, 1998.

BAECHLER, J. Grupos e sociabilidade. In: BOUDON, R. *Tratado de sociologia*. Lisboa: Edições Asa, 1995. p. 57-95.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, P. *Questions de sociologie*. Paris: Ed. du Minuit, 1980.

BOSI, E. Cultura de massas e cultura popular. Leitura de operárias. In: OLIVEIRA, P. de S. (org.). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: UNESP, 2001.

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1998.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Departamento de Populações e Indicadores Sociais. *Síntese de indicadores sociais 2003*. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, 5 jan. 1996.

CACHIONI, M. Universidade da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999. p. 141-178.

\_\_\_\_\_. *Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade*. Campinas: Alínea, 2003.

CAFIERO, C. *O capital: uma leitura popular*. 5. ed. São Paulo: Polis, 1987.

CAMARGO, L. O. de L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

\_\_\_\_\_. *O que é lazer?* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos)

CARLOS, S. A.; JACQUES, M. da G.; HEREDIA, O. C. Identidade, aposentadoria e terceira idade. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 1, p. 77-88, 1999.

COULSON, M.; RIDDEL, D. S. *Introdução crítica à sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

CUMMING, E.; HENRY, W. E. *Growing old: the process of disengagement*. New York: Basic Books, 1961.

CUNHA, N. *A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G. G. *Antropologia e envelhecimento*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994. (Textos Didáticos, 13. p. 7-30)

\_\_\_\_\_. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. de (org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

\_\_\_\_\_. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1999a.

\_\_\_\_\_. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (org.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999b. p. 41-68.

\_\_\_\_\_; SIMÕES, J. de A. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. In: DEBERT, G. G. *Antropologia e envelhecimento*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994. (Textos didáticos, 13)

\_\_\_\_\_. Terceira idade e solidariedade entre gerações. In: DEBERT, G. G.; GOLDSTEIN, D. M. (orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. *Sociologia empírica do lazer*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. *La révolution culturelle du temps libre, 1968-1988*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1988.



ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

\_\_\_\_\_. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ERBOLATO, R. M. P. L. *Universidade da terceira idade: avaliações de alunos e ex-alunos*. Campinas: Instituto de Psicologia – PUCCAMP, 1996.

ERICKSON, E. *Adolescence et crise – La quête de l’identité*. Paris: Flammarion, 1972.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *The nuer*. Oxford: University Press, 1972.

FALEIROS, M. I. L. *Repensando o lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. Trad. Deborah Stuchi. In: DEBERT, G. G. et al. (org.). *Antropologia e velhice*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994. (Textos Didáticos, 13)

\_\_\_\_\_. Post bodies, aging and virtual seality. In: \_\_\_\_\_.; WERNICK, A. (orgs.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge, 1995. p. 227-244.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Trad. Kátia de Mello e Silva. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 7. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1990.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da práxis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GAEZLER, L. *Lazer: benção ou maldição?* Porto Alegre: Sielena/UFRS, 1979.

GANDRA, A. de A.; GOMES, C. L. G. Lazer e cultura: estudos sobre a viabilização de projetos de lazer por meio dos incentivos proporcionados pela Lei Rouanet. *Licere*, Belo Horizonte: CELAR/UFGM, v. 8, n. 1, p. 37-51, 2005.

GEERTZ, C. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa, 1992.

GOMES, C. L. Lazer – concepções. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

GOMES, C. M. *Pesquisa científica em lazer no Brasil: bases documentais e teóricas*. Dissertação. Escola de Comunicações e Artes da USP. Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004b.

GUILLERMARD, A. M. *La Vieillesse et l'État*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

\_\_\_\_\_. *Le declin du social*. Paris: PUF, 1986.

\_\_\_\_\_. La naissance du troisième âge. In: MENDRAS, H. (org.). *Les champs de la sociologie française*. Paris: A. Colin, 1989. p. 87-96.

GURVITCH, G. *La multiplicité des temps sociaux*. Paris: CDU, 1961.

HADDAD, E. G. de M. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

HAREVEN, T. K. Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 13, 1999.

HAVIGHURST, R. Personality and patterns of aging. *The Gerontologist*, v. 8, p. 20-23, 1968.

KLEIBER, D. A. Implicaciones del compromiso y la separación como experiencias de ócio reltivas al desarrollo humano. In: CABEZA, M. C. *Ocio y desarrollo humano: propuestas para el 6º congreso mundial de ocio*. Bilbao: Artes Gráficas Rontegui, 2000. p. 65-74.

LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1999.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LEMIEUX, A. The university of the third age: role of senior citizens. *Educational Gerontology*, n. 21, p. 337-344, 1995.

LENOIR, R. L' invention du troisième age. Constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. *Actes de la Rechercheen Sciences Sociales*, n. 26-27, p. 57-82, 1979.

\_\_\_\_\_. *Securité sociale et lévolution des formes de codifications des structures familiales*. v. 4. Paris: EHESS, 1984. (Thèse de Doctorat.).

\_\_\_\_\_. Objet sociologique et probleme social. In: CHAMPANHE, P.; LENOIR, R.; MERLLIÉ, L. P. D. *Initiation la pratique sociologique*. Paris: Dunod, 1996. p. 51-100.

LEWIN, K. Conduta, conhecimento e aceitação de novos valores. In: OLIVEIRA, P. de S. (org.). *O lúdico na cultura solidária*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 197-208.

LIMA, M. A. *A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UNATI/UERJ*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LOTUFO, P. *Como funciona a transição demográfica*. 2007. Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/transiçãodemográfica5.html>>. Acesso em: 18 jul. 2007.

LOUSADA, M. A. *Espaços de sociabilidade em Lisboa, finais do século XVIII a 1834*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1995.

MACEDO, C. C. *Tempo de gênese: o povo das comunidades eclesiais de base*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na Metrópole. In: \_\_\_\_\_.; TORRES, L. L. (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: USP/FAPESP, 1996.

\_\_\_\_\_. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

\_\_\_\_\_. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. 2006. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte2.html>>. Acesso em: 26 jul. 2006.

MARCASSA, L. *A invenção do lazer: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1988-1935)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

\_\_\_\_\_. As faces do lazer: categorias necessárias à sua compreensão. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 15., 2003, Santo André. *Anais...* Santo André: s.ed., 2003. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Lazer-educação. In: GOMES, C. L. (org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 123-133.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e humanização*. 3. ed. Campinas: Papirus, 1983.

\_\_\_\_\_. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.

\_\_\_\_\_. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. (org.). *Lazer e esporte: políticas públicas*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARTINS DE SÁ, J. L. Extensão universitária na área da gerontologia – a produção das instituições brasileiras de ensino superior. Campinas: Faculdade de Serviço Social da PUCCAMP, 1999.

MARX, K. *Livro primeiro: do capital*. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os pensadores)

MASCARENHAS, F. *Lazer e grupos sociais: concepções e método*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_. Lazer e trabalho: liberdade ainda que tardia. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 2., 2001, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Imprensa Universitária/CELAR/DEF/UFMG, 2001. p. 81-93.

MEAD, G. H. *Espiritu, persona y sociedade*. Barcelona: Editorial Paidôs, 1982. (1. ed. 1934)

MEDEIROS, E. B. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

MÉDICI, A. C.; BELTRÃO, K. I. Transição demográfica no Brasil: uma agenda para pesquisa. *Planejamento e políticas públicas*, n. 12, jun/dez. 1995.

MELO, V. A. de; ALVES JUNIOR, E. de D. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003.

MOREL, M. Sociabilidade entre luzes e sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

MUNNÉ, F. *Psicosociologia del tiempo libre: un enfoque critico*. México: Trilhas, 1980.

NERI, A. L. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea, 2001.

\_\_\_\_\_.; FREIRE, S. A. (orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, F. de. *O banquete e o sonho*. Ensaio sobre economia brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1976.

OMRAM, A. R. The epidemiologic transition: a theory of the epidemiology of population change. *Bulletin of the World Health Organization*, v. 79, n. 2, p. 161-170, 2001.

PADILHA, V. *Tempo livre e capitalismo: um par em perfeito*. Campinas: Alínea, 2000.

\_\_\_\_\_. *Shopping center: a catedral das mercadorias e do lazer reificado*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PALMA, L. T. S. *Educação permanente e qualidade de vida*. Indicativos para uma velhice bem sucedida. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.

PARKER, S. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEIXOTO, C. E. De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. P. (org.). *Terceira idade: desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UNATI/UERJ, 1997.

\_\_\_\_\_. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

PRATA, L. E. Os programas especificamente destinados à população de idosos. In: SEADE – FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SP). *O idoso na grande São Paulo*. São Paulo: SEAD, 1990. (Coleção Realidade Paulista)

REQUIXA, R. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

\_\_\_\_\_. *Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

RODRIGUES, N. C. Aspectos sociais da aposentadoria. In: SCHONS, C. R.; PALM, L. S. (orgS.). *Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre gerontologia social*. Passo Fundo: UPE, 2000. p. 21-25.

SANT'ANNA, D. B. *O prazer justificado: história e lazer* (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero/MCT/CNPQ, 1994.

SANTOS, M. de F. de S. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990.

SCHWARTZ, G. M. Lazer e psicologia do esporte: uma relação de emergência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE: 25 anos de história: o percurso do CBCE na educação física brasileira, 13., 2003, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

SIQUEIRA, M. E. C. de. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: NERI, A. L. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 100-105.

SUE, R. De la sociologie du loisir à la sociologie des temps sociaux. *Sociétés: Revue de Sciences Humaines et Sociales*, Paris, n. 32, 1991.

\_\_\_\_\_. *Temps et order social*. Paris: PUF, 1995.

SWINDELL, R.; THOMPSON, J. An international perspective on the University of the Third Age. *Educational Gerontology*, v. 21, n. 5, p. 429-447, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. *Universidade aberta à Terceira Idade*. Folheto Informativo. Goiás: Universidade Católica de Goiás, 1996.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS. Disponível em: <[www.unisantos.com.br](http://www.unisantos.com.br)>. Acesso em: 15 mar. 2005.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <[www.unati.uerj.br](http://www.unati.uerj.br)>. Acesso em: 17 jul. 2007.

VELLAS, P. *Lê troisième soufflé*. Paris: Grasset, 1997.

VELOSO, E. M. da C. *Políticas e contextos educativos para os idosos: um estudo sociológico numa Universidade da Terceira Idade em Portugal*. Braga: Universidade do Minho, 2004.

VERAS, R. P.; CAMARGO, J. R. K. R. de. Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida. In: VERAS, R. P. (org.). *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Dumará, 1995.

VIANNA, H. M. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano, 2003.

WERNECK, C. L. G. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: UFMG/CELAR-DEF/UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. O lazer na sociedade contemporânea: via de diferenciação entre classes e grupos sociais ou estratégia de mobilização e engajamento político. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 3., 2002, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2002.

\_\_\_\_\_. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. (orgs.). *Lazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WAICHMAN, P. *Tempo livre e recreação*. Campinas: Papirus, 1997.



WILLMOTT, P.; YOUNG, M. *Family and class in a Londres, suburb*. London: Routledge/Keagan Paul, 1960.

ZALUAR, A. *A máquina e a revolta*. As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

## APÊNDICES

### Apêndice 1 – Relação das Universidades da Terceira Idade localizadas pelo estudo exploratório

#### REGIÃO SUL:

ESTADO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	NOME DO PROGRAMA
Paraná	Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória	Faculdade Aberta à Terceira Idade
	Universidade do Oeste do Paraná	Universidade da Terceira Idade
	Universidade Estadual do Centro-Oeste	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de Londrina	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de Maringá	Programa Multidisciplinar de Estudos e Apoio à Terceira Idade
	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Universidade Aberta para a Terceira Idade
Santa Catarina	Universidade Federal de Santa Catarina	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
	Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina	Grupo de Estudos da Terceira Idade
	Universidade Regional Blumenau	Programa de Atualização Permanente
Rio Grande do Sul	Universidade Cândido Mendes	Universidade da Terceira Idade
	Universidade Castelo Branco	Universidade da Terceira Idade
	Universidade Católica de Pelotas	Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade
	Universidade de Caxias do Sul	Universidade da Terceira Idade
	Universidade de Passo Fundo – <i>campus</i> Soledade	Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade
	Universidade de Passo Fundo – <i>campus</i> Carazinho	Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade
	Universidade de Passo Fundo	Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade
	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Núcleo Temático da Terceira Idade
	Universidade Estácio de Sá	Universidade da Maturidade
	Universidade Federal de Santa Maria	Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade
	Universidade Federal de Rio Grande do Sul	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Federal de Pelotas	Programa da Terceira Idade
	Universidade Luterana do Brasil	Programa de apoio a Estudantes da Terceira Idade
	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – <i>campus</i> Santo Ângelo (URISAN)	Universidade Aberta para a Terceira Idade

#### REGIÃO SUDESTE

ESTADO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	NOME DO PROGRAMA
Espírito Santo	Fundação Educacional Presidente Castelo	Universidade Aberta à Terceira Idade de Colatina
	Centro Universitário São Camilo	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Federal do Espírito Santo	Universidade Aberta à Terceira Idade
Minas Gerais	Centro Universitário de Caratinga (UNEC)	Universidade Aberta
	Fundação Mineira de Ensino e Cultura	Núcleo de Estudos e Escola da Terceira Idade
	Universidade Federal de Juiz de Fora	Universidade com a Terceira Idade
	Universidade Federal de Minas Gerais	Universidade Aberta para a Terceira Idade
	Universidade Federal de Ouro Preto	Atividade na Terceira Idade

	Universidade Federal de Uberlândia	Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade
	Universidade de Pouso Alegre	Universidade para o bem viver
	Universidade Vale do Rio Doce	Universidade da Terceira Idade
Rio de Janeiro	Faculdades Integradas Hélio Afonso	Universidade da Terceira Idade
	Instituto Metodista Bennett	Faculdade de Cultura e Existencialidade
	Universidade Estadual do Rio de Janeiro	Universidade Aberta da Terceira Idade
	Universidade Gama Filho	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Unigranrio	Universidade da Terceira Idade
	Universidade Veiga de Almeida	Universidade da Terceira Idade
São Paulo	Centro Universitário Salesiano de São Paulo	Faculdade Aberta à Idade Ativa
	Centro Universitário de Santo André	Núcleo de Pesquisas e ações para a Terceira idade
	Escola de Sociologia e Política de São Paulo	Escola Livre da Terceira Idade
	Faculdade de Belas Artes	Faculdade Aberta da Terceira Idade
	Faculdades Claretianas	Faculdade da Terceira Idade
	Faculdade Editora Nacional	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Faculdades Integradas Fefisa	Faculdade da Terceira Idade
	Faculdades Integradas Coração de Jesus	Faculdade Aberta da Terceira Idade
	Faculdades Integradas Tereza D'Avila	Faculdade Aberta à Terceira Idade
	Faculdades Integradas de Ourinhos	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal de Garça (FAEF)	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Faculdade Jaguariúna	Faculdade Aberta da Terceira Idade
	Faculdade Maria Augusta	Faculdade Aberta à Terceira Idade
	Faculdade de Sant'Anna	Universidade Sênior de Sant'Anna
	Fundação de Ensino Octávio Bastos	Faculdade da Terceira Idade
	Fundação de Ensino para Osasco	Faculdade da Terceira Idade
	Fundação Educacional de São Carlos	Faculdade à Terceira Idade
	Fundação Instituto Tecnológico de Osasco	Faculdade à Terceira Idade
	Instituto Coração de Jesus	Faculdade da Terceira Idade
	Instituto de Educação Costa Braga	Faculdade Aberta para a Terceira Idade
	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	Faculdade da Terceira Idade
	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Faculdade Aberta para a Terceira Idade
	Universidade Anhembi Morumbi	Grupo da Terceira Idade
	Universidade Braz Cubas	Faculdade da Terceira Idade
	Universidade Católica de Santos	Faculdade para a Terceira Idade
	Universidade de Guarulhos	Universidade Aberta da Terceira Idade
	Universidade de Santo Amaro	Universidade da Terceira Idade
	Universidade de São Paulo	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade de São Paulo – <i>campus</i> Piracicaba	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade de São Paulo – <i>campus</i> São Carlos	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade de São Paulo – <i>campus</i> Pirassununga	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade de São Paulo – <i>campus</i> Bauru	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade de São Paulo – <i>campus</i> Ribeirão Preto	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade do Sagrado Coração	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de São Paulo – <i>campus</i> Araraquara	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de São Paulo – <i>campus</i> Assis	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de São Paulo – <i>campus</i> Bauru	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de São Paulo – <i>campus</i> Franca	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de São Paulo –	Universidade Aberta à Terceira Idade

	<i>campus</i> Guaratinguetá	
	Universidade Estadual de São Paulo – <i>campus</i> Presidente Prudente	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de São Paulo – <i>campus</i> Rio Claro	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de São Paulo – <i>campus</i> São José do Rio Preto	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de São Paulo – <i>campus</i> São Paulo	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Federal de São Paulo	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Metodista de Piracicaba	Universidade da Terceira Idade
	Universidade Metodista de Piracicaba – <i>campus</i> Santa Bárbara d'Oeste	Universidade da Terceira Idade
	Universidade Metodista de Piracicaba – <i>campus</i> Lins	Universidade da Terceira Idade
	Universidade Metodista de São Paulo	Universidade Livre da Terceira Idade

## REGIÃO CENTRO-OESTE

ESTADO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	NOME DO PROGRAMA
Distrito Federal	Universidade de Brasília	Núcleo de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade
Goiás	Universidade Católica de Goiás	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual de Goiás – Esefego Goiânia	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Federal de Goiás – <i>campus</i> Jataí	Projeto de Atendimento ao Idoso
Mato Grosso		
Mato Grosso do Sul	Fundação Educacional Unificada Campo Grandense	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande	Universidade da Melhor Idade

## REGIÃO NORDESTE

ESTADO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	NOME DO PROGRAMA
Alagoas	Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas	Universidade Aberta à Terceira Idade (UNCISAL)
Rio Grande do Norte	Faculdade de Natal	Universidade Aberta Para a Terceira Idade
	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Promoção da saúde como um instrumento de inclusão para a melhoria da qualidade da vida na Terceira Idade
	Universidade Potiguar	Faculdade Aberta para a Terceira Idade
Bahia	Universidade Estadual de Feira de Santana	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	Universidade Aberta com a Terceira Idade
	Universidade do Estado da Bahia	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Associação e Educação Cultural da Bahia	Faculdade Livre da Terceira Idade
	Universidade Estadual de Santa Cruz	Universidade da Terceira Idade
	Universidade Católica de Salvador	Universidade Aberta à Terceira Idade
Ceará	Faculdade 7 de setembro	Universidade de Gerações
	Universidade Estadual do Ceará	Universidade sem Fronteira
	Universidade Federal do Ceará	Universidade para a Terceira Idade
Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco	Universidade Aberta à Terceira Idade
Piauí	Universidade Estadual do Piauí	Universidade Aberta à Terceira Idade
	Universidade Federal do Piauí	Programa Terceira Idade em Ação
Sergipe	Universidade Federal de Sergipe	Núcleo de Pesquisa e Ações para a Terceira Idade
Maranhão	Universidade Estadual do Maranhão	Universidade Integrada da Terceira Idade
	Universidade Federal do Maranhão	Universidade Integrada da Terceira Idade

## REGIÃO NORTE

ESTADO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	NOME DO PROGRAMA
Acre	Universidade Federal do Acre	Universidade Aberta da Terceira Idade
Amazonas	Universidade Federal do Amazonas Universidade Luterana do Brasil	Universidade da Terceira Idade Adulta Universidade Aberta à Terceira Idade
Pará	Universidade Federal do Pará	Universidade da Terceira Idade
Rondônia	Universidade Luterana do Brasil	Universidade para a Terceira Idade

**Apêndice 2 – Roteiro da entrevista realizada com os alunos**

- 1- Há quanto tempo participa desse programa?
- 2- Onde você mora? Qual a distância da instituição? Como se locomove até aqui?
- 3- Como você ficou sabendo do programa?
- 4- Por qual motivo você frequenta este programa?
- 5- O que você busca neste programa?
- 6- Do programa oferecido. Do que você participa especificamente? Fez essa escolha por qual motivo? Se for mais de uma: Qual delas mais gosta? Quais são seus objetivos ao participar dessas atividades?
- 7- Com que frequência vem aqui? Só vem no dia da sua atividade? Vem só por causa da atividade ou vem fazer outras atividades?
- 8- Qual o tempo de permanência nos dias de frequência?
- 9- Você participa de outras atividades propostas por esta associação?
- 10- Praticava alguma atividade de lazer antes da aposentadoria ou não? Caso afirmativo quais? Caso negativo por qual motivo? E agora?
- 11- Qual sua participação fora da instituição em outras associações ou outras atividades?
- 12- Do ponto de vista educacional este programa acrescenta ou não a seu repertório de conhecimentos? Caso afirmativo o que acrescenta? Caso negativo, por qual motivo?
- 13- Dentro do programa você participa ou não de atividades de lazer? Se sim, quais? Se não, por qual motivo?
- 14- O que é lazer para você? Você considera aqui um espaço de lazer? Por qual motivo?
- 15- Você teve algum momento de lazer que considera importante nesse espaço ou não? Caso afirmativo, qual o momento de lazer mais importante que você se lembra?
- 16- Participar desta instituição representa alguma coisa para você? Se sim, por quê?
- 17- Você considera esta instituição um programa educacional, um programa de lazer, ou nenhum dos dois? Por qual motivo?

### **Apêndice 3 – Roteiro da entrevista realizada com os coordenadores dos programas**

- 1- Qual seu vínculo com a associação?
- 2- Como surgiu a idéia de fazer um trabalho com idosos e aposentados no âmbito dessa associação? Como surgiu a UNATI? Como ela se estruturou?
- 3- Em que esse programa se diferencia dos demais?
- 4- Fale um pouco sobre a proposta e os objetivos do programa.
- 5- Como é elaborada a programação, com base em que foram criadas as oficinas?
- 6- Neste tempo de coordenação, quais dificuldades encontrou na coordenação do programa?
- 7- Quem são os profissionais envolvidos na organização das atividades?
- 8- O professor tem um programa a ser seguido? Esse programa tem objetivos explicitados?
- 9- Os professores relatam dificuldades encontradas para atuação com idosos ou não? Se sim, quais são as maiores?
- 10- Os idosos contribuem na gestão deste espaço? Na organização das atividades? De que forma?
- 11- Baseado nas suas observações trace um perfil dos idosos frequentadores.
- 12- Tem algum critério para ingresso no programa, como por exemplo a idade?
- 13- De acordo com suas observações, quais são as atividades mais frequentadas pelos alunos dentro do programa?
- 14- O programa oferece alguma atividade de lazer?
- 15- O programa tem uma proposta de lazer explícita em documentos ou não? Fale um pouco dela.
- 16- O que você entende por lazer?

## Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ESCLARECIMENTO:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma.

Nome do aluno: \_\_\_\_\_

Pesquisador responsável: Professora Minéia Carvalho Rodrigues

O presente trabalho, “As formas de lazer configuradas nas Universidades da Terceira Idade”, visa identificar que tipo de lazer se configura na representação do contexto institucional das Universidades da Terceira Idade. Para obtenção de informações necessito realizar uma entrevista com você, que será gravada para facilitar o registro das informações. A entrevista será realizada por mim, num local e hora que a senhora indicar. Assumo o compromisso de manter sigilo quanto à sua identidade, pois todas as informações aqui coletadas somente serão utilizadas para fim de pesquisa, podendo ser utilizados apenas com fins de publicação e produção de informações científicas, com o intuito de buscar a melhoria da qualidade de ensino das instituições da terceira idade. As fitas gravadas serão guardadas em local seguro, sob a minha responsabilidade. Também garanto que o desenvolvimento da pesquisa não envolve riscos e desconfortos à sua saúde. Todas as dúvidas em relação à pesquisa serão devidamente esclarecidas. A senhora pode se negar a participar desse estudo sem nenhum dano ou penalização.

O trabalho a ser desenvolvido não trará nenhum dano à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual dos sujeitos em todas as suas fases, tendo sua adequação e concordância com os dispositivos da Resolução 196/96.

### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, venho por meio desta manifestar meu consentimento em participar dessa pesquisa.

- 1- Garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de dúvidas sobre a entrevista, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
- 2- Liberdade de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo .....
- 3- Segurança de que não serei identificado e de que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada à minha privacidade;
- 4- Segurança de que serei informado dos resultados da pesquisa e os benefícios que podem advir da mesma;
- 5- Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, entrarei em contato com Minéia Carvalho Rodrigues pelo telefone (19) 3289 4904 ou pelo celular .....

Assim, declaro que tendo compreendido o exposto desejo participar da pesquisa e não me oponho que ela seja gravada.

Campinas, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Entrevistada

RG:



**Apêndice 5 – Ficha de Informações Sociodemográficas****FICHA DE INFORMAÇÕES SOCIODEMOCRÁFICAS**

1. Data de Nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

2. Sexo            Masculino     \_\_\_\_  
                    Feminino        \_\_\_\_

3. Estado Civil      Casado                \_\_\_\_  
                            Solteiro               \_\_\_\_  
                            Viúvo                  \_\_\_\_  
                            Desquitado, divorciado, separado     \_\_\_\_

4. Escolaridade      Não alfabetizado    \_\_\_\_  
                            Ensino Básico (1ª a 4ª Série) \_\_\_\_  
                            Ensino Fundamental (5ª a 8ª Série) \_\_\_\_  
                            Ensino Médio                \_\_\_\_  
                            Graduação                    \_\_\_\_

5. Profissão            \_\_\_\_\_

6. Trabalha?           Sim     \_\_\_\_  
                            Não     \_\_\_\_

Se trabalha, qual a ocupação? \_\_\_\_\_

7. Somente para as mulheres: É dona de casa?    Sim     \_\_\_\_  
    Não     \_\_\_\_

8. É aposentado?    Sim     \_\_\_\_  
                            Não     \_\_\_\_

9. É pensionista?    Sim     \_\_\_\_  
                            Não     \_\_\_\_

10. Atualmente de onde vem a maior parte de seus rendimentos?

Salário                            \_\_\_\_  
Aposentadoria                \_\_\_\_  
Pensão                            \_\_\_\_  
Seguro                            \_\_\_\_  
Ajuda de filhos                \_\_\_\_  
Rendimentos (aluguéis, juros) \_\_\_\_  
Ajuda de outros familiares    \_\_\_\_  
Ajuda de outras pessoas        \_\_\_\_

11. Com quem mora?      Sozinho      \_\_\_\_\_  
   Com o cônjuge      \_\_\_\_\_  
   Com filhos      \_\_\_\_\_  
   Com cônjuge e filho(s)      \_\_\_\_\_  
   Com cônjuge, filho(s) e neto(s)      \_\_\_\_\_  
   Com amigos      \_\_\_\_\_  
   Com outros parentes      \_\_\_\_\_  
   Outros      \_\_\_\_\_
12. É o principal responsável pelo sustento da família?      Sim      \_\_\_\_\_  
   Não      \_\_\_\_\_
13. Se não é o principal responsável, dá alguma contribuição para o sustento da família?      Sim      \_\_\_\_\_  
   Não      \_\_\_\_\_